«Correndo para O alcançar»

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rimini 2014

«Correndo para O alcançar»

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rimini 2014

© 2014 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón
Tradução de Ana Maria Coimbra Gonçalves

Na capa: Eugène Burnand, *Os discípulos Pedro e João correm ao sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Museu d'Orsay, Paris.

«O Papa encarregou-me de vos trazer a sua saudação, a sua saudação afectuosa, o seu encorajamento, e de vos dizer que sabe que pode realmente contar convosco para essa conversão pastoral no sentido missionário, ao qual chama toda a Igreja na Evangelii Gaudium*, o documento que foi definido como "programático" deste pontificado. Uma missionariedade que vai no sentido da atractividade.»*

***Cardeal Pietro Parolin**, Secretário de Estado de Sua Santidade.*
Da saudação antes da bênção final, sábado 5 de Abril de 2014

Sexta-feira 4 de Abril, noite

À entrada e à saída:
Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7
Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker
"Spirto Gentil" n. 3, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO
Julián Carrón

«Correndo para O alcançar».[1] Quem não gostava de estar aqui esta noite com a mesma expressão toda escancarada, toda ansiosa, toda desejosa, cheia de espanto, de Pedro e João a caminho do sepulcro na manhã de Páscoa?[2] Qual de nós não desejaria estar aqui com aquela tensão à procura de Cristo, que vemos nas caras deles, com o coração cheio daquela expectativa de encontrá-Lo ainda, de revê-Lo de novo, de ser atraído, fascinado como no primeiro dia? Mas qual de nós espera verdadeiramente que possa acontecer uma coisa como esta?

Como a eles, a nós também nos custa dar crédito ao anúncio das mulheres, quer dizer, reconhecer o facto mais perturbador da história, dar-lhe espaço dentro de nós, acolhê-lo no coração para que nos transforme. Também nós, como eles, sentimos a necessidade de ser novamente aferrados, para se reacender em nós toda a saudade de Cristo.

Peçamos juntos ao Espírito Santo que reacenda em cada um de nós a expectativa, o desejo d'Ele.

Vinde, Espírito Criador

Bem-vindos!

Saúdo cada um de vocês aqui presentes, todos os amigos que estão unidos a nós em diversos países e todos aqueles que vão fazer os Exercícios em diferido nas próximas semanas.

Dois factos marcaram o nosso caminho nos últimos meses: a Jornada de Início de Ano e a minha audiência com o Papa Francisco.

Na Jornada de Início de Ano pusemos como tema duas perguntas: «Como viver? O que estamos a fazer no mundo?» Fazendo-nos estas per-

[1] Cf. *Fil* 3,12.
[2] Ver o quadro de Eugène Burnand (1850-1921): *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, Óleo sobre tela, 1898, Museu d'Orsay, Paris.

guntas, naquela ocasião, vimos que o que mais necessitamos é sermos cada vez mais uma presença original, não reactiva. *Don* Giussani recordava-nos: «Uma presença é original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência.»[3]

Desde então passaram-se vários meses e temos sido desafiados por muitos acontecimentos. O que é que sucedeu perante as provocações que o real não nos poupou? Estes dias são uma oportunidade preciosa para ver como verificámos a proposta que nos fizemos no início do ano. O impacto dos desafios fez vir ao de cima a nossa originalidade? Verificámos a nossa consistência ou será que nos deixámos levar pela mentalidade de todos, sem conseguir ir além de uma posição reactiva?

A audiência com o Papa Francisco, cujo conteúdo foi retomado na carta que a seguir enviei à Fraternidade, pôs em evidência desde o primeiro instante aquilo que mais interessa ao Santo Padre como pastor de toda a Igreja. Não me parece supérfluo voltar a ela no início dos nossos Exercícios.

O que é que mais interessa ao Papa? Ele disse-o com o seu estilo sintético: a nova evangelização, a urgência de «despertar no coração e na mente a vida da fé dos nossos contemporâneos. A fé é um *dom* de Deus, mas é importante que nós, cristãos, demonstremos que vivemos a fé de maneira concreta, através do amor, da concórdia, da alegria e do sofrimento, porque isto desperta interrogações, como no início do caminho da Igreja: por que vivem assim? O que os impele? […] [O] cerne da evangelização […] o *testemunho* da fé e da caridade. Do que precisamos, especialmente nesta época, são testemunhas credíveis que, com a vida e também com a palavra, tornem o Evangelho visível, despertem a atracção por Jesus Cristo e pela beleza de Deus. […] São necessários cristãos que tornem visível aos homens de hoje a misericórdia de Deus, a sua ternura por todas as criaturas.»[4]

O que mais interessa ao Papa é, pois, a missão. «A nova evangelização é um movimento renovado rumo àqueles que perderam a fé e o sentido profundo da vida. Este dinamismo faz parte da grande missão de Cristo, de trazer a vida ao mundo, o amor do Pai pela humanidade. O Filho de Deus "saiu" da sua condição divina e veio ao nosso encontro. A Igreja encontra-se no interior deste movimento, e cada cristão é chamado a ir ao encontro do seu próximo, a dialogar com quantos não pensam como nós, com aqueles que seguem outro credo ou com quantos não têm fé. É

[3] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Milão, BUR, 2006, p. 52.
[4] Francisco, *Discurso aos participantes do Plenário do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*, 14 de Outubro de 2013, 1.

preciso encontrar o próximo, porque aquilo que nos irmana é o facto de termos sido todos criados à imagem e semelhança de Deus. Podemos ir ao encontro de todos, sem medo e sem renunciar à nossa pertença.»[5]

O Papa também identificou com clareza o método: o apelo ao essencial. Ir «até às periferias da humanidade», escreve, «exige o compromisso […] que chame ao essencial e que esteja *bem centrado no essencial, ou seja, em Jesus Cristo*. É inútil dispersar-se em numerosas actividades secundárias ou até supérfluas, mas é preciso concentrar-se na realidade fundamental, que é o encontro com Cristo, com a sua misericórdia, com o seu amor, amando os nossos irmãos como Ele mesmo nos amou.» Isso «nos impele também a percorrer caminhos novos com coragem, sem nos fossilizarmos! Poderíamos perguntar-nos: como é a pastoral das nossas dioceses e paróquias? Ela torna visível o essencial, ou seja, Jesus Cristo?»[6]

Na carta após a audiência escrevi: «Peço-lhes que acolham como dirigida a nós – especialmente a nós que nascemos somente para isto, como testemunha toda a vida de *Don* Giussani – a pergunta do Papa Francisco: cada um de nós, cada comunidade do nosso Movimento, "torna visível o essencial, isto é, Jesus Cristo"?»[7] Diante das circunstâncias históricas por meio das quais o Mistério desafiou cada um de nós, tornámos visível o essencial ou dispersámo-nos em tantas coisas secundárias e supérfluas?

Com a sua chamada ao essencial, o Santo Padre mostra-nos para onde ele olha, a fim de responder ao desafio de viver hoje a fé no nosso mundo. A chamada ao essencial é uma indicação crucial de método.

Por isso, a questão fundamental é: o que é para nós o essencial? O essencial é aquilo que responde à pergunta sobre como viver. O que é para cada um de nós o essencial? Nenhuma pergunta é mais pertinente que esta para o início dos nossos Exercícios, justamente pela sua radicalidade. «Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro.»[8] Esta frase de Jesus diz-nos que cada um de nós só pode afirmar uma coisa como última, já que a unidade do eu humano é inelutável. Por isso, perante as provocações da vida cada um é forçado a decidir qual é a coisa última que preza mais que nenhuma outra. O impacto das circunstâncias não nos deixa saída, obriga-nos a revelar o que temos de mais caro.

---

[5] *Id.*, 2.
[6] *Id.*, 3.
[7] J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 16 de Outubro de 2013.
[8] *Mt* 6,24.

Como podemos surpreender, sem enganos, o que é para nós o essencial? O método ensinou-o sempre *don* Giussani: surpreendendo-nos em acção, na experiência. Porque «os factores que constituem o humano manifestam-se [e nós tomamos consciência deles] onde quer que se empenhem na acção; caso contrário, não são detectáveis […]. Quanto mais alguém está empenhado na vida, tanto mais capta na experiência pessoal os próprios factores da vida. A vida é um tecido de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência, produzindo nela certos problemas em variada medida. O problema não é senão a expressão dinâmica de uma reacção a esses encontros. É portanto um tecido de problemas, uma trama de eventos suscitados pelos encontros, muito ou pouco provocadores. O significado da vida – o das coisas mais pertinentes e importantes da vida – é um nível apenas alcançável para quem leva a vida a sério com os seus acontecimentos e encontros; para quem está empenhado na problemática da vida. Estar empenhado com a vida não se refere ao exasperado compromisso com um ou outro dos seus aspectos: o compromisso com a vida nunca é parcial. O empenho num ou noutro aspecto da vida, se não for vivido como consequência de um compromisso global com a própria vida, arrisca-se a tornar-se parcialidade desequilibradora, uma fixação, uma histeria. Recordo uma palavra de Chesterton: "O erro é uma verdade enlouquecida"». Por isso «a condição para se poder descobrir em nós a existência e a natureza de um elemento condutor e decisivo como é o sentido religioso, é o compromisso com a vida inteira, em que tudo se inclui: amor, [trabalho,] estudo, política, dinheiro, até o alimento e o repouso, sem nada deixar de parte, nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a cólera, nem a paciência. Na verdade, em cada gesto reside um passo para o nosso destino».[9]

Então o que é que sucede quando alguém se compromete com todos os factores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais uma pessoa vive, mais se manifesta aos seus olhos a natureza da sua necessidade. E quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais nos apercebemos de que não as podemos resolver por nós, nem os outros podem, homens como nós, pobres coitados como nós. «O sentido de *impotência* acompanha toda a experiência séria de humanidade. É este sentido de impotência que dá origem à *solidão*. A verdadeira solidão não provém tanto do facto de se estar só fisicamente como de descobrir que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentido da solidão nasce no próprio coração de todo o compromisso sério com a nossa humanidade.»[10]

[9] L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Lisboa, Verbo, 2011, p. 56-57.
[10] L. Giussani, *O Caminho para a Verdade é uma Experiência*, Coimbra, Tenacitas, 2007, p. 79.

É precisamente este sentido de impotência, no qual em última instância consiste a solidão e que cada um de nós experimenta na vida, que tem de encontrar resposta. Sem esta resposta tudo o resto é distracção.

Estamos a sós com a nossa necessidade, que se comprova além disso em muitas das perguntas que têm surgido nestes meses. Ora, se é esta a nossa situação, o que é que nos permite permanecer de pé? Por outras palavras: o que é o essencial de que precisamos para viver como homens, segundo toda a profundidade da nossa exigência? O que é *para nós* o essencial? Não há outra forma de detectar o que é essencial para nós a não ser surpreendendo, na experiência, de onde é que nós esperamos a resposta à necessidade do viver.

Pode ser fácil e até óbvio, evidente, por causa da educação que recebemos, responder de imediato: para nós o essencial é Cristo, a presença de Cristo. Mas não nos podemos safar assim com tanta facilidade. Uma resposta mecânica não basta. Com efeito, muitas vezes, observando-nos em acção, temos de render-nos à evidência de que o essencial para nós está noutro lugar.

O critério para descobrir isto é dado pelo santo Evangelho: «Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.»[11] Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o essencial da vida e a surpresa de tantas vezes na experiência não ser assim. Aqui sobressai a diferença entre a intenção e a experiência. Podemos descobrir então que, mesmo de boa fé, o essencial passou a ser outra coisa e deixou de ser Cristo; e abalançámo-nos sobre outra coisa, porventura até em nome daquele essencial que, ainda assim, continua a ser citado nos nossos discursos.

É decisivo assimilar o que estamos a dizer para não reduzir mos logo tudo ao problema dos nossos erros ou das nossas fragilidades quotidianas, das nossas incoerências morais. Quando se acentua a distância entre intenção e experiência, o que está em causa não é acima de tudo a coerência, não é quantas vezes erramos, mas sim o que nos define mesmo quando erramos; ou seja, o que está em causa é o conteúdo da autoconsciência, qual é o ponto real de consistência, o que é que efectivamente perseguimos e amamos na acção, o que é para nós o essencial. De facto, podemos ser incoerentes e estar centradíssimos no essencial, como a criança – de que tantas vezes nos falou *don* Giussani –, que faz trinta por uma linha, faz a mãe perder a cabeça mil vezes ao dia, mas no centro do seu olhar não está senão a mãe. Ai se a levassem para longe dela! Punha-se aos berros, ficava desesperada.

[11] *Mt* 6,21.

Por isso, o desfasamento entre intenção e experiência não tem nada a ver com o *gap* entre teoria e aplicação, mas mostra que o conteúdo da consciência e da afeição "de facto" é (passou a ser) outro, independentemente da coerência-incoerência ética. Como a dizer que, sem o notarmos, muitas vezes nos desviámos, orientámos o nosso olhar para outro lado, nos centrámos noutra coisa (o essencial não foi negado, mas transformou-se num *a priori*, num postulado que ficou para trás e não define quem somos, a nossa identidade pessoal e o nosso rosto hoje no mundo).

A nossa história tem demonstrado isto de modo particularmente evidente em alguns momentos, como veremos amanhã. Basta por agora recordar quanto *don* Giussani nos disse, como retomámos na Jornada de Início de Ano: «O projecto tinha substituído a presença»[12] sem nos apercebermos.

O que é que nos permite olhar tudo, até mesmo os erros, até esta falta de autoconsciência, sem medo, livres da tentação de justificar-nos (como os publicanos, que iam ter com Jesus porque só com Ele podiam ser eles próprios, sem terem de negar nada de si mesmos; por isso O procuravam, por isso tinham necessidade de voltar a Ele: para poderem finalmente ser eles mesmos)? A certeza da Sua aliança, a certeza de que Ele usará também os nossos erros como oportunidade para nos fazer descobrir a Sua diversidade, quem Ele é. A certeza deste amor define a aliança que Deus fez connosco, como recorda o profeta Isaías: «Eis o que diz o Senhor: "Eu respondi-te no tempo da graça e socorri-te no dia da salvação. Defendi-te e designei-te como aliança do povo, para restaurares o país e repartires as heranças devastadas, para dizeres aos prisioneiros: 'Saí da prisão!', e aos que estão nas trevas: 'Vinde à luz'. Ao longo dos caminhos encontrarão que comer, e em todas as dunas arranjarão alimento. Não padecerão fome nem sede, e não os molestará o vento quente nem o sol, porque o que tem compaixão deles os guiará, e os conduzirá em direcção às fontes. Transformarei os meus montes em caminhos planos, e as minhas estradas serão alteadas. Vede como eles chegam de longe! Uns vêm do Norte e do Poente, e outros, da terra de Siene". Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Prorrompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo, e se compadece dos desamparados.»[13]

Apesar desta preferência, nós desafiamos o Senhor com a nossa conversa. «Sião dizia: "O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se

[12] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 64.
[13] *Is* 49,8-13.

de mim".»[14] Quantas vezes pensamos assim! A esta provocação poderia reagir como nós, com a nossa habitual reactividade, irritando-se; mas Ele surpreende-nos com uma presença toda original, irredutível. Em vez de se deixar determinar pela nossa conversa, por aquilo que dizemos ou pensamos d'Ele, aproveita a oportunidade para mostrar uma vez mais a Sua diversidade, desafiando a nossa razão de uma forma desconcertante: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, eu nunca te esqueceria».[15]

Que seria da nossa vida se não pudéssemos ouvir sempre de novo estas palavras? Esta é a Sua fidelidade, que nos permite olhar tudo, que nos permite deixar entrar a Sua própria presença na vida, a única que pode reduzir cada vez mais a distância entre a intenção e a experiência, porque nos dá a possibilidade de experimentar uma unidade de vida como aquela que os publicanos experimentavam ao encontrar Jesus. É por isso que voltavam a Ele, como também nós voltamos, esperando sentir «aquela palavra que […] me libertou», «pela esperança que ele […] tinha suscitado em mim.»[16]

É esta a unidade de vida que todos desejamos: «O adulto é quem alcançou a unidade de vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão».[17] É o que todos desejamos: esta unidade de vida. Só assim poderemos ser verdadeiramente nós próprios e a nossa presença poderá ser útil para nós e para os outros. Como recordava *don* Giussani a certa altura da nossa história – foi em 1977 –, «nestes últimos anos passados nós fomos verdadeiramente vítimas da presunção do movimento como panaceia para a Igreja e para a Itália. Mas […] se o movimento não for a experiência da fé como solucionadora, como iluminadora das minhas problemáticas, também não pode ser uma proposta para os outros»,[18] dizia *don* Giussani. Por isso desejava que a fé se tornasse uma experiência e nos ensinou sempre que o caminho para adquiri-la não é outro senão a personalização da fé. «"É chegado o momento da personalização […] do acontecimento novo nascido no mundo, do factor de protagonismo novo da história, que é Cristo, na comunhão com aqueles que o Pai lhe entregou". […] Giussani sublinha que é um problema de experiência: "A primeira coisa em que nos temos de ajudar é confirmar que o princípio de

[14] *Is* 49,14.
[15] *Is* 49,15.
[16] Cf. C. Chieffo, «Ballata dell'Uomo Vecchio» e «Il monologo di Giuda», in *Canti*, Milão, Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 218 e p. 230.
[17] Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), *Arquivo histórico do Movimento de Comunhão e Libertação* (AMCL), fasc. CL/81, «Consiglio 18/19 giugno 1977».
[18] FCL, AMCL, fasc. CL/85, «Centro 17.11.77. Sintesi».

tudo é a experiência […]. O conceito de experiência é provar ajuizando".»[19]

Sem que a fé se torne experiência pessoal não existe a missão, e acabamos presunçosamente por nos tornar juízes de tudo. Porque a proposta passa através da minha humanidade mudada, e «o ímpeto da missão é uma gratidão, caso contrário é uma presunção».[20] Isto leva a perceber que hoje a única posição adequada é o testemunho, como nos adverte o Papa. O motivo é ainda *don* Giussani que o recorda: «Numa sociedade como esta não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativas que durem. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha».[21] Esta frase é belíssima!

É necessária a vida! Não basta a dialéctica. No entanto, há quem pense que o testemunho, isto é, a vida, a experiência de viver, é uma escolha própria de "renunciatários", intimista, uma justificação para desobrigar-se. Nada mais errado. O testemunho é na realidade a escolha mais exigente, porque pede um compromisso mais totalizante que qualquer outra opção. Pede tudo de nós, não apenas uns retalhos de tempo que resolvemos dedicar a algum projecto. O testemunho é para gente que quer viver à altura da sua humanidade; exige que estejamos presentes com todo o nosso ser quando vamos ao encontro do outro, levando-lhe uma novidade vivida de maneira tão radical que ele possa despertar em toda a sua humanidade, de homem para homem. «Deus salva o homem através do homem»,[22] lemos na Escola de Comunidade. É necessária a minha humanidade toda. É necessário todo o sofrimento da nossa amiga Natasha diante do seu bebé para fazer nascer um novo serviço de patologia neonatal, não basta uma conferência *pro life*. O testemunho não é pôr-se à margem ou retirar-se da batalha: exige o empenho de toda a minha humanidade: energia, afeição, inteligência, tempo, unidade de vida. Qual espiritualismo! Qual delegar em algum entendido: armemo-nos e lancem-se!

Portanto, insistir na personalização da fé é insistir no manancial de onde pode brotar aquela diversidade que nos faz ser presença, capazes de um testemunho original na sociedade. Quem não sente esta necessidade? Nós só podemos viver a responsabilidade a que nos chamou o Papa sem dar por adquirido o sujeito (isto é, que já somos testemunhas pelo simples facto de o dizermos), mas aceitando fazer aquele caminho que nos levará a

[19] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Milão, Rizzoli, 2013, p. 762.
[20] FCL, AMCL, fasc. CL/85, «Centro 17.11.77. Sintesi».
[21] «Movimento, "regola" di libertà», O. Grassi (org.), *Litterae Communionis CL*, Novembro de 1978, p. 44.
[22] L. Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, Lisboa, Verbo, 2002, p. 120.

ser testemunhas segundo o desígnio que Deus quiser. O movimento é aquilo que ajuda nisto e nada mais – diz Giussani –: ajuda-te a seres tu próprio.

«O caminho para a verdade é uma experiência.» Foi sempre assim. «No conceito de desenvolvimento está em jogo a própria vida pessoal de Newman. Parece-me que isto se torna evidente na sua conhecida afirmação, contida no famoso ensaio sobre *O Desenvolvimento da Doutrina Cristã:* "aqui, na terra, viver é mudar, e a perfeição é o resultado de muitas transformações"». É Ratzinger quem o cita e prossegue: «Newman foi ao longo de toda a sua vida uma pessoa que se converteu, que se transformou, e desta forma permaneceu sempre ele mesmo, e tornou-se cada vez mais ele mesmo. Vem-me à mente a figura de Santo Agostinho, tão semelhante à figura de Newman. Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho tinha compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatónicos. Pensava que a anterior vida de pecado estava agora definitivamente ultrapassada; o convertido seria, a partir desse momento, uma pessoa completamente nova e diferente, e o seu caminho seguinte teria consistido numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis: "*Precisamente como os corpos, que ao receberem o primeiro impulso para baixo, mesmo sem estímulos ulteriores, se afundam por si mesmos... assim também, mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas, se eleva constantemente acima de si com um célere movimento de ascensão... num voo sempre rumo ao alto". Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve de aprender que ser cristãos significa, ao contrário, percorrer um caminho sempre mais cansativo com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída pela de um *processo,* um caminho, de cuja penosa inclemência nos confortam e amparam os momentos de luz que, de vez em quando, podemos receber. A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre *desenvolvimento* e, precisamente assim, maturação da alma para a Verdade, que "nos é mais íntima de quanto nós o somos para nós mesmos".»[23]

Esta maturação dá-se através de todas as circunstâncias da vida: «O mundo, com todos os seus terramotos, é instrumento do chamamento de Deus à autenticidade e à verdade da vida, para todos, mas em particular para o cristão, que é como a sentinela no campo do mundo». Por vezes estes terramotos desconcertam-nos. É normal, como nos recorda *don* Gius-

[23] J. Ratzinger, *Discurso do Cardeal Joseph Ratzinger no Centenário da Morte do Cardeal John Henry Newman*, 28 de Abril de 1990.

sani: «No fundo, como regra, não podemos evitar esta desorientação. "O mundo alegrar-se-á, e vós estares tristes"».[24]

Tudo quanto dissemos torna-nos conscientes da nossa necessidade. Esta consciência é decisiva para um gesto como este que estamos para começar. Porque os Exercícios da Fraternidade são propriamente um gesto. Por conseguinte, além da lição e da assembleia, são também silêncio, canto, oração, súplica sobretudo. Ao participar num gesto como este podemos reduzi-lo, de maneira que cada um escolhe, a contento do seu critério pessoal, no que participar ou o que seguir de todo o pacote! Como se fôssemos ao médico, mas decidíssemos nós quais dos remédios tomar. Pelo contrário, quanto mais conscientes estivermos da nossa necessidade, mais tudo o que vamos viver nestes dias, todo o sacrifício que vamos fazer, se tornará um grito, um grito para que o Senhor tenha piedade de nós. Peçamo-lo!

[24] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», *Passos-Litterae communionis*, Março de 2008, p. XI.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Sab 2,1.12-22; Sal 33 (34); Jo 7,1-2.10.25-30

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Este segundo capítulo do Livro da Sabedoria descreve, com extrema precisão, a dinâmica pela qual tudo se concentra numa hostilidade contra Cristo: Ele que «se gloria de ter a Deus por pai. Vejamos, pois, se as suas palavras são verdadeiras». Não entraríamos na verdade profunda da nossa vida se não reconhecêssemos aquilo a que a Escola de Comunidade chama "resistência instintiva" a Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Essa nossa resistência não se manifesta em rebelião aberta. Antes assume a forma daqueles que, diante de Jesus, diziam: «Este aqui nós sabemos de onde é, conhecemo-lo». A resistência pela qual é preciso vigiar, mendigar e aprender é a que se manifesta quando já sabemos e já não sentimos mais a necessidade de deixar-nos prender. Frente a essa, que é a forma mais insidiosa de resistência, porque sufoca a sede de felicidade e a consciência de sermos em tudo dependentes do Pai, Cristo responde justamente com o vínculo que Ele é com o Pai: fundamento da Sua irredutibilidade. «Eu não venho de mim mesmo; há um outro, verdadeiro, que me enviou. Eu é que o conheço, porque procedo dele». Nós que o encontrámos esperamos conhecê-Lo não pelo que já sabemos, mas pelo que agora, nestes dias, recebemos d'Ele. Nós, que assim como somos desejamos correr para O alcançar, se formos leais, se formos humanos connosco, sabemos muito bem que precisamos de ser aferrados por Ele. E este ser aferrados tem uma forma humana: é um lugar, é uma história, é uma presença humana, com um rosto e uma voz.

Sábado 5 de Abril, manhã

À entrada e à saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto para piano e orquestra em ré menor n. 20, K 466
Clara Haskil, piano
Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux
"Spirto Gentil" n. 32, Philips

Padre Pino. «Corro, para ver se O alcanço, eu que fui alcançado por Cristo Jesus.»[25]

Angelus

Laudes

■ **PRIMEIRA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

O essencial para viver

1. O essencial: aquele primeiro alvoroço do coração

«Quando olho para o fundo dos teus olhos meigos apaga-se o mundo com todo o seu inferno.»[26] Será possível que olhar o fundo dos olhos possa apagar o inferno? Para poder entender esta frase é preciso ter visto vibrar nos olhos de uma pessoa o Ser que a faz existir agora. Para que o inferno não se apague apenas sentimentalmente os olhos têm de vibrar de tal maneira que não me deixem ficar pela aparência da vibração, mas que eu seja levado a ver nessa vibração dos olhos o Ser que os faz, que os faz vibrar assim. Nós muitas vezes ficamos pela aparência. Bastava pen-

[25] *Fil* 3,12.
[26] V. Heredia, «Ojos de cielo», *Canti*, op. cit., p. 295-296. «Quando olho o fundo dos teus olhos meigos, apaga-se o mundo com todo o seu inferno. Apaga-se o mundo e descubro o céu quando mergulho nos teus olhos meigos. Olhos de céu, olhos de céu, não me abandones em pleno voo, olhos de céu, olhos de céu, a minha vida inteira por este sonho. *Olhos de céu, olhos de céu...* Se eu me esquecesse do que é verdadeiro, se eu me afastasse do que é sincero teus olhos de céu mo recordariam, se eu me afastasse do que é verdadeiro. *Olhos de céu, olhos de céu...* Se o sol que me ilumina um dia se extinguisse e uma noite escura dominasse a minha vida, teus olhos de céu me iluminariam, teus olhos sinceros, que são para mim caminho e guia. *Olhos de céu, olhos de céu...*»

sar no que sucedeu enquanto cantávamos. Apagou-se o inferno dos nossos olhos? Apagaram-se os nossos medos, a nossa incapacidade, a nossa impotência, aquele medo do nada que sempre espreita a nossa vida? Se não aconteceu nada disso, se apenas ficou o impacto sentimental, isto não irá durar muito; significa que não vislumbrámos a razão última daquilo que cantámos, que não participámos daquela experiência donde nasceu a canção. No entanto, quem participou terá feito a experiência de descobrir «o céu quando mergulho nos teus olhos meigos». Só deste mergulhar pode surgir o pedido: «Olhos de céu, olhos de céu, não me abandones em pleno voo».

«Se eu me esquecesse do que é verdadeiro», se eu, portanto, não fosse capaz de ver a verdade das coisas, «se eu me afastasse do que é sincero…», do que é que eu precisava? Que os teus olhos mo recordem. E mais ainda: «Se o sol que me ilumina um dia se extinguisse e uma noite escura vencesse sobre a minha vida», se nos encontrássemos na escuridão mais total, do que é que eu precisava? Que os teus olhos de céu me iluminem, porque «os teus olhos sinceros […] são para mim caminho e guia». Quando foi a última vez que na nossa vida, olhando nos olhos as pessoas mais amadas, aconteceu isto? Não como "poesia", não como "literatura", não como mero sentimentalismo! Como facto, como experiência vivida, porque aqui assenta todo o método.

Quando eu era professor de liceu dava este exemplo: se uma criança fosse com os pais à Feira Popular, ficaria completamente extasiada com todas as diversões que vê, todas as coisas seriam fantásticas e não se cansaria de dizer: «Olha, pai! Olha só aquilo!», totalmente atraído. Cada diversão seria uma comoção, cada coisa que visse o excitaria. Mas se num momento de distracção se separasse dos seus pais, encontrando-se no meio da confusão da gente, na turba indistinta da multidão, o que é que sucedia? Que tudo aquilo que tem à sua frente, com toda a sua beleza, se converteria numa ameaça e desataria a chorar. Tudo continua ali como antes, as diversões são as mesmas de antes, mas a criança chora, já não lhe interessa nada daquilo que vê. Transformou-se tudo num inferno. O que é que a faria esquecer o inferno num instante apenas? Bastava que tornasse a encontrar os seus pais e tudo se recomporia, porque na relação com eles tornava a ver a realidade tal como ela é.

A letra da canção não exprime, então, um sentimentalismo mas descreve uma coisa real: se cada um de nós não pudesse continuamente encontrar um olhar, ter uma determinada relação, não seria capaz de olhar correctamente para a realidade. Se por um momento me separasse de ti, companheiro da vida, eu já não veria a realidade, seria noite escura, como

para aquela criança. Mas se «uma noite escura vencesse sobre a minha vida», do que é que eu precisava? Precisava outra vez de «olhos de céu» que a iluminassem, de um olhar, de uma relação.

«Para aliviar este duro peso dos nossos dias, esta solidão que todos temos, ilhas perdidas, para descartar esta sensação de perder tudo»,[27] do que é que eu precisava? «Só preciso que estejas aqui com os teus olhos claros.» Mas de que olhos claros se está a falar? Que olhos claros é preciso encontrar para uma pessoa não ter a sensação de perder tudo? De que olhos claros preciso para vencer a solidão que todos nós vivemos? De que olhos claros preciso para não «perder o anjo da saudade»? Isto é verdadeiramente impressionante porque, as mais das vezes, estar com o outro equivale a perder a saudade. É necessário então que aconteça uma presença que não só não extinga a saudade mas que a inflame, que reavive o desejo de estar com ela. É possível? «Para descobrir […] a vida», que olhar temos de encontrar? «Para considerar que tudo é belo e não custa nada», que tudo é dado, que olhar temos de encontrar? «Para descobrir e considerar»,[28] bastará qualquer olhar? Não, não basta o do marido ou da mulher, nem tão-pouco o dos amigos. Necessitamos do olhar de uma presença capaz de resistir face a todos os desafios, que confirme a experiência de que nada de bom que aconteça na vida se perderá. Temos necessidade de uma relação que não extinga o fogo da saudade mas o acenda. Existirão estes olhos? Existe na realidade este olhar?

---

[27] V. Heredia, «Razón de vivir»,in *Canti*, op. cit., pp. 296-297. «Para decidir se continuo a derramar este sangue na terra, este coração que vai por onde quer, sol e trevas. Para continuar caminhando ao sol por estes desertos, para recalcar que estou vivo no meio de tantos mortos. Para decidir, para continuar, para recalcar e considerar, só preciso que estejas aqui com teus olhos claros. *Ai fogo de amor e guia, Razão de viver minha vida. Ai fogo de amor e guia, Razão de viver minha vida*. Para aligeirar este duro peso dos nossos dias, esta solidão que temos todos, ilhas perdidas. Para descartar esta sensação de perder tudo, para analisar por onde seguir e escolher o modo. Para aligeirar, para descartar, para analisar y considerar, só preciso que estejas aqui com teus olhos claros. *Ai fogo de amor*… Para combinar a beleza e a luz sem perder distância, para estar contigo sem perder o anjo da saudade. Para descobrir que a vida corre sem nos pedir nada e considerar que tudo é belo e não custa nada. Para combinar, para estar contigo, para descobrir e considerar só preciso que estejas aqui com teus olhos claros. *Ai fogo de amor*…»

[28] *Ibid*.

«*Aconteceu.*»[29] Aconteceu, quando a gente menos esperava. Aconteceu um facto na história que introduziu para sempre este olhar.

Como o sabemos?

Escrevia há anos *don* Giussani: «O pensamento mais belo a que me entrego de há muitos meses a esta parte é a imaginação do primeiro alvoroço do coração que a Madalena sentiu e este alvoroço do coração não foi: "Vou largar todos os meus amantes", mas foi o enamoramento de Cristo. E para Zaqueu o primeiro alvoroço do coração não foi: "Vou dar todo o meu dinheiro", mas é a surpresa apaixonada daquele homem. [Então] Que Deus se tenha feito um de nós, um companheiro, é a gratuidade absoluta, tanto é verdade que se chama graça». A gratuidade mais espantosa é Deus ter-se tornado meu companheiro de caminho, como se apercebeu Zaqueu e como apercebeu Maria Madalena. Por isso, «a sua Presença reverbera [em mim,] em nós como gratidão estupefacta».[30] Que gratidão ter um companheiro que alivia o peso dos meus dias, da minha solidão, que liberta da sensação de perder tudo! É por isso que Maria Madalena e Zaqueu foram aferrados, conquistados. Sentiram-se logo atraídos, presos a Ele. Eram uns desgraçados como nós, pecadores, feridos pelo viver, mas nada os impediu de serem conquistados, arrebatados. Nada lhes impediu aquele alvoroço no coração que os encheu de uma gratidão infinita. Para aquele alvoroço do coração não foi preciso nada, nenhuma condição prévia, mas unicamente que acontecesse! Basta que aconteça para sermos atingidos e conquistados. Porque é o que cada um de nós deseja, aquilo que a cada instante esperamos. Aquele «arder do coração» enquanto Alguém nos fala «pelo caminho».[31]

O que terá acontecido àquela mulher, Maria Madalena, para não se conseguir subtrair ao desejo de procurá-Lo todos os dias, todas as noites? «No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama»,[32] o amado do meu coração.

É assim que o Mistério queima todas as etapas, todas as distâncias, todas as distracções, todos os erros. Nada disto pode impedir o Mistério

[29] A. Calcanhotto – P. Cavalcanti, «Aconteceu», in *A Fábrica do poema*, 1994. «Aconteceu quando a gente não esperava, aconteceu sem um sino pra tocar, aconteceu diferente das histórias, que os romances e a memória, têm costume de contar, aconteceu sem que o chão tivesse estrelas, aconteceu sem um raio de luar, o nosso amor foi chegando de mansinho, se espalhou devagarinho, foi ficando até ficar, aconteceu sem que o mundo agradecesse, sem que rosas florescessem, sem um canto de louvor, aconteceu sem que houvesse nenhum drama, só o tempo fez a cama, como em todo grande amor».

[30] Retiro dos Memores Domini de 24-26 de Maio de 1985, *pro manuscripto*, p. 15.

[31] Cf. *Lc* 24,32.

[32] *Ct* 3,1.

de se voltar para eles e fazê-los apaixonar. Não é sentimentalismo. O vínculo que Cristo estabelece com eles não é um sentimentalismo. O sentimentalismo não os conseguiria conquistar assim. É uma relação que os faz ser eles próprios, que tem certamente um impacto sentimental, como qualquer coisa que entre no nosso horizonte,[33] mas tem um alcance que vai além do sentimento e que os introduz a uma experiência de si mesmos que nenhum sentimentalismo pode sequer sonhar alcançar.

O que há em Jesus não é um sentimentalismo, nem tão-pouco uma censura, uma condenação, um manter-se afastado deles, à distância, mas um abraço, uma ternura, uma paixão pela sua vida, por meio da qual Ele os faz ser finalmente eles mesmos, eles que não sabiam verdadeiramente o que era serem eles mesmos, o que queria dizer serem homens e mulheres. É assim que entra no mundo uma forma nova de ser homens, de viver a vida, de estar presentes na realidade, uma forma que todos – consciente ou inconscientemente – desejam, pela qual anseiam, mas que não são capazes de atingir com as suas forças, com a sua imaginação, com a sua energia.

«Com Jesus entra no mundo a descoberta da *pessoa*»[34] Esta frase da Escola de Comunidade adquire para nós, nestes tempos, toda a sua dimensão histórica. O cristianismo é um acontecimento, um facto presente, tão presente que se pode tocar, como vimos ao ler o capítulo VIII de *Na Origem da Pretensão Cristã*. Este capítulo é a confirmação no presente da existência daqueles olhos que é preciso encontrar para viver, é o testemunho de *don* Giussani, dois mil anos depois, de que estes olhos ainda existem presentes no real, caso contrário não teria podido escrever isto. Olhos irredutíveis a nós, aos nossos sentimentos, às nossas reacções, não manipuláveis por ninguém, porque introduzem o olhar de uma Presença totalmente diferente de nós. Só quem os tenha visto, quem embateu neles, pode responder à pergunta decisiva: quem é Jesus?

Só deixando entrar este olhar podemos perceber existencialmente quem é Jesus. Fazendo a experiência – espantados – de um "mais" de humanidade, começamos a perceber quem é realmente Jesus. Isto explica como Maria Madalena e Zaqueu tiveram aquele alvoroço do coração, com o qual se descobriram colados a Jesus desde o primeiro dia, como João e André. «Mas aquela impressão excepcional, aquele espanto inicial de que é que era feito, psicologicamente? O espanto inicial era um *juízo* que se convertia imediatamente num *apego*.» Era um enamoramento sem igual. «Era um juízo que era como uma cola: *um juízo que os colava*. Por isso, todos os dias

[33] Cf. L. Giussani, «Terceira premissa», in *O Sentido Religioso*, op. cit., p. 39-51.
[34] L. Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, op. cit., p. 99.

passavam demãos de cola e já não se conseguiam libertar! […] Nasce uma maravilha de estima que te faz apegar.»[35] É um juízo, não é um sentimento. Percebe-se, então, por que toda a vida deles foi passada correndo para O alcançar. Tropeçando, errando mil vezes, mas sem nunca irem embora. É a mesma ternura, única, que por meio de *don* Giussani nos redespertou. Tornou-se palpável por meio do seu testemunho.

Disto depende quem somos e qual é a nossa incidência histórica.

Imaginemos aqueles pescadores da Galileia que chegam "apenas" com aqueles olhos novos à Roma de então, cujo estilo de vida todos conhecemos. O que é que terá prevalecido nos seus corações? O que teriam no coração quando chegaram a Roma? E se João e André aparecessem no nosso mundo agora, o que é que dominaria neles? Que seria para eles o essencial? Que teriam no coração para comunicar a todos, neste momento, diante dos desafios que hoje se apresentam? Não teriam porventura como única preocupação aquela que tinham visto em Jesus e, portanto, testemunhar o olhar que os tinha invadido, deixar entrar aquele olhar em qualquer circunstância e em qualquer relação?

No tempo de Jesus, como agora, o verdadeiro desafio é o irromper da pessoa. Isto explica a paixão de Cristo pelo homem. Ambos, os de então e os de agora, são tempos de "miséria evangélica", e também hoje, como então, faz falta o essencial, o reacontecer aqui e agora da Sua presença que gera aquele alvoroço no coração.

Don Giussani não fez mais que dar testemunho disto. No fim da sua vida resumia com estas palavras aquilo em que consistiu o seu esforço, o que quis fazer ao longo de toda a sua existência: «Não só nunca pretendi "fundar" nada, mas considero que o génio do movimento que vi nascer é o ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de regressar aos aspectos elementares do cristianismo, quer dizer, a paixão pelo facto cristão como tal nos seus elementos originais, e basta».[36] Isto era para ele o essencial. O cristianismo é este acontecimento. O seu sinal é o acontecimento do eu, possibilitado pela experiência de Cristo presente numa humanidade diferente.

«Escrevo-te depois do impacto que me provocou a participação na Equipe do CLU de hoje. A primeira coisa que devo destacar é o facto de ter ido com uma intervenção preparada, que desejava fazer, mas por questões de tempo não foi possível, assim como para muitos outros; mas

[35] L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Milão, BUR, 1999, p. IX.
[36] L. Giussani, «Carta a João Paulo II no 50° aniversário do nascimento de CL», *Passos-Litterae communionis*, Abril de 2004, p. 2.

trabalhar contigo, ver o que estava a acontecer diante dos meus olhos através dos outros testemunhos, e o teu olhar paterno a cada um de nós aprofundou de tal maneira o juízo que eu tinha começado a dar perante o que aconteceu comigo, que não pude deixar de exclamar para mim, enquanto estava lá sentado: "Isto é Cristo acontecendo!". Estava de facto a acontecer aquilo que, na Escola de Comunidade, *don* Giussani chama "um olhar revelador do humano", ou melhor um olhar que toma em consideração todos os factores, que "salva" todos os factores da experiência humana: o maior sinal, como nos dizias hoje, da presença de Cristo.» Para acolhê-Lo basta sermos crianças: «Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele».[37]

Como é que vejo que Cristo aconteceu e eu O acolhi? Que os Seus olhos passaram a ser os meus, a ponto de poder olhar nos olhos qualquer outra pessoa até ela despontar, até ver vibrar nela o Ser que a faz.

É Outro que vive em mim: «Vivendo na carne, participo de um Acontecimento que me torna capaz de uma inteligência nova, mais profunda e mais verdadeira, das minhas circunstâncias. O que quer dizer» – escrevia *don* Giussani – «olhar para a cara de uma rapariga segundo a carne? Significa que tudo se reduz a um "gosto, não gosto", "tenho simpatia, não tenho simpatia", "custa-me, não me custa". "Embora vivendo na carne, vivo na fé" quer dizer, pelo contrário: encaro a relação com ela na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo».[38] Cristo como facto presente escancara o meu olhar: não Cristo invocado nominalmente, como mero nome, mas como facto presente, analogamente ao modo como a presença dos pais constitui o olhar da criança, funda o seu modo de ver a realidade. Não bastam slogans, não bastam estratégias. É preciso que a presença de Cristo seja tão real, me determine tanto, seja tão determinante do fundo dos meus olhos, que eu possa ver o outro de modo verdadeiro. «E então aquela rapariga é, na medida da atracção» – *don* Giussani não deixa nada de fora – «o sinal por meio do qual sou convidado a aderir, na carne, ao ser das coisas, a descer à realidade das coisas, até onde as coisas são feitas.»[39] Quanto perdemos quando nos falta Ele! Se os vejo com a abertura que Cristo presente me dá, os olhos de qualquer pessoa podem apagar o inferno. Mas tem de se proceder à verificação disto no real.

---

[37] *Mc* 10,15.
[38] L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Milão, Rizzoli, 1998, p. 77.
[39] *Ibid.*

2. O desafio das circunstâncias e o caminho a fazer

Quem é Jesus? O que é para nós o essencial?

Depois de uma experiência como aquela que acabámos de descrever, também nós responderíamos como Pedro à pergunta sobre o essencial.

«E vós, quem dizeis que Eu sou?»[40] Pedro, explicou recentemente o Papa Francisco, «foi certamente o mais corajoso naquele dia, quando Jesus perguntou aos discípulos: "E vós, quem dizeis que Eu sou?". Pedro respondeu com decisão: "Tu és o Cristo". […] Também nós daríamos seguramente a mesma resposta de Pedro, aquela que aprendemos no catecismo: tu és o Filho de Deus vivo, tu és o Redentor, tu és o Senhor!». Mas, continua o Papa, «quando Jesus começou a explicar o que havia de acontecer: o Filho do homem devia sofrer», Pedro ficou desolado. «"Pedro certamente não gostava deste discurso". Ele raciocinava assim: "Tu és o Cristo! Tu vences e seguimos em frente!". Por esta razão "não compreendia este caminho" de sofrimentos indicado por Jesus. Tanto que, como conta o Evangelho, "tomou-o à parte" e "pôs-se a repreendê-lo". Estava "tão contente por ter dado aquela resposta – 'Tu és o Cristo' – que se sentiu [até] com força para repreender Jesus".»[41]

A nós, como a Pedro, também não nos são poupados os desafios depois do alvoroço do coração. Vemos isto em toda a parte onde está presente o movimento. Assim que comecei a assembleia com os universitários de CL nos Estados Unidos, um deles perguntou-me: «Como se pode não perder tudo o que de bom acontece na vida?» É a mesma pergunta da canção: como «evitar esta sensação de perder tudo»?[42] No Brasil, uma rapariga que trabalha em contacto com o sofrimento num hospital, aconselhada pelos seus colegas a distrair-se e a não dar demasiada importância ao sofrimento, porque mais cedo ou mais tarde a pessoa se habitua, perguntou: «Como se pode viver diante desta dor lancinante?» Os amigos da Venezuela são desafiados por uma situação social e política que se vai tornando sempre mais dramática; os da Argentina debatem-se com os dramas históricos do seu passado recente; os do México defrontam-se com uma violência que provoca num ano mais mortos que uma guerra, os do Uruguai vêem-se a braços com a legalização da marijuana como resposta ao drama do viver, os dos Estados Unidos foram postos à prova pela dureza da si-

---

[40] *Mt* 16,15.

[41] Francisco, *Meditação matutina: «E vós, quem dizeis que eu sou?»*, Santa Marta, 20 de Fevereiro de 2014.

[42] V. Heredia, «Razón de vivir», *Canti*, op. cit., p. 296.

tuação económica; os amigos da Rússia e da Ucrânia são provocados pela crise criada com a questão da Crimeia; os espanhóis encontram-se perante a nova proposta de lei sobre o aborto; muitos de nós por todo o mundo se encontram a viver em contextos totalmente alheios ao cristianismo. Aos desafios que a crise económica representa, pela emergência educativa, pela falta de trabalho, pela progressiva decomposição da sociedade (como se constata na dificuldade dos casais em viver a sua relação, na desorientação de tantos perante os problemas da educação dos filhos ou ao mal-estar do viver), veio juntar-se mais um, que tantos sentem aflitivo, o dos "novos direitos", sintoma de uma profunda tribulação cultural e social, de um modo de conceber o homem que hoje se impõe e alastra cada vez mais. Desafios, enfim, não nos faltam.

Estes são uma provocação para cada um de nós e para todas as comunidades em qualquer parte do mundo. O melhor é que são desafios comuns, que ninguém pode evitar. E cada um, de facto, já vai respondendo – nos diálogos com os colegas, com os amigos, em casa – a essas questões hoje dilacerantes, que têm o valor de nos fazer sair da toca levando-nos a descobrir aquilo que é para nós o essencial. Porque o essencial, como dizíamos ontem, vem ao de cima surpreendendo-nos em acção. Podemos então perguntar-nos, diante dos desafios que temos de enfrentar: na minha resposta, no meu esforço, o que é que emergiu, o que é que eu disse de mim, o que é que descobri em mim como essencial? O que é que me interessava dizer? Que resposta tinha para todas estas circunstâncias? Temos urgência em esclarecer qual a modalidade adequada de estar diante delas.

A primeira coisa a entender é a natureza desta provocação.

Estes desafios são uma chamada de atenção para nós, como sempre foram: «Na história da Igreja», diz Giussani, «foi sempre assim: o empenho mundano – que, embora facciosa e parcialmente, sublinha porém uma urgência ou um aspecto da vida – provoca a tomada de consciência, a crise e a tomada de consciência no seio do povo cristão autêntico. Deus serve-se de tudo o que acontece. […] Tudo o que acontece, Deus o permite para o amadurecimento daqueles que escolheu».[43] Por entre toda a complexidade da situação, muitos se sentem perdidos, desorientados, não poucos estão assustados. E quanto mais sentimos a gravidade dos desafios, mais cresce em nós a urgência de fazer alguma coisa, de dar o nosso contributo, torna-se sempre mais urgente a pergunta sobre o que fazer, sobre que iniciativa tomar.

Qualquer que tenha sido a modalidade com que reagiu às provocações do real, cada um terá podido verificar aquilo que dizia o Papa Francisco a

[43] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. III.

respeito de Pedro: para «responder àquela pergunta que todos nós sentimos no coração – quem é Jesus para nós – não é suficiente aquilo que aprendemos e estudámos no catecismo». Claro que é «importante estudá-lo e conhecê-lo, mas não é suficiente», insistiu o Santo Padre, porque para o conhecer verdadeiramente «é necessário fazer o caminho que Pedro fez».[44]

Isso significa que também para nós, como para os primeiros, não acaba tudo com o alvoroço do coração, a vida continua com todas as suas provocações. Também nós podemos responder como Pedro à pergunta sobre Cristo, ou seja, identificar n'Ele o essencial para viver. Mas muitas vezes também nos sentimos desviados do essencial, que até reconhecemos. Por isso, sem fazer um caminho nós perdemo-nos como Pedro: «Além disso, a fé é conhecimento ligado ao transcorrer do tempo que a palavra necessita para ser explicitada: é conhecimento que só se aprende num percurso de seguimento.»[45]

A pergunta sobre o essencial não é, portanto, retórica, para nos distrair um pouco esta manhã. É crucial para responder às questões colocadas – como viver, o que estamos a fazer no mundo? –. Vemos isto quando os desafios mordem a nossa carne e nos impedem de vê-los "das bancadas".

«No outro dia», contava-me um amigo da Espanha, «fomos juntos a uma das manifestações para defender a tentativa do governo popular de Espanha de fazer uma lei menos favorável ao aborto. Estávamos a ir juntos para a manifestação e eu falava com um amigo que tem três filhos e se encontra inesperadamente à espera do quarto. As condições eram óptimas: ele ama a mulher, estão solidamente casados, não têm problemas económicos de maior, são nossos, são católicos, está tudo certo. E diz-me: "Sabes, o primeiro embate quando a minha mulher apareceu com o resultado de que estava grávida, foi dizer: 'Não é verdade, não pode ser verdade!' porque agora custa-me, não quero, vai-me alterar um bocado os planos todos…". E diz: "Logo agora que estamos a ir a uma manifestação contra o aborto, mas a natureza da rejeição eu também a tenho dentro de mim, eu que estou acompanhado, que sou formado e apoiado por uma companhia há vinte anos… Como não será para uma rapariga sozinha que não é casada, que não tem dinheiro? Que há-de pensar uma mulher sozinha, ou não sozinha, ou uma rapariga de 18 anos perante o teste de gravidez, senão: 'como não consigo gerir esta coisa, vou destruí-la, vou eliminá-la porque parece mais fácil'?" Foi bom porque conversámos muito

[44] Francisco, *Meditação matutina: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»*, Santa Marta, 20 de Fevereiro de 2014.
[45] Francisco, *Lumen fidei*, 29.

e eu lhe disse: "Olha, sem essa consciência é injusto estar nesta manifestação porque, senão, estamos aqui a defender os valores católicos, mas sem compreender o que querem dizer na vida…"».

As provocações não diminuem nem mesmo quando formamos uma ideia reduzida da necessidade do outro. Aliás, a revolta do outro à nossa tentativa de reduzir o seu desejo torna ainda mais urgente a pergunta: o que estamos a fazer no mundo? «Somos um grupo de amigos que ajudamos as pessoas a procurar emprego. Fazemos isto numa modalidade simplicíssima: acompanhando-as! Para as mais corajosas basta estar com elas duas vezes e depois, despertado o eu, elas próprias arranjam logo emprego. Mas as mais críticas, as que já não são capazes de se movimentar sozinhas, acompanhamo-las uma a uma e estamos junto delas todo o tempo necessário até encontrarem trabalho.» Mas nem sempre sucede que o encontrem. «De entre os vários, há três anos, encontrámos uma pessoa inválida de cinquenta anos, numa cadeira de rodas, acompanhado pela mãe. Durante a entrevista, entre outras coisas, diz que sabe escrever no computador; então eu respondo logo que lhe posso arranjar um trabalho para fazer em casa, mas ele, "expondo" todo o seu eu, diz que quer sair de casa! Nesse momento abraço-o: tem um coração infinito como o meu, sendo que eu já o tinha reduzido à cadeira de rodas.» Através de um pormenor irrompe toda a natureza da necessidade: aquele homem não se contenta com menos.

Mais. Uma rapariga escreve a um grupo de amigos que, tendo-se encontrando com a prima, que lhe diz estar à espera de bebé e a fazer os exames todos para verificar se é saudável, pergunta: «Mas de que serve, no fundo, saber antes se o filho é saudável?» A resposta da prima foi glacial: «Se tiver algum problema desfaço-me dele». Desfaço-me dele! «Foram os minutos mais longos da minha vida. Não conseguia pensar em nada, fiquei imobilizada, petrificada, nem conseguia falar. Recolhi aquelas palavras que tinham ficado no ar só por cumprimentá-la. Uma tristeza inconsolável. Depois pensei outra vez na *Página Um* […]: "Será possível estar dentro das circunstâncias com toda a medida humana da dramaticidade da vida à luz da Escola de Comunidade?" [Aquele alvoroço do coração será suficiente para viver, permanece diante de qualquer desafio?]. "Aqui cada um de nós faz a verificação, independentemente da opinião que possamos formar, se a resposta que dá à provocação do real é capaz de oferecer verdadeiramente uma resposta, de responder ao problema que me provoca e me desafia".» Concluía a rapariga: «Esta é a questão! Esta é a estrada! Na dor, na quantidade de interrogações que arrasta consigo tudo quanto vos escrevi, no desejo de poder estar ainda mais próxima da minha prima, de

modo mais humano, total, verdadeiro, humilde e discreto, eu desejo verificar ainda e agora se é verdade, como é verdade, que Cristo é Rocha, única – única! –, Pedra angular, se é verdadeira, como é verdadeira a resposta à pergunta: "*Quid animo satis?*": "*Est Vir aqui adest*"».

Estes testemunhos fazem-nos conscientes do caminho a fazer. De facto, se não compreendemos o alcance das provocações, se não captamos todos os factores em jogo, cometeremos os mesmos erros do passado.

3. Uma luz da nossa história

Para abordar os desafios actuais – culturais, sociais, políticos, jurídicos – nós não partimos do zero. Temos a riqueza de uma história, de um caminho feito na companhia de *don* Giussani. Por isso, para iluminar os desafios actuais, achei muito útil revisitar alguns momentos da nossa história – o '68 e os anos seguintes –, em que a provocação e a pressão das circunstâncias foi tão forte que fez debandar muitos. Neles a presença de *don* Giussani revelou-se mais uma vez crucial. Surpreendendo-nos em acção, ele ajudava-nos a distinguir o que era realmente o essencial, apesar das nossas intenções, precisamente porque, tomando consciência de todos os factores, não reduzia – como nós, pelo contrário, costumamos fazer – as dimensões do problema. Os seus juízos constituem gestos de caridade para connosco, e ao mesmo tempo evidenciam aos nossos olhos toda a sua autoridade, que nos impediu de acabarmos perdidos.

Dizia *don* Giussani: «Para mim a história é tudo; eu aprendi com a história»,[46] quer dizer, com a experiência. Lendo o livro de Savorana, vamos verificando como isto é verdade. Nem a ele eram poupadas as circunstâncias.

No ano de 1993 é provocado pela intervenção de um universitário, o qual relatava que alguns intelectuais se queixavam de CL, porque CL «era muito melhor antes […] de '76, quando se lançava em lutas políticas, quando dialectizava ideologicamente, quando levava avante um projecto seu, apresentava a proposta de um projecto seu na sociedade, mas agora…», diziam aqueles intelectuais, «está reduzido a uma forma pietista».[47] Vão poder ler isto no próximo livro das Equipes que será publicado no Outono. Para responder a esta provocação, Giussani mandou reler um excerto de *Uomini senza patria*, de 1982, em que dizia: «Toda a nossa ac-

[46] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. VIII.

[47] Referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.

tividade, desde que nasceu Comunhão e Libertação, a partir de '70, […] tudo aquilo que nós fazemos [que fizemos] é para termos uma pátria, é para termos uma pátria neste mundo». Alguns recordarão a passagem: «Não digo que não seja justo. Digo que o fazemos para termos uma pátria e que essa pátria não a teremos».[48]

Como é possível que isto tenha sucedido? Para abordar a interrogação, Giussani volta de novo à história daqueles anos: «Nós em '68-'69 encontrávamo-nos como que fora de casa»,[49] suplantados pela ideologia marxista e o seu desejo de libertação. Analogamente, hoje podemos encontrar-nos suplantados diante das convulsões e das novas ânsias de libertação que, por exemplo, se exprimem na reivindicação de novos direitos, todos filhos de '68. Cada um destes representa uma modalidade, parcial e frequentemente contraditória, mediante a qual se busca uma satisfação para exigências que não custa reconhecer como profundamente humanas: a necessidade afectiva, o desejo de maternidade e de paternidade, o medo do sofrimento e da morte, a busca da própria identidade… Cada um destes novos direitos tem as suas raízes no tecido do qual se constitui toda existência humana. Daí o seu atractivo. O multiplicar-se dos direitos individuais exprime a expectativa de que o ordenamento jurídico possa resolver os dramas humanos e assegurar a satisfação das necessidades infinitas que povoam o coração humano.

«Como é que o movimento […] acusou o golpe [deste desejo de libertação do '68]? Houve uma desorientação […], a desorientação característica de quem, desenvolvendo um caminho seu e vivendo uma experiência fundamental própria, é surpreendido pelos acontecimentos que solicitam uma flexão, uma tradução, uma interpretação e uma decisão a cujo nível a própria experiência ainda não chegou.»[50]

Face a esta situação as pessoas perguntavam-se: «"Que devemos fazer?" […]. Um grupinho de três ou quatro universitários apareceu, um dia, […] com um folheto, o primeiro folheto "contra-revolucionário" que saiu, e talvez por serem só quatro dessa vez não os agrediram. O folheto intitulava-se "Comunhão e Libertação" […]. O que significava este título?».[51]

1) Em primeiro lugar significava que a libertação era também uma exigência do nosso coração. Também nós tínhamos um desejo de libertação:

---

[48] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Milão, BUR, 2008, p. 88.

[49] Referência a uma Equipe contida no volume di L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.

[50] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. IV.

[51] Referência a una Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação na BUR.

«Havia um fio que nos ligava ao coração de todos, porque gritando "libertação, libertação" também o marxista exprimia uma exigência do coração, ainda que confusa, ensombrada, delapidada por um discurso ideológico. Mas era um desejo do coração».[52]

2) Em segundo lugar, aquele título significava que a libertação pertencia ao anúncio cristão: Cristo é o libertador. De facto, «Cristo foi-nos dado a conhecer como o libertador do homem. É o conceito de Redentor: Cristo redentor quer dizer Cristo libertador». A libertação não pode vir «do esforço humano /da diligência humana; […] não podem mudar com as vossas forças, a libertação no mundo unicamente pode vir de algo que já é livre. O que é que existe de já livre neste mundo? Algo que não é apenas deste mundo, que está neste mundo, mas não é apenas deste mundo, vem de fora, de longe: Cristo é o libertador. Mas Cristo agora onde está? […] Cristo torna-se presente através da companhia daqueles que O reconhecem».[53]

Mas viver a novidade trazida por Cristo na pertença à Igreja, no movimento como sinal de mudança, não parecia bastante. Construir a comunidade cristã parecia insuficiente para a dimensão do desafio, era preciso «fazer alguma coisa». E a imagem deste «fazer» era ditada pela posição dos outros: tratava-se de uma iniciativa igual e contrária à dos outros – contrária enquanto inspirada nos princípios cristãos.

Qual foi, portanto, a modalidade de resposta à desorientação? «A desorientação é superada de rompão como vontade de intervenção.»[54] «Fizemos», diz *don* Giussani, «uma infinidade de iniciativas», a mais relevante foi a grande assembleia no Palalido, «tomados pelo frenesim de fazer, de conseguir realizar respostas e operações em que pudéssemos demonstrar aos outros que, agindo segundo os princípios cristãos, se fazia melhor do que eles. Só assim íamos poder também nós ter uma pátria».[55]

Tentou-se, pois, ultrapassar a desorientação com uma vontade de intervenção, de operatividade, de actividade, com um «atirar-se de cabeça seguindo o mundo»,[56] num esforço e numa pretensão de mudança das coisas com as próprias forças, exactamente como os outros.

E o que foi que sucedeu? Um desvio com consequências imprevisíveis. Sem nos darmos conta, sucedeu, diz Giussani, «a passagem de uma matriz para outra matriz, […] minimizando e tornando o mais abstracto possível

---

[52] *Ibid.*.
[53] *Ibid.*
[54] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. IV.
[55] Referência a una Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação na BUR.
[56] Cf. L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. VII.

o discurso e o tipo de experiência em que se participava antes». Deste modo «produziu-se uma redução ou um esvaziamento da espessura histórica do facto cristão, […] minimizando o seu alcance histórico, "esvaziando-o", tornando-o o mais vão possível enquanto incidência histórica».[57] Tudo palavras suas. Em suma, tudo o que se estava a viver então na pertença ao movimento (a educação recebida, a caritativa, a presença quotidiana em escolas e universidades, a resposta às diversas necessidades) estava como que esvaziado, não era estimado o suficiente: era preciso fazer outra coisa diferente para mostrar que também nós estávamos interessados na sorte do mundo, que sabíamos dar, precisamente enquanto cristãos, um contributo mais resolutivo, que tínhamos um projecto e uma praxis melhores. Esta posição, enfim, definiu a maior parte daqueles que ficaram, não só os que decidiram ir embora.

Esta redução da espessura histórica do facto cristão não se produz sem consequências. Vejamos como *don* Giussani as expõe.

«Primeiro: "Uma concepção eficientista do empenhamento cristão, com traços de moralismo". Mais do que traços: com uma redução total ao moralismo! Por que razão se devia continuar a ser cristãos? Porque o cristianismo te incita à acção, te incita ao compromisso, e pronto! […] O cristão só tem ainda o direito de permanecer no mundo na medida em que se lançar na acção mundana: é o cristianismo ético […]. Diante da necessidade do mundo, há a sua análise, a teoria para lhe responder e a resposta de acordo com essa teoria. Tudo se joga na medida humana, Cristo não entra; entra apenas a um nível para lá do tempo e do espaço; é uma inspiração moral, que está para lá do tempo e do espaço, "transcendental".»[58]

«Segunda consequência – e isto é o mais grave –: a incapacidade de culturalizar o discurso, de levar a própria experiência cristã até ao nível em que esta se torna juízo sistemático e crítico, e portanto sugestão de modalidade de acção. É a experiência cristã bloqueada no seu potencial de incidência sobre o mundo, porque uma experiência apenas incide sobre o mundo na medida em que atinge uma expressão cultural.»[59]

«Terceira consequência: a subavaliação teórica e prática da experiência autorizada, da autoridade. […] O Facto cristão – repetimos – tem na função da autoridade criada por Cristo o lugar geométrico em que se salva o Mistério.»[60]

---

[57] *Id*, p. V.
[58] *Id.*, p. V;VII.
[59] *Id.*, p. VI.
[60] *Ibid.*

«Então», resume *don* Giussani, «no meio da desorientação generalizada […] [aquilo que dominou foi] um atirar-se de cabeça para seguir o mundo. A sua própria história, os seus conteúdos de valores, foram minimizados, interpretados o mais possível segundo uma versão abstracta da vida, como que expulsos, ostracizados da possibilidade de uma incidência no contingente histórico e, por isso, duma verdadeira encarnação». Pouco antes de fazer esta observação, referindo-se ao comportamento global daqueles que participaram no movimento de contestação em 1968, *don* Giussani havia dito: «É a ingenuidade de mim como "medida de todas as coisas", é a ingenuidade do homem que diz: "Agora venho eu pôr ordem nas coisas". É a ingenuidade do homem medida de todas as coisas, é a ingenuidade do amor-próprio». E exclamou: «Que tristeza! Que tristeza sentimos logo, e como esta se foi tornando mais grave com o passar dos anos».[61]

Atirando-nos a fazer as coisas em nome do sermos cristãos, para demonstrar que, sendo cristãos, tínhamos respostas melhores que os outros para os problemas, podia parecer que Cristo era o essencial. Mas o juízo de Giussani, como de costume, apanha-nos de surpresa: «O nosso ideal não é, de todo, aquele […] que a imprensa imagina, o nosso ideal não é, de todo, ter direito a estar na terra e na sociedade porque sabemos responder às pretensões ou às exigências ou às necessidades que os outros têm, que os homens têm. Responder às carências e necessidades da gente é uma coisa boa, mas nós não estamos aqui para isso. Em 1976, em Riccione, perante dois mil responsáveis universitários, quando me pus de pé e não sabia o que dizer, mas sentindo um grande mal-estar interior, […] disse: "Nós não estamos aqui para isso, o nosso objectivo como cristãos não é esse. Podemos perfeitamente entrar em todas as cooperativas do mundo, podemos entrar em todas as associações do mundo e dar o nosso contributo para o bem comum através delas, mas o cristianismo não é uma associação desse género, o cristianismo não é uma organização para suprir as necessidades dos homens". […] Essa é a ilusão que, em todas as épocas, atacou o homem e nela o homem sempre se despenhou. É uma ilusão, chama-se utopia. […] [Porquê?] Porque o homem não pode ser capaz de identificar, assimilar, reunir e realizar a totalidade dos factores que estão em jogo; ao homem escapa sempre alguma coisa».[62]

Sem nos darmos conta, tínhamo-nos desviado de Cristo para a utopia. O essencial tinha-se tornado também para nós a utopia. Podíamos conti-

[61] *Id.*, p. VI-VII.III.

[62] Referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.

nuar a dizer que o essencial era Cristo, mas surpreendendo-nos em acção *don* Giussani obrigava-nos a reparar que já nos tínhamos desviado (isso via-se pelo facto de que não éramos capazes de «identificar e realizar a totalidade dos factores»). De facto, «é como se o movimento de Comunhão e Libertação, de 1970 em diante, tivesse trabalhado, construído e lutado com base nos valores que Cristo trouxe, enquanto o facto de Cristo, para nós, para as nossas pessoas e para todos aqueles que fizeram connosco o CL, "tinha ficado em paralelo"».[63]

O que é que conduziu a isto? A falta de consciência do problema. Nisto consiste o nosso ser "modernos", filhos da mentalidade que nos circunda. É um problema de concepção, de consciência de si, de autoconsciência, não de coerência ética. O nosso ser "modernos" (mas no fundo a "modernidade" é uma tentação do espírito de todos os homens em todos os tempos) manifesta-se neste desvio do centro de gravidade sobre as nossas *performances* religiosas, culturais, operativas: a Presença, o Facto de Cristo, passa a ser um *a priori* teórico; um *a priori* que não determina quem somos, como olhamos, o sentido do nosso estar no mundo.[64]

A dificuldade de erradicar de nós esta mentalidade é demonstrada pela história sucessiva do movimento, recentemente evocada na *Página Um*.[65] «O primeiro passo consciente foi o Cartaz da Páscoa […] O passo que o Cartaz [*Cristo companhia de Deus ao homem*, 1982] convidou todos a dar, e para muitos conseguiu realizar, é porque […] revelou que a questão não é tudo o que estamos a fazer, não é a nossa azáfama, não é a nossa análise das coisas, o nosso ponto de vista sobre as coisas inspirado em valores cristãos. Fomos avançando durante dez anos trabalhando nos valores cristãos e esquecendo Cristo, sem conhecer Cristo.»[66]

Giussani denunciava o desvio do centro de gravidade, a substituição do essencial por aquilo que nós fazemos – como todos os modernos –, sem nos darmos conta da sua absoluta inadequação aos factores do pro-

[63] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 56.

[64] Cf. «A época moderna, ou melhor, a época contemporânea é a prova trágica daquilo a que chega o homem na pretensão de autonomia: a pretensão de fazer-se a si mesmo, de realizar por si mesmo, de criar por si mesmo, de decidir por si mesmo, de se ter a si mesmo como centro. Esta pretensão leva à dissolução, à perda da liberdade come originalidade de juízo sobre a vida: fica-se alienado na opinião comum, na cultura, nas opiniões induzidas pela cultura dominante» (L. Giussani, *Uomini senza patria. 1982-1983*, op. cit., p. 265).

[65] J. Carrón, «Testemunho e Transmissão», *Passos-Litterae Communionis*, Março de 2014, p. I-IV.

[66] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 88-89.

blema: «Se estamos tão vergonhosamente divididos, fragmentados, que é impossível a unidade mesmo entre o homem e a mulher, e não se pode confiar em ninguém; se somos tão cínicos em relação a tudo e todos, e tão desapaixonados de nós mesmos, como podemos desta lama retirar alguma coisa para reconstruir as nossas paredes derrubadas, obter cimento para a construção de paredes novas? […] Dada esta nossa situação ferida, não podemos, com efeito, dizer: "Vamos nós reconstruir o humano!". Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? […] é preciso que venha alguém de fora – *tem de vir de fora* – e que perante esta nossa casa derrubada refaça as paredes. […] Aqui reside a maior dificuldade em relação […] ao cristianismo autêntico: é através de *outra coisa* – que vem de fora – que o homem se torna ele próprio […]. [Mas isto] "não agrada", porque faz entrar, dá guarida a algo que não corresponde à nossa imaginação e a uma nossa imagem da experiência, que parece abstracta na sua pretensão». [67]

Esta "outra coisa" – Cristo – parece-nos abstracta. E porque nos parece abstracta, para responder à urgência de mudar, de construir, «ficamos presos […] numa impotente aspiração a remediar ou *numa pretensão fraudulenta,* mentirosa, quer dizer: *identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar*». Terrível! «Assim nasce», continua *don* Giussani, «o "discurso" sobre os valores morais, porque o discurso sobre os valores morais pressupõe que o remédio para a dissolução venha da força da imaginação e da vontade do homem: "Vamos juntar-nos que assim havemos de remediar!"»[68] Modernos até ao tutano! Dizia isto para nós, não para os outros.

Mas por que é que nos desviamos de Cristo para o activismo, para a "azáfama"? Aqui o juízo de *don* Giussani é ainda mais surpreendente: desviamo-nos porque o nosso agir parece menos abstracto que Cristo como ponto de apoio para responder aos nossos medos. De facto, diz, «é uma insegurança existencial, é um medo de fundo, que faz conceber como próprio ponto de apoio, como razão da […] [própria] consistência, as coisas que se fazem culturalmente ou organizativamente».[69]

A coisa mais espantosa é a consequência que Giussani retira daqui. Estas "actividades" − por meio das quais tentamos vencer a nossa insegurança − entre nós seriam automaticamente identificadas como "presença". Mas nada está mais longe da realidade do que isso. Escutem o que diz:

---

[67] L. Giussani, «È sempre una grazia», in *È, se opera*, suplemento da revista *30Giorni*, Fevereiro de 1994, p. 57-59.
[68] *Id.*, p. 59.
[69] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 97.

«Assim nem a actividade cultural nem a actividade organizativa se tornam expressão de uma fisionomia nova, de um homem novo» – são expressão do nosso medo, da nossa insegurança –. «Se fossem expressão de um homem novo, podiam até nem existir quando as circunstâncias o não permitissem, mas aquele homem estaria de pé. Ao passo que, inversamente, tanta da nossa gente aqui presente», dizia, «se não fossem estas coisas, não estaria de pé, não saberia para que é que está aqui, não saberia a que é que adere: não está, não consiste, porque a consistência da minha pessoa é a presença de Outro».[70] Manifesta-se aqui em toda a sua clareza a relação entre aquilo que nos permite ficar de pé, «o essencial», e aquilo que estamos a fazer no mundo.

Sem reconhecer e fazer experiência daquilo que responde à nossa insegurança existencial, ao nosso medo de fundo, a nossa presença não é mais que o sinal da tentativa moderna de encontrar consistência naquilo que fazemos. Por isso é que tanta gente «não saberia para que é que está aqui»,[71] como observou *don* Giussani, se não existissem determinadas actividades.

Qual é o «porquê» último deste desvio, ao qual voltarei durante a tarde? «O "porquê" é, em última instância, a dificuldade que o discurso cristão, que a experiência cristã tem em tornar-se madura […]. A impaciência não é a última armadilha, é a primeira. A experiência cristã – pensem bem – mudará o mundo; porém, para mudar o mundo, é preciso toda a trajectória da história. […] A experiência cristã mudará a minha vida, mas é preciso a trajectória da existência [da história; nós, em vez disso, procuramos sempre um atalho para chegar antes, julgando ser mais inteligentes!]. […] A experiência cristã, em resumo, não sacia o gosto febril eficientista do homem, do ter imediatamente, do ter, porque esta é a tentação dos fariseus – continua –, os quais disseram a Cristo: "Faz o milagre como nós dizemos, faz descer um raio do céu. Faz descer um raio do céu e então acreditaremos ti". Eram eles que determinavam como havia de ser o milagre»,[72] como havia de mudar a realidade seguindo-O («Não foi pelos trinta dinheiros […]. Mas o reino d'Ele não vinha»[73]). «Este é realmente o *pathos* que subjaz ao drama de então e à incerteza, à tristeza, ao cansaço e às dúvidas de agora. É neste ponto que uma pessoa percebe, se dá conta, do que quer dizer a fé – crer, crer n'Ele –, dar crédito ao Facto cristão [isto é, confiar num desígnio, no modo de mudar a realidade, que é o Seu; mas

[70] *Ibid*.
[71] *Ibid*.
[72] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. VIII.
[73] C. Chieffo, «Il monologo di Giuda», in *Canti*, op. cit., p. 230-231.

a nós parece demasiado lento, demasiado pouco eficaz]. Porque em certos momentos é verdadeiramente como morrer para si mesmo, ou melhor, é verdadeiramente morrer para si mesmo». Por isso «os que se salvaram, salvaram-se devido ao sentimento de fidelidade à própria história, na medida em que tinham claro – exclusivamente, pode dizer-se – a imponência da dimensão religiosa como incidência no contingente concreto, por isso a presença do Mistério como factor incidente sobre o contingente humano, e, em segundo lugar, devido a uma redescoberta leal e clara do crédito a dar à autoridade, da função histórica da autoridade».[74]

Talvez agora se entenda melhor o motivo por que *don* Giussani se perguntava, em 1993: «Então para que é que estamos aqui?» Se o nosso objectivo como cristãos não é fazer iniciativas e construir obras para responder às necessidades, para resolver os problemas dos homens, então qual é? Ele desvia-nos de novo chamando-nos ao essencial, reafirmando a centralidade do crédito ao facto cristão. É esta a sua resposta à provocação: sem o regresso à origem não há nada a fazer.

4. Regresso à origem: «O movimento caminha exclusivamente em virtude da afeição a Cristo»

«Então para que é que estamos aqui?» Em 1993, *don* Giussani responde: «O motivo é duplo e o segundo é consequência do primeiro; poderia dizer-se consequência ocasional ou contingente do primeiro».[75] É impressionante porque, para o ilustrar, sem mediações, diz: nós «estamos aqui para dizer… estávamos a andar por uma estrada, ouvimos um, um ideólogo que falava, mas era mais que um ideólogo, porque era um tipo sério, chamava-se João Baptista. Estivemos lá a escutá-lo. A dada altura, um que ali estava connosco fez menção de ir embora, e vimos que João Baptista ficou a olhar para o que se estava a ir embora, e que a um certo ponto se pôs a proclamar: "Eis o Cordeiro de Deus". Tudo bem, um profeta fala de maneira esquisita. Mas nós dois, que estávamos lá pela primeira vez, vindos do campo, de longe, separámo-nos do grupo e fomos no encalço daquele homem, assim, por uma curiosidade que não era curiosidade, por um interesse estranho, sei lá quem no-lo meteu dentro, e Ele a um certo ponto voltou-se para nós e disse: "O que querem?", e nós: "Onde moras?", e Ele:

[74] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. VIII-IX.

[75] Referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.

"Vinde ver". Fomos e passámos lá o dia inteiro a vê-lo falar, porque não se entendiam as palavras que dizia, mas falava de tal forma, dizia aquelas palavras de tal modo, tinha uma tal cara, que nós estávamos ali a vê-lo falar. Quando nos viemos embora, porque era noite, fomos para casa com outra cara, olhámos para as nossas mulheres e para os nossos filhos de forma diferente, havia como que um véu entre nós e eles, o véu daquela cara, e consumia-nos o cérebro. Nessa noite nenhum de nós dormiu sossegado e no dia seguinte fomos outra vez procurá-lo. Tinha dito uma frase que nós repetimos aos nossos amigos: "Venham ver um que é o Messias que havia de vir; é o Messias, foi Ele quem disse: 'Eu sou o Messias'". E os nossos amigos vieram e também eles ficaram magnetizados por aquele homem. Era como se disséssemos, à noite, quando nos reuníamos à roda do lume, com os quatro peixes que havíamos apanhado na noite anterior: "Se não se acredita num homem assim, se eu não acredito num homem assim, não posso mais acreditar nos meus olhos"».[76]

Continua *don* Giussani: «Nós estamos no mundo para gritar a todos os homens: "Vejam que está entre nós uma presença estranha; entre nós, aqui, agora, há uma presença estranha: o Mistério que faz as estrelas, que faz o mar, que faz todas as coisas […] fez-se homem, nasceu do ventre de uma mulher […]". Nós estamos no mundo porque a nós, e não a outros, foi dado a conhecer que Deus se fez homem. Há um homem entre nós, que veio ao meio de nós há dois mil anos e ficou connosco ("Estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo"), há um homem [entre nós] que é Deus. É Ele que conduz até ao fim a felicidade da humanidade, a alegria da humanidade, a realização dos desejos todos da humanidade; condu-lo até ao fim para aqueles que O seguem».[77] Hoje poderíamos acrescentar: também a ânsia de libertação, que é expressa de modo confuso e contraditório nas reivindicações dos novos direitos, só pode encontrar cumprimento em Cristo.

Assim se esboça, então, o segundo motivo: «A consequência contingente de olhar para Ele, de O ver falar, de ouvi-Lo, de ir atrás d'Ele, de dizer a todos: "Está aqui, está aqui entre nós, o Deus feito homem […]", a consequência contingente para quem assim fala é que vive melhor – melhor –; não resolve, mas vive melhor inclusivamente os problemas da sua humanidade: gosta mais da sua mulher, sabe como gostar mais dos filhos, gosta mais de si mesmo, ama os amigos mais que os outros, olha os estranhos com uma gratuidade, com uma ternura de coração como se fossem ami-

[76] *Ibid.*
[77] *Ibid.*

gos, socorre os outros nas suas necessidades como pode, como se fosse a sua necessidade, encara o tempo com esperança e, por isso, caminha com energia; usa de tudo para poder caminhar e fazer caminhar também os outros, consola na dor, é cauto na alegria, intensamente cauto; é intenso na alegria, mas com a noção de que tudo tem um limite, um limite que é provisório. De limite em limite, o homem, junto a outros, caminha para o seu destino, para aquele dia em que Ele reaparecerá não como apareceu a João e André, os dois que o seguiam, mas como apareceu a dado momento da sua vida, no monte Tabor, como apareceu ressuscitado dos mortos».[78]

Nós, portanto, estamos aqui por esta presença. Mas estas coisas quem as entende? *Don* Giussani perguntava-se: «Pais, padres, associações católicas, quem é que entende bem a diferença deste dever, quem é que percebe bem esta presença, quem é que não tenta ser digno de arranjar um espaço para si neste mundo, o direito a viver neste mundo só porque responde às necessidades alheias, quem?»[79]

É o testemunho que nos oferece todos os dias o Papa Francisco: estas coisas quem as entende?

«É uma grande purificação, uma grande iluminação que deve albergar e dominar o nosso ânimo, é uma grande graça que nos deve acontecer… Que nos deve acontecer? Que nos aconteceu! Porque aquilo que nos temos dito no movimento desde o primeiro dia é isto, ainda que por outras palavras; aquilo que ouviram dizer, que os levou a dizer: "Bem, gostava de ir com eles", aquilo que todos pressentimos é isto (temos de admitir que transtorna tudo): o centro da vida não é ser bem sucedido, mas reconhecer Alguém. Não "ser bem sucedido", mas "reconhecer Alguém".»[80] Foi isso o alvoroço do coração. E logo a seguir *don* Giussani apresenta esta alternativa: «O valor de uma pessoa está em ser reconhecida – como é óptima, como é capaz, como é esperta – ou em ser amada? É tão verdade que a única dignidade da pessoa está em ser amada que a consistência e a natureza de um eu, do teu eu, é ter sido escolhido pelo Mistério: […] o ser amado é a consistência, a natureza do teu eu».[81]

Quando falta isto estamos todos perdidos. O centro da vida é «não o êxito, mas o reconhecimento de uma presença» (e talvez porque não se sentiram amados, porque não se sentem amados, alguns de nós, como tantos

[78] *Ibid.*
[79] *Ibid.*
[80] *Ibid.*
[81] *Ibid.*

dos nossos contemporâneos, procuram a realização noutro lugar). «É este o problema cristão», continuava, «relativamente ao problema de qualquer filosofia […]: a nossa salvação não é a utopia, […] mas uma Presença a reconhecer: não é um "azáfama", é um amor.»[82] Bastava dar-se conta do que somos para perceber se com a nossa "azáfama" conseguimos responder ao nosso drama humano. A vida é este amor, é o reconhecimento de ser amados («Amou-nos com um amor eterno e teve piedade do nosso nada»[83]). E *don* Giussani acrescentava: «Quando pronuncio esta palavra [amor], quando digo isto que agora disse – o problema da existência não é uma "azáfama" mas um amor – em noventa e nove por cento das caras leio uma confusa estranheza».[84]

O que é esta estranheza? É o sinal de que não percebemos, que já nos desviámos. Esta estranheza diz, mais que tudo o resto, de quê e de onde esperamos a resposta. Aliás, é precisamente por causa desta estranheza que nos desviamos do essencial para ir procurar a nossa consistência naquilo que fazemos. Esta estranheza é o juízo mais potente que damos de Cristo e de nós. Sem perceber qual é o nosso problema, não nos damos verdadeiramente conta de quem é Cristo. No fundo o que é importante, o essencial está noutro sítio. É a confusa estranheza que sentimos diante do misterioso desígnio de Deus, a mesma estranheza de Pedro diante do desígnio do Pai, ao qual Jesus obedece e que Pedro, por sua vez, não entende. É esta estranheza que nos leva a desviar do essencial, a procurar a nossa consistência em algo que, "nos pensamentos secretos dos nossos corações", consideramos menos "inconsistente" que Cristo.

Nós não poderemos dar o nosso contributo original à vida do mundo se não encontrarmos a consistência neste amor que nos permite ser diferentes no panorama social e cultural. *Don* Giussani nunca desistiu de nos indicar onde nós podemos encontrar uma verdadeira consistência: «A consistência da minha pessoa é a presença de Outro».[85]

Ao contrário, recordava, nós procuramos a consistência «naquilo que fazemos ou naquilo que possuímos, que é o mesmo. Assim a nossa vida não tem nunca aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra "paz" sugere, […] aquela certeza plena, aquela certeza e aquela plenitude sem a qual não há paz e, por conseguinte, não há alegria nem há regozijo. No máximo, chegamos ao contentamento com aquilo que

---

[82] *Ibid.*

[83] Cf. *Jer* 31,3.

[84] Referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.

[85] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 97.

fazemos ou ao contentamento com nós mesmos. E esses fragmentos de contentamento com aquilo que fazemos ou com aquilo que somos não trazem nenhuma alegria nem nenhum regozijo, nenhum sentido de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude […] A certeza é algo que sucedeu em nós, aconteceu em nós, entrou em nós […] Alguém nos aconteceu, se doou a nós, doou de tal forma que se inseriu na carne e nos ossos e na alma: "Já não sou eu que Vivo [é Cristo que] […] vive em mim"».[86]

«Chegou um momento», dizia *don* Giussani em 1991, «em que a afeição entre nós tem já um peso específico maior que a lucidez dogmática, a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que necessitamos ter uns pelos outros só tem um paralelo [uma só urgência]: a oração, a afeição a Cristo. E realmente chegou o momento em que o movimento caminha exclusivamente em virtude da afeição a Cristo que cada um de nós tem, que cada um de nós implora ao Espírito para ter.»[87]

Só um homem certo poderá ser capaz de responder aos desafios do presente: entrar no quarto de um doente terminal onde já ninguém entra, ter um filho com malformações, trazer filhos ao mundo, enfrentar a falta de trabalho sem sucumbir, etc.

Por que é que *don* Giussani volta sempre a João e André, quer dizer, ao primeiro anúncio cristão, ao primeiro encontro? Porque está fora do mundo? Porque está iludido? Não, porque está convicto de que «a solução dos problemas que a vida põe todos os dias "não advém directamente enfrentando os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta". Por outras palavras, "o particular resolve-se aprofundando o essencial"».[88] Para abordar os problemas, portanto, é necessário uma coisa que faça manifestar e cumpra a natureza do nosso eu, aquele «mistério eterno do nosso ser»,[89] de que fala Leopardi. A verdadeira questão, então, é perguntar-se quem pode despertar o eu das suas reduções, libertando-o da ditadura dos seus pequenos desejos para o abrir ao grande desejo de cumprimento da vida. «Só o divino salva os factores do humano.»[90] É este o cerne da pretensão cristã. A tarefa de Cristo não é outro senão despertar

---

[86] L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, Cinisello Balsamo (Mi), San Paolo, 2008, p. 25-26.

[87] *Corresponsabilità*. Excertos da discussão com Luigi Giussani no Conselho Internacional de CL, *Litterae communionis-CL*, Novembro de 1991, p. 32.

[88] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 489.

[89] G. Leopardi, «Sopra il ritratto di una bella donna…», vv. 22-23, in *Cara beltà...*, Milão, BUR, 2010, p. 96.

[90] Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 95.

a pessoa, fazer emergir toda a extensão do seu desejo, de modo a libertá-la da escravidão dos seus pequenos desejos.

Para ir ao essencial Jesus aproveita qualquer ocasião, mesmo um facto quotidiano, simples – o Evangelho está cheio deles –, como sentar-se junto a um poço a descansar, ter sede, pedir a uma mulher para lhe dar de beber. Esta mulher, sendo samaritana, fica presa no que pensa: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?». Está presa nos posicionamentos habituais, porque os judeus não se dão com os samaritanos. Jesus podia ter-se posicionado de um lado ou do outro. Em vez disso, rompe as fileiras expondo diante dela uma posição não reactiva mas original: sabe muito bem que por trás das aparências, por trás do formalismo dos esquemas, está o coração sedento de uma mulher e provoca-a justamente ao nível do seu coração: «Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: "dá-me de beber", tu é que lhe pedirias e ele havia de dar-te água viva». Jesus aproveita a oportunidade para dizer quem Ele é, qual é a pretensão que tem. Que olhar é preciso ter para não ficarmos sempre pela aparência diante das provocações do real e dos posicionamentos que se defrontam! Agora estamos nas mesmas circunstâncias, apanhados no meio de divergências ideológicas, e podemos aceitar ficar sujeitos à ideologia de uns e de outros. A mulher samaritana finge não perceber, como se não tivesse entendido o desafio: «Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo… Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob?». Jesus não recua; ao contrário, aumenta a dose: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna». Mas quem é este que tem a pretensão de responder a toda a sede do desejo do homem e de apresentar-se como a água que a pode saciar plenamente? Quem pode ter semelhante pretensão? Só Ele, o Senhor. Então, perante este aumento da dose manifesta-se a humanidade daquela mulher, porque o ser humano só se manifesta quando se encontra diante de um desafio real, de algo verdadeiramente único, finalmente correspondente à expectativa. A samaritana rende-se: «Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la».[91]

É isto a presença de Jesus, uma presença que tira partido de qualquer coisa para fazer emergir a Sua diversidade. Nós somos escolhidos, somos convidados a ser amigos de Jesus a fim de que, em qualquer situação, em qualquer provocação do real, possamos testemunhar um olhar diferente,

[91] *Jo* 4,9-15.

mais humano, mais capaz de captar todos os factores da experiência humana, nossa e dos outros. Só um amor a Jesus, fruto de uma longa convivência com Ele, pode fazer despontar em nós, diante de qualquer desafio, aquela diversidade que constata a Sua presença em acção.

Se não compreendermos isto, as nossas acções ou reacções, como sucedeu no passado – vimos isso, descrito por *don* Giussani –, assumirão acriticamente a posição do outro. E assim, ingenuamente, teremos a ilusão de poder responder, com a ética, aos desafios culturais e sociais nos quais está em jogo a concepção do homem. Mas bastará um apelo ético para levar a termo a gravidez de um filho que vai viver apenas umas horas? Bastará o encorajamento para as pessoas decidirem ter filhos? Cada qual pode verificar isto na sua experiência. Gostávamos de responder ao desafio antropológico com a ética: porém, a única resposta é o encontro (um encontro capaz de despertar o eu), do qual renasce também a ética; a única resposta é «a espessura histórica do facto cristão»,[92] uma presença diferente no mundo, o testemunho de «algo que já é livre»,[93] que se exprime de maneira original, sem deixar que o campo de jogo lhe seja imposto pela dialéctica mundana dos posicionamentos. Por isso, se desejamos que mude verdadeiramente alguma coisa para nós e à nossa volta, é preciso «fazer o cristianismo»,[94] quer dizer, «*ser presença*, […] construir esta porção de humanidade nova em caminho no lugar onde estamos».[95]

O amigo, que tinha sido desafiado por aquele inválido à procura de trabalho, conclui assim o seu relato: «Encontrando-o, passados três anos, perguntei-lhe o que tinha acontecido com os dois amigos que o acompanharam nestes anos. Ele responde: "Deram-me uma saída para o futuro". E eu: "Mas ajudaram-te a arranjar emprego?". E ele, seco: "Não". E eu: "Mas então que saída te deram?". E ele: "Um início, isto é, uma via, no sentido de que me deram um objectivo". E apeteceu-me perguntar para mim mesmo: quem és Tu que permites tudo isto? Que, apesar do aparente insucesso, despertas assim um eu, a ponto de o fazeres ganhar inteira consciência de quem é? Dos tantíssimos que arranjaram trabalho, ninguém jamais tinha dito nada do género».

Sem sermos continuamente gerados pelo olhar de Cristo no presente não vamos conseguir reconhecer o ponto crítico da cultura contemporâ-

[92] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», op. cit., p. V.
[93] Referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela BUR.
[94] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1991-1992)*, Milão, BUR, 2013, p. 326.
[95] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 62.

nea – da qual tantas vezes participamos, como nos demonstra a estranheza de que Giussani falava –: esse consiste na miopia com que se consideram as necessidades profundas do homem. Sem destrinçar o alcance infinito das exigências constitutivas do coração de todo o homem, a nossa cultura acaba por propor – quer no plano material quer no plano existencial e afectivo – uma multiplicação até ao infinito de respostas parciais. Mas, como nos recorda Cesare Pavese, «aquilo que um homem busca nos prazeres é um infinito, e ninguém renunciaria jamais à esperança de conseguir essa infinitude».[96] Portanto a multiplicação, ainda que à enésima potência, de "falsos infinitos" (como diz Bento XVI)[97] nunca poderá satisfazer uma necessidade de natureza infinita. Não é a adição quantitativa de bens e de experiências, a possibilidade ilimitada de transformar os desejos subjectivos em direitos, que pode satisfazer o "coração inquieto" do homem. Nem, por outro lado, pode ser uma exigência ética a resgatar o homem das suas reduções, a restituir-lhe uma adequada consciência de si. A única resposta, como Giussani nos mostrou, é um acontecimento capaz de despertar o eu, de o regenerar. É aqui que a Escola de Comunidade adquire toda a sua dimensão: «Jesus demonstra, na sua existência, uma paixão pelo indivíduo, um ímpeto pela felicidade do indivíduo que nos leva a considerar o valor da pessoa como uma coisa incomensurável, irredutível. O problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem. "Que aproveitará a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?". Nenhuma energia e nenhuma ternura de amor paterno ou materno, em tempo algum, investiram o coração do homem mais que esta palavra de Cristo, apaixonado pela vida do homem. De resto, a escuta destas últimas interrogações feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza. Se nos fazemos surdos a elas, fecham-se para nós as experiências humanas mais significativas. Não nos poderemos amar a nós próprios e seremos incapazes de amar seja quem for. De facto, o motivo último, que nos impele a amar-nos e a amar os outros é o mistério do *eu*; qualquer outra razão introduz a isto».[98]

Nós não somos diferentes dos outros. Se não formos despertados, também nós acabaremos por sucumbir à mentalidade de todos. Desgraçados como eles, também nós iremos procurar a nossa realização na carreira, no sucesso, sinal patente da redução do nosso desejo. O que é que nos faz ser diferentes?

---

[96] C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Torino 1973, p. 190.
[97] Cf. Bento XVI, *Messaggio al XXXIII Meeting per l'Amicizia fra i Popoli*, 10 agosto 2012.
[98] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 96.

Escreve-me um amigo: «Caro Carrón, ainda estou a vibrar desde que ouvi a tua lição de sábado à tarde na Assembleia de Responsáveis da América Latina! Num primeiro momento, quando começaste a falar, quis levantar-me e sair, e perguntava-me: onde é que eu vim parar? O que quer dizer recuperar as origens depois de séculos de história da Igreja? É preciso lutar pelos valores cristãos! No entanto, passado este primeiro impacto, sobretudo depois da citação do Gius: "Durante dez anos fomos avançando, trabalhando sobre os valores cristãos, […] sem conhecer Cristo", baixei um pouco as defesas, o que me permitiu reviver e entender melhor um episódio que me sucedeu pouco antes de casar e que gostava de te contar. Tendo decidido que a minha futura mulher, a seguir ao casamento, se despediria do emprego para se mudar para o estrangeiro comigo, estávamos muito receosos com a ideia de uma gravidez logo de início dado que, só com o meu ordenado, não nos conseguíamos sustentar. Semanas antes do casamento a minha mulher, em vista da situação, perguntou-me se era caso para confiar unicamente nos métodos naturais. Sem pensar nas consequências do que ia dizer, disse-lhe que o verdadeiro problema residia em que, se não estávamos dispostos a aceitar os filhos, no fundo não estávamos preparados para o matrimónio... Lembro que então pensei somente na pergunta do padre, durante a cerimónia: "Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus?" Escutar-te fez-me reviver aquele momento com a pergunta: naquela situação, o que é que me fez ser tão livre a ponto de pôr em "risco" aquilo que mais desejava no mundo? Dei-me conta imediatamente que o mero respeito por um "valor cristão" não era suficiente para pôr em risco o casamento iminente, há tanto desejado. O que naquela circunstância me fez ser livre não foi o respeito por um valor cristão, mas o desejo de não me separar de Cristo, o desejo de permitir a Cristo entrar no íntimo do nosso casamento, a intuição de que sem Ele não valia a pena casar. Repensando na tua lição continuo a perguntar-me: quem é que alguma vez me falou assim? Com tanta verdade? Quem me faz vibrar assim? Quem me ajuda a compreender verdadeiramente a correspondência entre Cristo e a minha vida? Quanta ternura para comigo! Obrigado».

Tal como o Papa Francisco hoje, *don* Giussani não fez outra coisa senão anunciar-nos e testemunhar a beleza da fé, para nos mostrar a sua razoabilidade através dos frutos que ela traz à vida. Por isso é que o Papa insiste que temos de comunicar ao mundo aquilo que é essencial para nós. Têm uma coisa a propor que seja mais inteligente, mais adequada à real situação do homem? Escutem o que o Papa Francisco disse esperar dos bispos: «Homens que guardam a doutrina não para medir como o mundo vive distante

da verdade que ela contém, mas para fascinar o mundo, para o encantar com a beleza do amor, para o seduzir com a oferta da liberdade doada pelo Evangelho. A Igreja não precisa de apologetas das próprias causas nem de cruzados das próprias batalhas, mas de semeadores humildes e confiantes da verdade, conscientes de que ela lhes é sempre confiada de novo e que confiam no seu poder.»[99] Só o testemunho e a transmissão daquilo que se vive – como nos disse o cardeal Scola –[100] podem tornar fascinante o cristianismo, hoje como ontem, fazer renascer o eu e libertar o homem.

Escreve uma amiga: «Durante uma discussão sobre a lei da eutanásia na Bélgica, de repente um colega, que eu só conhecia de vista, intervém dizendo que no fundo, segundo ele, é correcta a eutanásia para os recém-nascidos com deficiências graves, nos casos em que é evidente que, desde o nascimento, não vão ter nenhuma possibilidade de andar, porventura nem sequer de falar, e não vão poder realizar nenhuma actividade autonomamente; porque afinal − diz ele − que vida é uma vida assim, certamente nunca vão poder ser felizes! [É uma pergunta sobre o sentido da vida que está em jogo] Então eu, que até àquele momento só tinha dito coisas banais, mas sem me implicar num juízo verdadeiro, intervenho na discussão contando que tenho uma filha deficiente que se encontra nas condições por ele descritas, mas que, apesar disso, acima de tudo ela é feliz, e isso demonstra que a felicidade não é proporcional ao grau de "performance" ou à aptidão para realizar autonomamente determinados gestos, porque a felicidade não somos nós que a damos. E em seguida digo-lhe que, apesar do esforço, para mim ela foi e continua a ser um grande dom porque a sua evidente dependência em tudo e de tudo é uma permanente chamada de atenção para o facto de estarmos nas mãos de Outro. Depois conto-lhe alguns episódios que se passaram nestes anos, nos quais foi evidente que a sua presença tem sido mesmo uma riqueza para quem a conhece. Depois de ter falado de mim, ninguém teve mais nada a retorquir e arrefeceu a discussão. Uma semana depois este meu colega vem ter comigo dizendo que me queria falar, e convida-me para um café. […] Diz: "Não consigo já livrar-me da pergunta de como foi possível teres-me falado da tua filha daquela maneira e também, sobretudo, como é possível que, depois de uma história assim, tivesses a coragem de ter outros filhos, porque isso para mim é inconcebível! […] E esta coisa continua a vir-me à cabeça e já não

[99] Francisco, *Discurso na reunião da Congregação para os Bispos*, 27 de Fevereiro de 2014, 6.

[100] Cf. A. Scola, *Palavras pronunciadas a seguir à Homilia por ocasião do IX aniversário da morte de don Giussani e XXXII do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comumhão e Libertação*, Milão, 11 de Fevereiro de 2014.

me deixa em paz". Eu aí fiquei comovida e disse para mim: "Mas o que é que este colega viu através de mim que já não o deixa em paz?" Não foi com certeza um bonito discurso, mas uma Presença excepcional, [maior do que eu], que o fascinou. Portanto, para mim foi a ocasião para ver o reacontecer da Sua Presença! […] Para mim não era óbvio estar diante da realidade assim. Todas as outras vezes em que me tinha visto em discussões semelhantes, ia-me sempre embora irritada, sem ter a coragem de dizer nada e pensando apenas com raiva como era possível que determinadas pessoas tivessem essa forma de pensar. Desta vez, para mim, foi possível encarar a circunstância com toda a verdade de mim mesma, graças ao caminho que venho fazendo, seguindo-te, e através do trabalho da Escola de Comunidade, porque começo a encarar realidade sem censurar nada, certa de que o que me acontece é, em primeiro lugar, um bem para mim, e que o outro é a oportunidade que Jesus me dá para que eu possa aprofundar a minha relação com Ele. O resultado é que eu estou mais contente!»[101]

Eis o que é o essencial e qual a sua incidência histórica. «Numa sociedade como esta não se pode criar algo de novo senão com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativa que se sustentem. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha.»[102] Por isso, só quem aceita fazer o caminho, como Pedro, poderá dar um contributo real e culturalmente original aos desafios actuais. A libertação só pode vir de algo que já é livre, quer dizer pela comunidade cristã não esvaziada da sua espessura histórica (cultura, caridade e missão), da sua capacidade de gerar e de educar um eu desperto. Desde o alvoroço do coração até hoje. Aqui assenta todo alcance cultural daqueles olhos, daquele olhar que entrou na história e que a Escola de Comunidade testemunha: «Jesus Cristo veio chamar o homem à *religiosidade* verdadeira, sem a qual qualquer pretensão de solução é mentira», porque a religiosidade cristã é a «*única condição do humano*».[103]

Podemos agora entender o alcance do gesto simples, quotidiano, de recitar o *Angelus*: deixar, cada vez, entrar nos nossos olhos, no nosso coração e no nosso pensamento o essencial.

Angelus

[101] Cf. Carta de Anna, *Tracce-Litterae communionis*, Abril de 2014, p. 6.
[102] «Movimento, "regola" di libertà», O. Grassi (org.), op. cit., p. 44.
[103] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 113, 99.

Sábado 5 de Abril, tarde

À entrada e à saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 38, "Prager"
Karl Böhm – Wiener Philharmoniker
Deutsche Grammophon

■ **SEGUNDA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

A estrada da maturidade

Por que é que sucedeu tudo quanto nos dissemos esta manhã?

«O "porquê", em última instância [dizíamos], é a dificuldade que […] a experiência cristã tem em tornar-se madura. […] De várias maneiras, esta posição permaneceu, por muito tempo, como que bloqueada nos limites da imaturidade, devido à falta, […] [de] evolução da nossa experiência.» Portanto, dizia *don* Giussani, «o nosso verdadeiro problema é sair da imaturidade».[104]

O que é que ele entende por imaturidade? Imaturidade significa debilidade da autoconsciência. A autoconsciência não cresce, não aumenta. Mas qual o conteúdo desta autoconsciência que não cresce? É o que nos aconteceu com Cristo. «Foi precisamente a ausência desta autoconsciência, da consciência do que me aconteceu com Cristo – que, mesmo que o mundo inteiro, […] [se torne] outro, [eu] não me demovo, porque […] é um facto que define a minha carne, os meus ossos, o meu espírito, toda a minha ontologia […] –, foi a ausência desta consciência […] que se cravou na carne dos que permaneceram fiéis à nossa história, endurecendo-lhes os movimentos, […] a maneira de falar, tornando esquemático e mecânico o seu oferecimento, não gerando, em suma, nada.»[105]

Assim, se aquilo que vivemos não aumenta a nossa autoconsciência, ou seja, não nos faz crescer, tornamo-nos rígidos e esquemáticos. A debilidade da consciência traduz-se – diz *don* Giussani, referindo-se às fases recordadas – numa «fidelidade mecânica nas formas. Por isso foram levados em diante, durante muito tempo, especialmente a níveis educativos, um

[104] L. Giussani, «A longa marcha da maturidade», *Passos-Litterae communionis*, Março de 2008, p. VIII, IX, XI.
[105] *Id.*, p. IX.

conformismo, uma esquematização e uma certa aridez».[106] Esse formalismo (pensemos, por exemplo, em como fazemos a Escola de Comunidade, em como participamos em certos gestos) mostra que aquilo que vivemos não se torna experiência. Mas a razão por que *don* Giussani começou o movimento foi precisamente que a fé se tornasse experiência: portanto, se prevalece o formalismo, o risco de se perder o carisma pelo caminho não está de modo nenhum ultrapassado.

1. Como sair da imaturidade?

Como podemos sair desta imaturidade? É necessário que tudo o que vivemos faça crescer a nossa pessoa, a nossa consciência. De contrário fazemos frente aos novos desafios - que não nos são evitados - como se não tivesse acontecido nada, ou seja, como toda a gente.

Para se compreender o que pretendo dizer, olhemos juntos para a experiência dos apóstolos, que tinham a nossa mesma dificuldade.

«Os discípulos tinham-se esquecido de levar pães e só traziam um pão no barco. Jesus começou a avisá-los, dizendo: "Olhai: tomai cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes." E eles discorriam entre si: "Não temos pão." Mas Ele, percebendo-o, disse: "Porque estais a discorrer que não tendes pão? Ainda não entendestes nem compreendestes? Tendes o vosso coração endurecido? *Tendes olhos e não vedes, tendes ouvidos e não ouvis*?"» O que é que viram que não se recordam, que não deixou rasto, o que é que não ficou nos seus olhos, no seu coração? «"E não vos lembrais de quantos cestos cheios de pedaços recolhestes, quando parti os cinco pães para aqueles cinco mil?" […] "Doze". "E quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de bocados recolhestes?" […] "Sete". Disse-lhes então: "Ainda não compreendeis?"»[107]

Os discípulos assistiram a dois factos estrondosos, espectaculares, duas multiplicações de pães como nunca tinham visto na vida deles, mas como não se deram conta da dimensão do que aconteceu e, por conseguinte, não cresceram na relação com Ele, enfrentam o novo desafio – uma coisa banal: terem-se esquecido do pão – sem terem nos olhos o que tinha acontecido. Andavam com Ele, tinham-No visto multiplicar os pães mas, não tendo crescido na consciência de quem era Jesus, apesar de terem na frente deles a "padaria" estavam preocupados por não haver pão. Esse é também

[106] *Ibid.*
[107] *Mc* 8,14-21.

o nosso problema. O que os domina é a preocupação de não terem pão. Perante o novo desafio, a presença de Jesus, que estava ali fisicamente presente – não estava noutro sítio, não se tinha "esfumado" no espiritualismo –, era igual a zero. Por isso não se justificam as nossas lamúrias todas de que Ele hoje não estaria presente como então. Estava presente! Mas não bastou que estivesse fisicamente presente. Se não crescermos na consciência de quem é Aquele que está presente, não basta estar fisicamente presente para determinar uma forma nova, diferente, de enfrentar o desafio. Sem crescer na consciência de quem é Jesus, mesmo estando fisicamente presente, Jesus não conta nada e movemo-nos como antes de O termos encontrado.

«Jesus retirou-se para o mar com os discípulos. Seguiu-o uma imensa multidão vinda da Galileia. E da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, de além-Jordão e das cercanias de Tiro e de Sídon, uma grande multidão veio ter com Ele, ao ouvir dizer o que Ele fazia. E disse aos discípulos que lhe aprontassem um barco, a fim de não ser molestado pela multidão, pois tinha curado muita gente e, por isso, os que sofriam de enfermidades caíam sobre Ele para lhe tocarem. Os espíritos malignos, ao vê-lo, prostravam-se diante dele e gritavam: «Tu és o Filho de Deus!» Ele, porém, proibia-lhes severamente que o dessem a conhecer.»[108]

«Naquele dia, ao entardecer» – diz noutra passagem – depois de ter curado muita gente «disse: "Passemos para a outra margem". Afastando-se da multidão, levaram-no consigo, no barco onde estava; e havia outras embarcações com Ele. Desencadeou-se, então, um grande turbilhão de vento, e as ondas arrojavam-se contra o barco, de forma que este já estava quase cheio de água. Jesus, à popa, dormia sobre uma almofada. Acordaram-no e disseram-lhe: "Mestre, não te importas que pereçamos?" Ele, despertando, falou imperiosamente ao vento e disse ao mar: "Cala-te, acalma-te!" O vento serenou e fez-se grande calma. Depois disse-lhes: "Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?" E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: "Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?"»[109] Como não tinham entendido quem era Jesus eram vencidos pelo medo. Tinham-No visto realizar gestos espectaculares, mas não tinha mudado nada, o que lhe tinham visto fazer não deixara rasto neles. A insegurança, portanto, causa-lhes agitação. Neles a reacção nasce do medo: «Mestre, não te importas que pereçamos?».

Se não aumenta a consciência de quem é Jesus, nenhum dos nossos esforços nos tiram o medo. O que pode responder aos nossos medos não

[108] *Mc* 3,7-12.
[109] *Mc* 4,35-41.

é uma "azáfama", mas um crescer na consciência de quem é Jesus: é um problema de fé. O que está em jogo aqui, meus amigos, é a fé. Mas a fé não como uma afirmação formal que todos podemos fazer. Não é isso que faz a diferença. O que faz a diferença não é a afirmação formal do dogma, mas a experiência daquilo que dizemos. E isso vê-se no modo como nós estamos no real, porque o real, o embate do real, nos permite de fazer o teste da experiência que fizemos; não da teologia que aprendemos ou de quantas Escolas de Comunidade frequentámos; a experiência vem ao de cima diante dos desafios, porque nós, assim como os apóstolos, podemos assistir a factos excepcionais (quantos não nos contamos cada vez que nos encontramos!), que contudo não aumentam a consciência d'Ele, a relação com Ele; não cresce a nossa autoconsciência, a consciência do que aconteceu em nós com Cristo.

Escreve uma pessoa: «No trabalho, eu percebo que a minha forma de olhar para a realidade é diferente da forma do meu chefe olhar para a realidade. Mas reconhecer que é Ele que permite isso e dar-Lhe graças, enfim, muitas vezes não chego a tanto. Por isso também a experiência que faço não cimenta a relação com Ele. E eu noto isto porque depois, no dia seguinte, basta alguém não te reconhecer e não gostar de ti que perdes logo as peneiras». Então uma pessoa pergunta-se: se sucede isto depois de tantos casos que aconteceram, para que serve a fé? Para que serve ser cristão? Vivendo a fé como um formalismo, sem uma experiência real, a pessoa deixa de ter uma razão para ficar.

Aqui podemos adivinhar verdadeiramente qual é o nosso problema, o que é aquela imaturidade de que Giussani fala: nós tivemos um encontro, seguimo-lo – como o demonstra o facto de estarmos aqui –, assistimos a factos excepcionais, mas nada disto cimenta a relação com Cristo. O que é que se verifica? Que o eu não cresce. Onde se vê? No facto de estarmos diante do real como se não tivéssemos visto nada, tal como os discípulos. Isto é um exemplo do formalismo, do mecanicismo com que vivemos até mesmo os factos excepcionais.

O mesmo pode acontecer com as actividades que fazemos: não geram personalidade, não fazem amadurecer a nossa autoconsciência. Porquê? «A actividade fica desligada da sua origem. […] A copiosidade e até o êxito de muitas iniciativas da comunidade», diz *don* Giussani, «tinham-nos dado uma certa sensação de suficiência». Mas dado que a actividade desligada da sua origem, «quanto mais dentro da actividade estão, tanto mais a vossa actividade atenua a provocação da qual deveria, pelo contrário, ser instrumento, deixa de vos provocar. Quanto mais activos estão, menos essa actividade vos provoca. Aliás, quanto mais activos estão mais "é su-

primido o golpe", o impacto, o desafio que o facto cristão, em si mesmo, implica».[110]

A confirmação, continua *don* Giussani, está no facto de que «as actividades não geram personalidade, razão pela qual não amadurece a nossa mentalidade, razão pela qual na relação com os outros é tudo formal ou verbal e não é um expor-se a si próprio, a um si próprio novo, a um eu novo», que, «quando […] acontece, se ouve dizer: "Mas tu és diferente dos outros! Como consegues?"; "Como é que aquele ali consegue ser assim?"»[111] Quando não há um eu novo, o anúncio permanece verbal, um discurso. E para nós o que fica? «Nas minhas mãos só ficou terra queimada […] fica só a triste lembrança de um dia desperdiçado»[112]

Vimos muitas vezes factos excepcionais, participámos em muitos gestos que não podemos deixar de reconhecer como belos, fazemos muitas actividades, mas não geram personalidade. E então as nossas acções são expressão do medo, da insegurança existencial, não de um eu novo. Porquê? Porque não se faz uma experiência: na medida em que fica desligado da sua origem (não reconhecido na sua origem), aquilo que vemos e fazemos não se converte em experiência e portanto não faz crescer a nossa pessoa, não muda a nossa mentalidade, não gera personalidade, não favorece uma personalização da fé. Não basta fazer, não basta ver: é necessário que isso se converta em «experiência».

Realmente a vicissitude humana é mais complexa que os habituais esquematismos. Por isso *don* Giussani sempre nos disse: «Esperem um caminho, não um milagre que vos subtraia às responsabilidades, que suprima o vosso esforço, que torne mecânica a vossa liberdade […]. Esta é uma diferença profunda em relação a antes, em relação ao caminho percorrido até agora: a diferença profunda é que […] não nos poderás seguir senão totalmente disposto a compreender. […] Agora terás de começar a amar realmente […] a vida e o seu destino».[113] Caso contrário, até o pertencer à coisa melhor que nos aconteceu na vida nos vai desiludir. O mesmo dizia o Papa Francisco de São Pedro.

Como é possível que os factos não aumentem a certeza do eu? Como é possível que aquilo que vivemos, as iniciativas que fazemos não cimentem a relação com Ele e, portanto, não ajudem a responder à questão de como viver? A falta de experiência põe em relevo um problema de método.

---

[110] L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*, Milão, BUR, 2011, pp. 142-143.
[111] *Id.*, p. 143-144.
[112] C. Chieffo, «La guerra», *Canti*, op. cit., p. 235.
[113] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 636.

Quando uma coisa que vivemos não se torna experiência, nós não crescemos, reduzimos a experiência a um facto mecânico, sem que isso implique um juízo sobre o que experimentámos ou vivemos. Onde é que eu vejo que estou verdadeiramente a fazer uma experiência? Diz *don* Giussani: «*Em concreto, experiência é viver aquilo que me faz crescer*. A experiência produz, por conseguinte, o crescimento da pessoa através da valorização de uma relação objectiva. […] A "experiência" está portanto conotada com o *reparar que se está a crescer*».[114] Se os discípulos não se dão conta de quem se revelou diante dos seus olhos na multiplicação dos pães, se não se apercebem – não que não o tenham visto – do que isso implica, perante um novo desafio encontram-se outra vez no começo. Por que é crucial este aperceber-se de crescer, característico da experiência? Porque «a pessoa é antes de mais consciência de si. Por isso, o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer», diz Giussani, «o estabelecer relações com a realidade como um facto mecânico: este é o erro implícito na frase tão usada "fazer experiências" em que "experiência" se converte em sinónimo de "provar". O que caracteriza a experiência é o *entender* uma coisa, descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas. E o sentido de uma coisa descobre-se na sua ligação com o resto; por isso, experiência significa descobrir para que é que uma determinada coisa serve no mundo».[115]

Por isso é que *don* Giussani sempre levou muito a peito a questão do método. Desde o início do seu compromisso educativo que dissera: «Nós queremos – e este é o nosso objectivo – livrar os jovens: livrar os jovens da escravidão mental, da homologação que torna mentalmente escravos dos outros». Para os ajudar, entrou no ensino dizendo aos jovens: «Não estou aqui para que vocês adoptem como vossas as ideias que vos dou [que é o que pensamos agora: "O importante é que os nossos jovens 'adoptem' como deles as nossas ideias"; isto deixa-nos em paz mas, procedendo assim, depois não fica nada!], mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que vos vou dizer», ou seja, para fazer um juízo de todas as coisas que vos acontecem na vida. «O respeito por este método caracterizou desde o início o nosso empenho educativo, indicando-nos com clareza o objectivo».[116] O objectivo de todo o empenho educativo de *don* Giussani, pelo qual ele deixa o «Paraíso da Teologia» pelo «Purgatório do

[114] L. Giussani, *Educar é um risco*, Lisboa, Diel, 2005, p. 125.
[115] *Id*, p. 125-126.
[116] *Id.*, p. 20.

trabalho nesta vida»,[117] é «mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida».[118] Se nós não percebemos a pertinência da fé nas exigências do viver, a nossa fé tem os dias contados.

O seu objectivo era mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida, ou seja, que os jovens a quem se dirigia pudessem ver, constatar que aquilo que lhes propunha respondia às urgências do viver, era uma resposta à pergunta «Como viver?». *Don* Giussani diz-nos como tinha chegado a esta convicção: «Devido, em primeiro lugar, à minha formação familiar e do seminário, e mais tarde à minha meditação, tinha-me convencido profundamente que uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, e confirmada por esta, útil para responder às suas exigências» – isto é, à pergunta: «Como viver?» –, «não seria uma fé capaz de resistir num mundo em que tudo, *tudo*, dizia e diz o oposto».[119] Era preciso mostrar esta «pertinência» e indicar um método para a descobrir (isto é, para fazer um juízo). é por isso que voltámos a propor esta frase no nosso Cartaz de Páscoa, porque está ainda toda por aprender como experiência vivida.

Quando alguém começa a dar-se conta da importância do método, começa a estar agradecido por ter pela frente uma estrada a percorrer, que exista a estrada; não é que não deixem de haver enganos, mas – mais decisivo que os enganos – é ter pela frente uma estrada a percorrer. Quem quer pode percorrê-la, não precisa de mais nada a não ser o desejo de percorrê-la, o amor a si mesmo suficiente para desejar percorrê-la, porque nos é dado tudo quanto é necessário para a fazer. Como escreve um de vocês: «Não é a mesma coisa avançar com a consciência de que a estrada existe porque, não sendo assim, a cada situação difícil uma pessoa fica paralisada e convencida de que a vida chateia e basta». Mas por vezes nem sequer quando nos damos conta conseguimos evitar aquilo que caracteriza o homem de hoje: a dúvida!

Agora, como podemos alcançar a certeza? É preciso um caminho humano!

2. Os factores de um caminho humano

Tendo identificado com clareza o problema, vejamos quais são os factores deste caminho humano. Geralmente cometemos um erro: nós conhe-

[117] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 146.
[118] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 20.
[119] *Ibid.*

cemos estes factores, mas pensamos que são "só" factores do início. Que é preciso o coração, que é preciso o encontro com um facto excepcional, que é preciso fazer a experiência da correspondência, tudo isso nós sabemos, mas pensamos que se aplica só ao início: o coração serve para reconhecer Cristo mas, uma vez que O reconheci, acabou a partida. Não são factores da estrada, é o que pensamos. Por isso tantas vezes este trabalho, este caminho, não é feito. E o que se verifica é que não aumenta a experiência, que não aumenta a autoconsciência.

Para *don* Giussani estes factores não são só os do início, mas são os factores da estrada, ou seja, marcam também todos os passos. Vimos isso no capítulo oitavo da Escola de Comunidade: aí *don* Giussani não está a falar do que é necessário antes de encontrar o movimento, de uma coisa que é válida antes do encontro; está a falar de dentro do percurso que levou os discípulos a reconhecê-Lo, daquilo que pode facilitar esse reconhecimento. O trabalho de Escola de Comunidade sobre o capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã* mostrou-nos que isto não é nada evidente. Vimos a dificuldade em responder à pergunta «Quem é Jesus?», em colher a riqueza existencial e cultural do capítulo para responder aos desafios do nosso presente; consequentemente, reduzimo-lo facilmente a um espiritualismo. Quando fui ao Brasil, a um rapaz que estava a falar da situação da Venezuela perguntei: «Mas o que é que tem a ver o que tu estás a dizer com o capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*?» E ele olhou para mim atónito, como se não tivesse nada a ver. Se a Escola de Comunidade é reduzida a um espiritualismo, esvaziada da sua espessura histórica, da sua dimensão cultural, o que resta? Um texto sobre o qual fazer os nossos comentários. Depois vamos buscar a outro sítio os instrumentos culturais para enfrentar os desafios. Então é melhor fechar logo o livro e ir para outro sítio. Se reduzimos o capítulo oitavo a um espiritualismo é porque não entendemos o seu alcance, a novidade, e assim passamos a ser parte do problema. Não temos um eu suficientemente desperto para captar a sua novidade.

Vamos então elencar de novo, resumidamente, os factores de um caminho humano.

a) O coração

O primeiro factor é o coração, isto é, a consciência de si mesmos, do próprio desejo de significado, o aperceber-nos de ter em nós – ou melhor, de "sermos" – a pergunta «Como viver?» O primeiro instrumento de um caminho humano é tomar consciência de si mesmo, do próprio desejo, da necessidade de significado, da necessidade de um objectivo adequado e de uma

estrada para o atingir, de uma certeza para enfrentar as circunstâncias, os problemas, as contradições. Porque a vida não vai de si, e sem significado tudo se dispersa, tudo aquilo que sucede não nos serve: podemos ver coisas belíssimas, mas não nos servem para enfrentar o viver. *Don* Giussani sempre identificou o coração como a verdadeira arma que possuímos, mas só se este coração não está reduzido ao sentimento. É esse o motivo por que *don* Giussani insiste no coração, nas nossas exigências, nas nossas interrogações humanas, como documentam tantos episódios da sua vida, como podem ler na biografia escrita por Savorana.

«Quando fiz a primeira reunião de padres», recorda, «o primeiro que se levantou disse-me: "O que é que nos recomendarias a nós jovens padres?". "Que sejam homens!" […]. "Como, que sejamos homens?!" "Que sejam homens! […] Se forem homens, sentirão o que é próprio do homem, exigências e problemas típicos do homem, viverão a relação com tudo o que se faz presente e irradia desse presente para vocês".» E o mesmo dizia a uma rapariga do Grupo Adulto: «Respondo-te de igual forma: sê humana, vive a verdade da tua humanidade. A tua humanidade não é o que fazes agora, é como Deus te criou, fazendo-te nascer do seio da tua mãe, quando eras pequena […]. Sê humana, [o que quer dizer] vive a tua humanidade como aspirações, como sensibilidade aos problemas, como riscos a enfrentar, como fidelidade ao que urge no teu espírito, que Deus faz urgir no teu espírito desde a origem; e assim […] [olhem a observação que faz: se tu tiveres essa atitude, se tiveres essa urgência] a realidade se apresentará aos teus olhos de modo verdadeiro. Para que Deus me possa responder, corresponder, satisfazer, é necessário que eu seja aquilo para que me criou».[120]

Então – ao contrário do que pensamos – a minha humanidade, a tua humanidade não são um obstáculo, um inconveniente, mas a condição para entender. Para dizer isto, para onde é que *don* Giussani olha? A que é que obedece? Obedece à sua natureza, a como Deus o fez, o criou a ele e a cada um de nós. E como nos fez? Deus fez-nos com «um complexo de exigências e de evidências com que o homem é projectado dentro do confronto com tudo o que existe. A natureza lança o homem na comparação universal consigo próprio, com os outros, com as coisas, dotando-o – como instrumento desse confronto universal – de um complexo de evidências e exigências originais, de tal modo originais que tudo o que o homem diz ou faz depende delas».[121] É espantoso que Deus nos tenha lançado na contenda com este instrumento, porque com o coração temos a possibilidade

[120] L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milão 1996, p. 61-62.
[121] L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 18.

de não errar, comparando tudo com ele. Deus lança-nos na contenda, no confronto com tudo, com este instrumento: o coração.

Podemos, então, compreender o valor crucial da premissa do capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*, sobre o qual trabalhámos na Escola de Comunidade. Vale a pena relê-la. Para apreender e avaliar o valor de uma pessoa, através dos seus gestos, é preciso uma «genialidade humana». Mas esta genialidade humana não é um dom especial, é a nossa própria humanidade, é o sentimento próprio da criatura. Qual é o problema? Que nós muitas vezes reduzimos a nossa natureza aos estados de espírito e aquela genialidade a uma espontaneidade: «Aquilo a que chamámos genialidade religiosa, aquela abertura última do espírito, embora a partir de dotes naturais diferentes em cada um de nós, é algo em que a pessoa se deve continuamente empenhar. A responsabilidade da educação é grande: com efeito, esta capacidade de compreender […] não é espontânea. Pelo contrário, se é tratada como pura espontaneidade [como geralmente sucede, na mentalidade comum], a base de sensibilidade de que se dispõe originariamente será sufocada. Reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é o modo mais definitivo e subtil de a persegur, de exaltar os seus aspectos flutuantes e provisórios, ligados a uma sentimentalidade contingente. [Então, se nós não nos empenhamos,] Se a sensibilidade pela nossa humanidade não é constantemente solicitada e ordenada, nenhum facto, nem mesmo o mais clamoroso, encontrará nela correspondência [nenhum facto nos falará; podem até dar-se acontecimentos excepcionais, mas não nos servem para aprender, para aumentar a relação com nada, é tudo inútil]. Todos experimentámos, mais cedo ou mais tarde, aquele sentido de obtusa estranheza à realidade que se experimenta num dia em que nos deixámos arrastar pelas circunstâncias, em que não nos empenhámos em nenhum esforço: de repente as coisas, palavras e factos, que antes eram para nós razões claras, naquele dia cessam de o ser, de repente já não se percebem».[122] E tem-se a impressão de estar sempre a começar do princípio, como se tudo o que acontece não servisse para nada.

Portanto, o primeiro passo, o primeiro factor de um caminho humano, é levar a sério esta minha humanidade, empenhar-me constantemente com ela, aceitar fazer parte de um lugar para ser educado a ter consciência dela. Convidando-nos a esta comparação constante, *don* Giussani não faz outra coisa senão seguir Jesus, que, por sua vez, confirma quanto Deus fez ao dar-nos aquele conjunto de evidências e exigências originais.

Se não nos comprometemos com a nossa humanidade, se não escutamos as perguntas últimas postas por Jesus («Na verdade, que aproveita ao

[122] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 94.

homem ganhar o mundo inteiro se arruinar a própria vida? Ou que há-de o homem dar em troca da sua vida?»[123]), são-nos vedadas as experiências humanas mais significativas, como recordámos esta manhã. A nossa humanidade fica reduzida aos aspectos mais inconstantes, aos sentimentos, aos estados de espírito. Infelizmente é a esta amálgama de sentimentos, de alterações de humor que tantas vezes fica reduzido o nosso eu. Nestas condições pode-se, então, chegar a dizer: «Já não consigo sentir a minha humanidade como recurso para o meu caminho, o coração não é um critério infalível para fazer juízos». Significa que se verificou uma grave debilitação da consciência, da percepção do próprio desejo e da própria capacidade crítica: o exercício do juízo tornou-se, na verdade, mais frágil e incerto pela redução do desejo, que é o critério de juízo.

Vem-me à mente a precisão com que *don* Giussani descreveu a diferença entre os jovens que ele encontrou nos anos Cinquenta e a geração jovem trinta anos depois, nos anos Oitenta (imaginem quanta água não passou desde então debaixo da ponte, quanto esta situação piorou, também em comparação com aquela em que eu me encontrava quando conheci o movimento há trinta anos): «A diferença [está] numa maior debilidade de consciência que agora se tem»[124] e se percebe nos jovens de hoje.

Em que consiste esta debilidade de consciência? Falta a consciência do facto de eu possuir um critério de juízo, portanto não há a consciência de que eu posso julgar e que esse critério é infalível; como consequência, preciso de uma confirmação externa para ter a certeza de alguma coisa que eu viva. Trata-se, diz *don* Giussani, de «uma debilidade não ética [não é que agora sejamos mais incoerentes que antes, isso não seria nada] mas sim da energia da consciência»;[125] é uma debilidade relativa ao próprio dinamismo da consciência. Portanto, contentamo-nos com qualquer tentativa de resposta, a tal ponto o eu está reduzido. O desconcerto é fruto desta redução do eu.

Por que é que também connosco se passou isso? Pela «influência nefasta e decisiva do poder, da mentalidade comum». Em que consiste esta influência do poder? Não temos de pensar em sei lá que estratégia. O poder é o instrumento de variadas formas por meio do qual é reduzido o desejo do homem. «De facto, o poder […] como instrumento, o que faz? Tende a reduzir o desejo [quer dizer, as nossas exigências elementares]. A redução dos desejos ou a censura de certas exigências, a redução dos desejos

[123] *Mt* 16,26.
[124] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Milão, BUR, 2010, p. 181.
[125] *Ibid.*

e das exigências é a arma do poder.»[126] O poder não pode eliminar o que temos estruturalmente em nós, por natureza, ou seja, a nossa expectativa original e a nossa desproporção estrutural relativamente a ela; mas pode reduzi-la, privá-la da sua simplicidade. E muitas vezes o faz com a nossa conivência. *Don* Giussani descrevia isto com a seguinte imagem: «É como se os jovens de hoje tivessem sido todos atingidos […] pelas radiações de Chernobyl: o organismo, estruturalmente, está como antes [não se vê nenhuma alteração aparente], mas dinamicamente já não é o mesmo», como se o organismo não tivesse mais energia, por efeito das radiações. E depois diz esta frase, que devíamos ter sempre nos olhos: «É como se [digam-me se não é verdade] não existisse mais nenhuma evidência real a não ser a moda, porque a moda é [um instrumento] um projecto do poder».[127] Se tantas vezes prevalece em nós a hesitação, a dúvida, é porque já não há uma evidência real.

Imaginem o que significa viver sem uma evidência real à qual agarrar-se! É o alastrar da confusão. Não é porque não sejamos suficientemente bons: atenção, aqui espreita uma tentação, a tentação de reduzir a observação de Giussani ao facto de não sermos suficientemente bons, ou coerentes, ou não estarmos suficientemente à altura. Não, a debilidade de que *don* Giussani fala não tem nada a ver com a coerência ética, tem a ver com a consciência, ou seja, com a capacidade de dar-se conta das coisas: aqui trata-se da evidência. Ele diz, com efeito, que é como se hoje já não houvesse nenhuma evidência real. Basta que cada um se observe em acção para encontrar muitos exemplos disto.

Podemos compreender, então, por que é que também o anúncio cristão «custa muito mais a tornar-se vida convicta, vida e convicção».[128] Por isso, amigos, ou nos armamos de paciência, temos a calma e a paciência de fazer a estrada – porque é como se tivéssemos partido com esta falta na origem, nascemos nesta condição −, ou nos damos todo o tempo até que aquilo que nos foi anunciado se torne convicção, ou depressa ficaremos desiludidos. Nós, os impacientes do costume, desejamos que aconteça logo tudo, queremos imediatamente ver os resultados de cada esforço nosso. Mas como as coisas não acontecem com a rapidez que queríamos, ficamos desiludidos com o método de Deus e procuramos algum atalho que nos leve mais depressa a atingir o objectivo. Eis como reaparece a utopia. A nossa ingenuidade faz-nos sempre sonhar outras estradas, segundo nós mais eficazes.

[126] *Id.*, p. 181, 253-254.
[127] *Id.*, p. 181-182.
[128] *Id.*, p. 181.

Nesta situação é preciso tempo, ao passo que nós somos a geração do «aqui e agora» − estamos habituados a meter uma moeda na máquina e ver cair uma Coca-Cola. Para nós é mais complicado aceitar o tempo do caminho (as gerações anteriores estavam mais habituadas a que a vida fosse mais lenta; as comunicações eram mais lentas; agora se a ligação à Internet exige mais dois minutos, se não ficamos imediatamente ligados, ficamos irritados!). Mas não nos devemos assustar com isso.

A consequência da debilidade descrita é que, diz *don* Giussani, «não se assimila verdadeiramente o que se ouve ou se vê. Aquilo que nos rodeia, a mentalidade dominante […], o poder, produz [em nós] uma estranheza de nós mesmos». É como se nos fosse arrancado o nosso ser: «Permanecemos, por um lado, abstractos na relação com nós mesmos [não com os outros apenas, mas também com nós mesmos; pensemos quanto tempo cada um de nós é capaz de ficar a sós consigo mesmo e de fazer silêncio: temos de fugir logo, distrair-nos; há uma espécie de incapacidade de sentir-nos com nós próprios como em nossa casa], como que afectivamente descarregados, […] e, por outro, por oposição [atenção!], refugiamo-nos na companhia como uma protecção».[129] Ficamos refugiados no lar "à Pascoli"[130] para evitar o frio.

Aqui surge de novo toda a força e toda a grandeza da graça que é *don* Giussani para nós. O primeiro factor de um caminho humano que ele nos indica – comunicando-nos qual foi a sua história, a experiência da sua humanidade, do seu humano – tem a ver com a possibilidade de interceptar a resposta à pergunta sobre como viver. A emergência educativa maior tem a ver com a esta falta de evidência real de que falou. Como vemos com os jovens, como vocês vêem com os filhos, é inútil carregá-los de determinados conteúdos se, em primeiro lugar, não contribuirmos para fazer emergir na consciência deles esta evidência real: uma aragem levará pelo ar tudo o que plantámos!

Desta situação como se sai? São poucas as propostas em circulação! No melhor dos casos estamos aptos a fazer a análise de alguns sintomas do problema, mas quando se trata de fornecer uma possibilidade de recuperação há uma debilidade inaudita na proposta. O único recurso em campo, como vemos, para quem ainda não se quer render, é o moralismo: estabelecemos regras! Mas isso basta? Cada um poderá ver na sua vida. Perguntemo-nos então: haverá alguma esperança para nós, assim como somos, com as debilidades que temos, no ponto em que nos encontramos,

[129] *Id.*, p. 181-182.
[130] Cf. G. Pascoli, «Il focolare» («O lar», *ndt*), in *Poesie*, Milão, Garzanti, 1994.

não no início, não antes de encontrar Cristo, não antes de encontrar o movimento, mas agora, a meio da travessia? Haverá esperança para nós?

b) Um facto

Sim, há esperança. Provam-no aos nossos olhos as mulheres que estão com a Rose, no Uganda, porque certos factos dizem mais que todas as nossas objecções, deitam-nas por terra: tendo Sida, tendo perdido até a vontade de viver, tendo-se até desvanecido nelas a consciência do valor das suas vidas, no encontro com a Rose aconteceu nelas uma coisa graças à qual foram recuperadas e restabelecidas, a vida delas recomeçou; reencontraram a vontade de tomar os remédios, porque a vida readquiriu um sentido e querem vivê-la. O mesmo aconteceu na cadeia: apesar de terem tantos anos de pena para cumprir, a vida deles recomeçou porque alguém os olhou de uma maneira diferente: «Nunca me senti olhado assim». E, ainda, o inválido que não arranjava trabalho, como dizíamos esta manhã, recomeçou a viver porque os amigos que encontrou lhe permitiram descobrir um início, um objectivo, um sentido.

Então, o que é que estes casos que ouvimos contar tornam evidente? «A resposta que estou para dar não é uma resposta [que se ajusta apenas] à situação presente», diz Giussani. «O que estou a dizer é uma regra, uma lei universal desde que [e enquanto] o homem existe: a pessoa reencontra-se a si mesma num encontro vivo, quer dizer, numa presença com que se depara e que desencadeia uma atracção, numa presença» que traz consigo esta afirmação: «Existe aquilo de que é feito o teu coração». É isso precisamente que, desde o início, Madalena e Zaqueu vislumbraram, e por isso se sentiram logo presos: «Existe aquilo de que é feito o teu coração».[131] Como sei que existe? Porque senão não me prenderia. Coisas a acontecer há, de facto, muitas; mas coisas que nos prendam, pouquíssimas.

Este é o sinal de que o acontecimento cristão se dá: que ressuscita e potencia aquilo que se ofuscou, o núcleo das evidências originais do eu. O sinal mais potente da presença de Cristo é esta capacidade de fazer ressurgir as evidências originais pelas quais é constituído o nosso coração. Este coração, que tantas vezes está adormecido, sepultado sobre montes de escombros, sob mil distracções, é despertado, és provocado a um reconhecimento: existe, o coração existe, o teu coração existe. Tu tens um amigo, descobres um amigo para a tua vida quando te sucede isto, quando te encontras diante de alguém que te desperta a ti mesmo. Isso é um amigo, tudo o resto não deixa rasto.

[131] L. Giussani, *L'io rinasce*…, op. cit., p. 182.

Mas esta é também a lei da redescoberta das evidências, das dimensões verdadeiras do humano, dos "valores", é a estrada para uma consciência da própria experiência elementar: para nós também teve – e tem – de acontecer este «encontro vivo», esta provocação; e o que é necessário para nós é necessário para qualquer pessoa. O eu reencontra-se a si mesmo, o nosso coração desperta no encontro com uma presença que traz consigo a afirmação: «Existe aquilo de que é feito o teu coração; vê, por exemplo, em mim existe».[132] E esta é a prova provada de que o teu coração existe: caso contrário, o amigo não o poderia despertar. Para que o eu se reencontre não é preciso uma qualquer estratégia, mas simplesmente embater numa presença com as características referidas.

Por isso Giussani, à pergunta: «A sua proposta pedagógica apoia-se no sentido religioso do homem, é isso?», responde: «O coração da nossa proposta é antes o anúncio de um acontecimento que se deu, que surpreende os homens do mesmo modo que, há dois mil anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu uns pobres pastores. Um acontecimento que se dá, antes de toda e qualquer consideração sobre o homem religioso ou não religioso. É a percepção deste acontecimento que ressuscita ou potencia o sentido elementar de dependência e o núcleo de evidências originárias a que damos o nome de "sentido religioso"».[133]

Que cegueira quando não vemos que embater numa presença é um dom, mesmo que eu ainda esteja dormente, mesmo que ainda não se tenha manifestado em mim aquilo que vejo nela, mesmo que ainda não seja meu aquilo que ela vive! O facto de um coração desperto se manifestar em outro, e que eu o veja nele, é uma graça e uma possibilidade para mim: significa que é possível! Se aconteceu com as mulheres da Rose, é possível para ti. Se aconteceu com o recluso, é possível para ti. Se aconteceu com o amigo, com o último a chegar, é possível para ti. É possível para ti, é possível! E nenhuma asserção, nenhum raciocínio, nenhuma interpretação, nenhuma estratégia do poder consegue impedir que esteja ali uma pessoa, diante de ti, viva e presente, com um coração desperto. Ninguém o pode tirar. É como a luz, a pequena chama de um isqueiro: a escuridão à volta dela é incapaz de anular a luz do isqueiro. Por isso o poder se irrita, porque nenhum poder, nenhuma escuridão, pode eliminar aquela luz. É esta a graça de *don* Giussani para nós. *Don* Giussani foi para nós esta luz: descobrimos que temos um coração porque vimos que nele existia.

---

[132] *Ibid.*

[133] L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma, Edit-Il Sabato, 1993, p. 38.

Continua *don* Giussani: «Paradoxalmente, tu descobres esta originalidade da tua vida quando te dás conta de ter em ti [atenção!] algo que há em todos os homens [a coisa mais desconcertante é que o que é mais pessoal é algo que eu partilho com todos os homens] e que verdadeiramente te faz falar com qualquer pessoa, que não te deixa alheio a ninguém».[134] O homem redescobre a própria identidade original embatendo numa presença que suscita uma atracção, porque realiza «uma correspondência à vida segundo a totalidade das suas dimensões. Em resumo, a pessoa descobre-se quando nela ganha espaço uma presença […] que corresponde à natureza da vida, e assim o homem deixa de estar na solidão. […] Porém o homem, na realidade comum, enquanto "eu", normalmente está na solidão, da qual tenta fugir com a imaginação [e os discursos]. Esta presença [que corresponde à vida] é o contrário da imaginação, exactamente o contrário».

O encontro que permite ao eu redescobrir-se a si próprio não é «um encontro cultural, mas vivo, ou seja, não [é] um discurso feito, mas uma coisa viva, que também se pode manifestar ouvindo alguém falar, entenda-se; mas quando essa pessoa fala é com uma coisa viva que tu estabeleces uma relação […]: "Não [é] um encontro cultural, mas existencial"».

Esse encontro tem duas características que o tornam reconhecível, que constituem a sua verificação inconfundível (Giussani fornece-nos todos os sinais para podermos julgar por nós mesmos, não nos quer aldrabar): ele introduz na vida «uma dramaticidade, que implica […] a urgência de que alguma coisa mude na tua vida; e, ao mesmo tempo, [introduz] […] ao menos uma gota de letícia: mesmo na condição mais amarga, ou na constatação da tua mesquinhez, uma letícia! Em suma, [para usar outra expressão, aquilo que deve acontecer para que o eu se redescubra é] […] "um encontro evangélico", um encontro, pois, que reconstitua a vitalidade do humano, como o encontro de Cristo com Zaqueu».[135]

Dizia uma amiga depois de nos ter conhecido: «Nunca pensei no que seria da minha vida sem uma verdadeira reviravolta, sem alguma coisa, ou melhor, sem alguém que fizesse sair de mim a verdadeira eu. Mas aconteceu». O que foi que lhe aconteceu? «Embater num olhar sobre a minha pessoa e numa atenção que nunca antes tinha recebido».

O que foi que aconteceu à nossa amiga? Agora podemos descrevê-lo com precisão: «O *encontro* com um facto objectivo, originalmente independente da pessoa que vive a experiência; facto cuja realidade existencial é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com

[134] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 183.
[135] *Id.*, p. 183-184.

qualquer realidade integralmente humana; comunidade na qual a voz humana da autoridade, manifestada nos seus juízos e directrizes, constitui critério e forma. Não existe nenhuma versão da experiência cristã, por muito íntima que seja, que não implique, pelo menos em última instância, este encontro com a comunidade e esta referência à autoridade».[136]

O que foi que a impressionou? Um olhar nunca antes encontrado. O mesmo que impressionou os contemporâneos de Jesus. As histórias já nos são familiares: Zaqueu, Madalena, Mateus... Todos foram chamados pelo nome. Mas é isto que ressalta a cada página do evangelho.

Aqui mostra quem Ele é, porque «só o divino pode "salvar" o homem», ou seja, o pode olhar sem o reduzir, pode salvar as dimensões verdadeiras e essenciais do homem. Só o divino consegue que sejamos nós mesmos. Só o divino faz «sair de mim a verdadeira eu». Assim Cristo se manifesta por aquilo que é. Foi isto que as mulheres da Rose reconheceram, ou o recluso, ou o inválido, porque «factor fundamental do olhar de Jesus Cristo é a existência, no homem, de uma realidade superior a qualquer realidade sujeita ao tempo e ao espaço. O mundo inteiro não vale a mais pequena pessoa humana; esta não tem nada de comparável no universo, desde primeiro instante da sua concepção até ao último passo da sua velhice decrépita».[137]

Portanto, «aquilo que suscita a personalidade, a consciência da própria pessoa é um encontro ["a verdadeira eu"]. O encontro não "gera" a pessoa [a pessoa é gerada por Deus quando nos dá a vida por meio do pai e da mãe]; mas é num encontro que eu me apercebo de mim mesmo, que a palavra "eu" ou a palavra "pessoa" desperta. […] O eu desperta do cativeiro na sua vulva original, desperta do seu túmulo, do seu sepulcro, da sua situação fechada da origem e – como dizer – "ressurge", toma consciência de si, precisamente num encontro. O resultado de um encontro é o ressurgimento do sentido da pessoa. É como se a pessoa nascesse: não nasce aí, mas no encontro toma consciência de si, portanto nasce como personalidade. A pessoa nasce como personalidade num encontro, é ressuscitada como personalidade num encontro».[138]

Mas como posso eu dizer que é verdadeiro esse facto, esse encontro? Como posso eu dizer que é a resposta a «como viver»? Que é também a resposta aos desafios sociais que temos de enfrentar sem ceder de novo à utopia?

---

[136] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 129.
[137] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 96.
[138] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 206-207.

c) A experiência

Terceiro factor: a experiência. Não bastam o coração e os factos. É necessária a sua «correlação»[139] (diria Bento XVI): tenho de me aperceber da correspondência entre o facto e o coração, ou seja, tenho de me aperceber que o facto responde às minhas exigências, às minhas necessidades. E onde é que eu posso perceber se este facto responde às minhas exigências? É na experiência que eu percebo se o encontro serve para responder à pergunta: «Como viver?» De facto, a realidade daquele facto torna-se evidente na experiência, nela se torna evidente por aquilo que é, se dá a conhecer pelo que é.

«A coisa mais importante que eu disse na minha vida», diz Giussani, «é que Deus, o Mistério, se revelou, se comunicou aos homens de tal modo que se tornou objecto da sua experiência. O Mistério torna-se *também* objecto da nossa experiência […] identificando-se com um sinal que é feito de tempo e de espaço».[140] Por isso, «na medida em que Jesus, enquanto Deus, não se tornar, não entrar na nossa experiência, não O podemos reconhecer adequadamente: com aquela solidez, apesar da dificuldade, com aquela sugestividade, apesar da enigmaticidade com que a realidade se apresenta aos nossos olhos».[141]

A experiência, como vimos, não é só o embate do eu num facto, como impacto mecânico, porque isso não nos faz crescer, não deixa rasto. Ela implica o confronto entre o facto e o coração, no qual emerge o juízo, e implica o dar-me conta da presença de outro factor que torna possível a realidade que me espanta. A experiência é provar o facto julgando-o por aquele conjunto de evidências e exigências originais a que chamamos "coração" e que descobrimos em nós. Por que é que tantos factos excepcionais, que até vemos, não nos servem para incrementar a relação com Ele? Por esta falta de juízo. É como se a pessoa não aprendesse nada com o que vê, com o que vive.

Portanto, no caminho humano é necessário este factor que se chama «experiência». Sem juízo não há experiência (ainda que muitas vezes designemos assim o simples provar) e não haver experiência não é uma coisa secundária: aquilo que não se torna experiência não deixa rasto, não deixa nada a não ser um abalo sentimental. A consequência é que, perante qualquer novo desafio, estamos sempre no mesmo ponto, tão desarmados como da primeira vez. Então, a um dado momento, há quem diga: para

[139] Cf. Bento XVI, *Discurso ao Parlamento Alemão*, 22 de Setembro de 2011.
[140] L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Milão, BUR, 2000, pp. 164-165.
[141] L. Giussani, «Viver a razão», *Passos-Litterae communionis*, Janeiro de 2006, p. 4.

que estou eu aqui a perder tempo, se aquilo que vivo não serve para a minha vida? A gente fica desapontada.

Sem experiência não se incrementa o nosso eu, não cresce a nossa pessoa. «A experiência tem de ser verdadeira, isto é, julgada pela inteligência.» Só assim pode deixar rasto e ser «guardada pela memória».[142]

«Na semana passada fui jantar a casa de um amigo, cuja família é do movimento há muitos anos. Assim que começou o jantar o pai conta que uma velhinha teve de ficar de pé no autocarro, enquanto um rapaz, apesar de a ter visto, não lhe cedeu o lugar para sentar. A pretexto deste pequeno episódio diz: "Realmente o que falta à sociedade de hoje são valores". A discussão prossegue e a certa altura pergunto: "Mas na tua opinião onde nascem os valores?". "Essa é uma boa pergunta" responde. Num instante observei que, na minha experiência, é evidente que o desejo e a capacidade de abraçar o mundo nascem e permanecem no encontro (misterioso mas real) com Cristo, que me segura e dilata a medida do meu coração, tornando digna de atenção e compaixão uma estranha no autocarro. Fazendo o percurso com eles, ambos os pais se aperceberam de que os valores nascem de um encontro que vem antes, que é a fonte dos valores. Houve um instante em que notei que tinham percebido. Tinham feito a experiência, mas era uma experiência encoberta! Precisava de ser trazida à superfície. Não lhe puseram uma etiqueta, isso percebia-se pelo clima que se gerou à mesa. Um clima verdadeiro, sincero, vivo. A mãe contou como conheceu o movimento quando jovem e concluiu dizendo: "É mesmo necessário um encontro humano que desperte o coração!". No fim da discussão notámos que a principal responsabilidade que temos para mudar a sociedade é começarmos por viver nós este encontro que desperta o humano (explodiu em mim o desejo de viver sempre mais cheio d'Ele) na esperança de que depois, através de nós, se estenda aos outros "passageiros do autocarro". É misterioso, porque se trata de uma medida e de um tempo que não são os meus, mas é, evidentemente, a única hipótese razoável.»

A este propósito, durante uma Equipe do CLU, *don* Giussani conta (também o podem ler na sua biografia) um episódio que se passou com ele quando acabava de ser ordenado padre: «Descobri isto começando a confessar sendo um jovem padre. Dizia para comigo: "Olha só estas pessoas que me vêm dizer todas estas coisas do outro mundo; vêm ter comigo que tenho vinte e três anos. Por que é que não vão procurar os que já viram tudo e mais alguma coisa, de sessenta ou setenta anos? Porque eles não têm experiência, ao passo que eu, perante o material que me dão, uso um instrumento ideal,

[142] L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 118.

quer dizer, faço um juízo" [faço a comparação entre o que me dizem e as minhas exigências originais; e as pessoas voltavam porque tinham encontrado alguém que as ajudava a fazer um caminho, ao passo que outros faziam comentários, diziam impressões, mas não as ajudavam; iam à procura dele, um padre de vinte e três anos: outros, de sessenta ou setenta anos, como não tinham feito esta comparação, não tinham nada a dizer]. Então, fazer experiência quer dizer "provar fazendo um juízo". Este é o ponto fundamental, porque o ideal te faz compreender também o que outro prova, não necessariamente que tu proves, identifica-te com o outro precisamente do ponto de vista ideal: permite-te fazer um juízo e assim te dá a capacidade de mudar. Isso é a experiência. [E acrescenta uma coisa crucial para nós – atenção!] Ou a nossa companhia se torna experiência [um lugar onde constantemente somos convidados a experimentar, onde verdadeiramente experimentamos] ou realmente se torna perigosa [perigosa, sim!]: porque quem está, está como carneiro».[143] Este é o ponto fundamental. Ou a nossa companhia se torna experiência ou realmente se torna perigosa, porque quem está, está como carneiro. Porém, quando se começa a julgar, tudo forma parte da estrada.

Onde podemos ver que encontrámos resposta à pergunta «Como viver»? Surpreendamo-lo em acção, em mais um testemunho: «Durante dezoito anos a minha vida foi inconsistente, não tinha consciência de quem era. Malgastei o tempo que me era dado! No ano passado, com o início da minha experiência universitária, conheci o CLU. Fiquei espantada como jovens exactamente como eu saboreavam o estudo, a comida, o canto, o estar juntos. Acções normalíssimas, mas repassadas de uma outra coisa que me fascinou. Alguns em particular seduziram-me pela maneira de enfrentar as circunstâncias da vida deles e pela forma como olharam para mim apesar das minhas limitações. Eu seguia-os porque queria viver como eles e, assim, confiei nos rostos que tinha na minha frente, começando a afeiçoar-me a eles, mas pontualmente assaltava-me uma grande tristeza. Sentia uma falta. Estava triste porque não tinha conseguido entrar na faculdade que desejava. Por fim, depois, consegui. Mas nada me bastava, nem isso. Penso que cresci, porque começo a colocar-me perguntas e a reflectir: posso ser assim tão frágil que não aguente as circunstâncias e as mudanças? Porquê sentir constantemente uma falta? Quem pode realizar-me? Cada dia é a descoberta de uma grande necessidade d'Ele. O que me faltava não era a faculdade que queria! Ele pede-me que lhe diga sim a Ele, não aos rostos que foram para mim Suas testemunhas. Não me quero enganar e desperdiçar mais um instante na minha vida, porque desejo vir a estar certa de que o seu eixo é Cristo».

[143] L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Milão, BUR, 2007, p. 248-249.

Em que é que esta rapariga reconheceu ter encontrado a resposta à pergunta sobre como viver? «Durante dezoito anos a minha vida foi inconsistente, não tinha consciência de quem era. Malgastei o tempo que me era dado!» E o que sucedeu, a certa altura? Um encontro, o embate num facto: «Acções normalíssimas, mas repassadas de uma outra coisa que me fascinou». E por que é que a fascinou? Porque correspondia à sua expectativa, àquilo que desejava. Por isso «a *consciência da correspondência* entre o significado do Facto em que embatemos e o significado da existência»[144] é a questão decisiva. Por conseguinte, a pessoa dá-se conta de ter descoberto a resposta à pergunta «Como viver?» porque o encontro que teve corresponde às exigências do coração, tanto assim que suscita a consciência de si: «Penso que cresci, porque começo a colocar-me perguntas e a reflectir».

Depois a nossa amiga fica desconcertada porque sente uma falta persistente. Mas é precisamente essa falta que demonstra o que se passou nela: o encontro despertou toda a sua exigência humana. É exactamente o sinal de que este encontro responde à nossa expectativa: faz-nos sair da redução, da tumba. Isso sucedeu através de quê? Através de acções normalíssimas. E o que são estas «acções normalíssimas, mas repassadas de uma outra coisa que me fascinou»? Vimos na Escola de Comunidade, e é belíssimo: a «revelação da divindade que se manifesta na existência viva de Jesus não com manifestações ruidosas e com acções grandiosas, mas com um contínuo e silencioso transcender os limites das possibilidades humanas. [O que parecia ser apenas] […] uma naturalidade benéfica […] acaba por revelar-se simplesmente como um milagre [...] um passo silencioso que transcende os limites das possibilidades humanas mas muito mais portentoso que a imobilidade do sol e o tremor da terra!»[145]

Assim podemos apreciar adequadamente o significado daquele encontro: «O valor do facto em que embatemos transcende a força de penetração da consciência humana e requer, portanto, um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. De facto, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajustando a acuidade do olhar humano à realidade excepcional que o provoca. É o que se chama *a graça da* fé».[146] Compreendo então o alcance que tem para a vida.

Como aumenta a certeza?

---

[144] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 130.
[145] R. Guardini in L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 70.
[146] L. Giussani, *Educar é um risco,* op. cit., pp. 129-130.

d) A verificação

Último factor deste caminho humano: a verificação. Tudo quanto nos acontece, as circunstâncias que temos de enfrentar, os gestos que propomos são ocasião para conhecer (reconhecer) melhor aquilo que responde à exigência da nossa vida e, portanto, para o «verificar». Esse é o nosso supremo interesse, de facto: o crescimento do eu, a geração de um sujeito consistente, livre, criativo. Mas qual é o problema? «Por que é que para muitos», pergunta-se *don* Giussani, «CL se converte numa desilusão? Porque uma vez tendo entrado é como se tivessem dado por terminada [a partida], é como se tivessem chegado.» Porém, o encontro marca «o início da aventura. A aventura começa quando a pessoa é despertada pelo encontro».[147] Toda a aventura começa aqui, o melhor começa nesse momento. Assim foi para *don* Giussani: «"Eu era um jovem seminarista, um rapaz obediente, exemplar, até que um dia aconteceu uma coisa que mudou radicalmente a minha vida". O episódio é o […] do professor [padre Gaetano Corti] lendo o Evangelho de João. "A minha vida foi literalmente investida por isso: seja como memória que persistentemente se repercutia no meu pensamento, seja como estímulo a uma reavaliação da banalidade quotidiana. O instante, desde então, nunca mais foi banalidade para mim. Tudo aquilo que era, portanto, tudo aquilo que era belo, verdadeiro, atraente, fascinante, mesmo como possibilidade, encontrava naquela mensagem a sua razão de ser, como certeza de presença em que era esperança de tudo abraçar. O que me distinguia de quem me rodeava era a vontade e o desejo de compreender. É este o terreno no qual a nossa devoção à razão nasce." Tal descoberta não abandonará Giussani nunca mais: "A grandeza da fé cristã, sem comparação alguma com qualquer outra posição, é esta: Cristo respondeu à pergunta humana. Por isso têm um destino comum quem aceita a fé e a vive e quem, não tendo fé, se afoga dentro da pergunta, desespera na pergunta, sofre na pergunta"».[148]

Por isso, «a realidade não é para arquivar [porque agora já O encontrámos. Pelo facto de O termos encontrado] […] temos tudo, mas o que venha a ser este tudo [qual é o valor daquilo que encontrámos] nós o compreendemos […] no encontro com as circunstâncias, as pessoas, com os acontecimentos. Não é preciso arquivar nada, [...] nem censurar, esquecer, renegar nada. [Porque] [...] o significado deste "tudo" é algo que percebemos no juízo, enfrentando as coisas».[149] Como se passou contigo: não descobriste

[147] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 207.
[148] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 47.
[149] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 55.

o que significava a tua mãe fazendo uma meditação sobre a maternidade, mas enfrentando o medo, a fome, as necessidades, a solidão, na relação com ela: assim percebeste o que significava a mãe. Sem esta verificação constante do que significava a tua mãe para a tua vida, não terias ficado tão fortemente preso a ela, não terias entendido o significado da sua presença para ti. Portanto, se uma vez acontecido o encontro com Cristo nós paramos, em vez de fazer constantemente a sua verificação, enfrentando qualquer desafio ou urgência do viver a partir do encontro, não podemos perceber o bem que nos aconteceu, a graça que recebemos.

A quem se revelará? Quem descobrirá o seu valor? Só quem se arrisca na contenda e verifica defronte de qualquer desafio quem é Aquele que encontrámos. Só posso compreender que Cristo responde à pergunta «Como viver?» fazendo este percurso: quanto mais o fazemos mais certos estamos daquilo que vivemos, e tudo cimenta a relação com Ele, incrementa a consciência de ter encontrado aquilo com que posso enfrentar qualquer coisa, entrar em qualquer circunstância, em qualquer escuridão.

3. O método: o seguimento

Tendo visto todos os factores, os passos deste caminho, refiro o último ponto.

Qual é o método com que tudo isto se torna cada vez mais nosso? O seguimento. É seguindo o que encontrámos que podemos constantemente verificar como responde às exigências do viver. O seguimento é o caminho que Pedro fez: comprometendo-se na convivência com Jesus, aos poucos, tropeçando, errando, viu como evoluía a sua pessoa.

«André levou o irmão Simão até Jesus, subindo uma pequena encosta antes daquela casinha. Simão estava lá com os olhos fixos naquele indivíduo que o esperava ainda à distância, cheio daquela curiosidade que caracteriza o homem quanto menos "educado" é e quanto mais cheio de vitalidade está. Quando se encontrou ali, a três ou quatro metros, a maneira como Ele o fitava nunca mais o esqueceria! […] "Nunca ninguém olhou para mim assim!". Foi dominado por um fenómeno que, no dicionário, se chama *espanto*. Tanto que se sentiu imediatamente ligado [apegado àquele homem] […]. Se tivesse estalado um motim na praça contra aquele homem, ele estaria por aquele homem, mesmo se o matassem (também tu serias assim: não poderias deixá-lo!). […] No dia seguinte, em vez de ir fazer o seu dever, que era ir apanhar peixes na água, correu à aldeia vizinha porque soubera que [Ele estava lá.] […] Na verdade, estavam ali uma trintena de pessoas; ficou especado no meio a ouvi-lo falar [a vê-Lo falar]:

[…] era como no dia anterior, quando lhe dissera: "Simão, filho de João, hás-de chamar-te Pedro", descobrindo-lhe todo seu o carácter profundo e constitutivo. […] Um tempo depois aquele homem, que era passara a ser seu amigo […], tinha-os convidado para um casamento. E tinha mudado a água em vinho. […] Como era possível não sentir-se atado de pés e mãos àquele homem? [Quem era?] Quem havia igual àquele homem?»[150] E todos os dias vinha para casa diferente. Não há necessidade de confirmar. Não há necessidade de confirmar quando já tudo confirma, quando há uma evidência que tudo confirma. A confirmação está na própria experiência: vinha para casa mudado, diferente. E este espanto é revivido no dia seguinte e uma semana mais tarde. De dia para dia agravava-se a evidência de uma simpatia, de uma adesão, de uma confiança, de uma certeza, tanto que, quando naquela noite, na sinagoga de Cafarnaum, Jesus disse aquela coisa incompreensível ao homem: «Eu vos darei a comer a minha carne», e todos: «Este aqui é doido», e logo de imediato se voltou para eles dizendo: «Também quereis ir embora?», São Pedro deu aquela resposta impulsiva: «Nós também não compreendemos o que estás a dizer, mas se te deixarmos aonde iremos? Não há nada que se te iguale, só tu tens palavras que explicam a vida, que dão sentido à vida».[151]

O sim de Simão no lago de Tiberíades é a continuação deste apego, desta maravilha, desta admiração que durou dois, três anos; e depois nem sempre Simão se saiu com a resposta certa. Quando Jesus disse pela primeira vez que o Filho do homem teria de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos-sacerdotes, pelos escribas e depois ser morto, São Pedro ainda não tinha feito asneira grossa e, portanto, sentia-se seguro, tranquilo no seu sentimento, e disse que antes lhe cortassem a cabeça a ele. Mas Jesus respondeu: «"Longe de mim, Satanás! Porque não queres que eu faça aquilo o meu Pai quer mas aquilo que tu achas". Que humilhação! Mas o resultado era que [paradoxalmente] ficava ainda mais ligado» a Ele.[152] A sua relação com Jesus era «cheia de estima […], [nascida] como juízo, como gesto da inteligência que arrastava consigo o coração, […] feito […] de uma ternura, tanto que ele e os outros mais depressa deixavam que lhes cortassem a cabeça do que traí-lo (e traíram-no! Mais depressa deixavam que lhes cortassem a cabeça do que traí-lo, mas traíram-no, até isso!)»[153] E «naquele momento o galo cantou pela terceira vez. Jesus saiu da sala

[150] L. Giussani, «Il "sì" di Pietro», in *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. VII-VIII.
[151] Cf. *Jo* 6,53-69.
[152] L. Giussani, «Il "sì" di Pietro», in *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. IX.
[153] *Id*, p. XI.

arrastado pelos soldados […], olhando na direcção de Simão Pedro. Este, que estava lá num canto à espera, seguindo o burburinho, viu-O. E "chorou amargamente"». Pedro tinha-se «voltado para Cristo com o coração despedaçado, com a consciência da própria mesquinhez e patifaria: [um] patife, poderíamos dizer um "pecador"». E «no tribunal de Pilatos, era um homem esmagado pela […] consciência de ser pecador, esmagado pelo seu erro, que era exactamente o contrário do que ele jamais teria desejado, o contrário dos sentimentos que sempre nutrira por Jesus. O que me aconteceu? Como foi que fiz isto? Quem sou eu? O que é o homem?»[154]

E assim «daquela vez, quando o barco atracou cheio de peixes [e Jesus estava ali], e […] tinha preparado um lume com peixes grelhados em cima, e todos os apóstolos se são estenderam para comer […] e também [Jesus] começou a comer com eles, e se viu ali ao lado de Simão […] e lhe fez aquela pergunta ("Simão, tu amas-me?"), aquele "sim" não resultava de uma força de vontade, não resultava de uma "decisão" do jovem homem Simão: era o emergir, o vir à superfície de todo um fio de ternura e de adesão que se explicava pela estima que sentia por ele – por isso é um acto da razão – graças à qual não podia deixar de dizer "sim". E o monte de pecados cometidos, o monte dos possíveis pecados que viria a cometer, não contava: não ficou ali nem dois segundos a pensar nisso [nos seus pecados,] nem sequer lhe ocorreu»,[155] de tal maneira a Sua presença era dominante. «Simão, tu amas-me?» e disse: «Sim». «O "sim" saiu-lhe como consequência da admiração com que olhava para Ele, com que de novo olhava para Ele todas as manhãs, olhava para Ele de noite enquanto se ia afastando»,[156] quando ia dormir à noite. E assim Jesus entrou na história para que cada um de nós possa fazer a experiência de Pedro, tropeçando, traindo como ele, errando, mas apegando-se sempre mais, vendo aumentar aquele fio de ternura, aquele fio de adesão, de estima, a ponto de dizer: «Não sei como, Cristo, não sei, mas toda a minha simpatia humana é para ti».[157]

Cristo entrou na história, está presente, deixa-se encontrar hoje, acontece agora para despertar todo o nosso eu, todo o nosso coração, toda a nossa capacidade de adesão, de estima, de simpatia humana por Ele; para podermos viver a vida cheios da Sua presença, e a alegria da Sua presença comece a invadir a nossa vida. É diante desta presença que estão agora a nossa razão e a nossa liberdade, como Pedro há dois mil anos.

---

[154] L. Giussani, «A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo», *Litterae Communionis*, Julho-Dezembro de 1996, p. III-IV.
[155] L. Giussani, «Il "sì" di Pietro», in *L'attrattiva Gesù*, op. cit., pp. IX-X.
[156] L. Giussani, «A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo», op. cit., p. VII.
[157] Cf. *Jo* 21,17.

«Não era um apego sentimental, não era um fenómeno emocional: era um fenómeno da razão, exactamente uma manifestação daquela razão que te prende à pessoa que tens diante, na medida em que é um juízo de estima; olhando para ela, nasce uma maravilha de estima que te faz prender.»[158] É uma estima que irrompe da convivência com Ele.

Só deste amor pode nascer a missão. É «o amor de Cristo que nos impulsiona, a fim de que, se Um morreu por todos, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou».[159] A missão não se pode realizar sem tudo o que dissemos. Para chegar a ela é necessário começar pelo princípio. Se não acontece nada em mim não posso depois vestir a pele de activista. Devo antes remontar à origem, perguntando-me: como tenho estado eu a viver? De facto, se eu não sou transformado a partir de dentro, se naquilo que vivo sou igual a toda a gente, porque a memória de Cristo não é imanente à minha pessoa, porque não é a causa da minha diferença. Se tudo é voluntarismo puro, posso desenvolver muitas iniciativas, mas nenhuma é portadora de uma diferença. Então só há uma preocupação a ter: viver a memória de Cristo, como dissemos, porque só se Cristo me muda, só se aceito deixar-me mudar por Ele, só se Ele me conduz, só se Ele me aferra, só se Ele investe a minha pessoa é que eu poderei levar alguma coisa aos outros. Nós, de facto, não levamos outra coisa que não seja a nossa experiência.

«A nossa obrigação não é perguntar-nos o que fizemos para mudar as estruturas do mundo, mas em que ponto está a nossa conversão», diz *don* Giussani em 1968. «E respondendo a uma objecção – segundo a qual a comunidade cristã "não pode ser sociedade renovada no seu interior se estiver condicionada por determinadas estruturas que, bem ou mal, a impedem de ser uma sociedade nova" –, replica: "A vida cristã é também um método para mudar as estruturas", mas "é uma ilusão pretender mudar as estruturas sem ter acontecido algo de gratuito em nós", isto é, sem uma "conversão".»[160]

Por isso, o coração da missão é o amor de Cristo que nos impulsiona. O coração da missão é o próprio coração da nossa vida; é isto que deve transparecer em tudo o que fazemos, em tudo o que tocamos, em tudo aquilo com que estabelecemos relação. Portanto, a condição da missão é a mudança da minha pessoa.

---

[158] L. Giussani, «Il "sì" di Pietro», in *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. IX.
[159] Cf. *2Cor* 5,14-15.
[160] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 398.

E em que é que se vê essa mudança? Nos nossos discursos? Não. Nas nossas iniciativas? Iniciativas também os outros fazem. Qual é, então, o sinal inconfundível, que ajuda todos a ver se somos missionários? A quantidade de ansiedade que temos? Não. O sinal é a letícia! «Por isso, a grande regra da missão é que nós comunicamos unicamente por meio da letícia do nosso coração, da mudança que se operou em nós [que graça ter alguém que nos diz estas coisas, porque não podemos fazer batota; portanto, se aquilo levamos é a lamentação, façam todas as iniciativas que quiserem, mas não há missão: a quem interessará alguém que se lamenta constantemente?]. Onde a palavra "letícia" designa o rosto, enfim, o aspecto fascinante e persuasivo da conversão que o poder de Deus operou em nós. […] A sua força persuasiva, convincente, é, como sempre para o homem, concedida por um fascínio que exerce. O fascínio da conversão é o rosto feliz que ela produz; não são os discursos, mas o rosto feliz que ela produz. Esta frase é fantástica: *Notam faciet gloriam nomini Sui in laetitia cordis vestri*: manifestará a glória do Seu nome (quer dizer, do seu domínio, do seu poder) através da letícia do vosso coração.»[161] É nisto que consiste a superação última do dualismo, e é isso que significa ser leigos, ou seja, uma nova criatura. Não o é tudo o resto, nada de tudo o resto, porque tudo o resto já todos o têm. Leigos, isto é, novos.

Don Giussani insiste: «A Igreja não é para organizar a história mundanamente, mas para dar testemunho de que já foi organizada. […] Com que sistema é que a Igreja dá testemunho disto? Porque é uma realidade humana que está feita de forma diversa das outras. A Igreja dá testemunho pela forma da sua convivência, pela forma dos seus gestos, porque é uma coisa diversa das outras. […] É uma porção de humanidade estranha; estranha, diversa. A Igreja é testemunho não por montar a Fábrica de São Pedro, a Igreja é testemunho não por […] fazer uma grande rede de escolas, não por fazer uma televisão que se vê no mundo inteiro e que entrega nas mãos de CL, a Igreja não é [testemunho] por ter cento e cinquenta e quatro jornais diários no mundo; não é por uma actividade, mas pelo seu estado [mas nós pensámos durante anos que ter mais espaços, mais poder, nos tornasse diferentes: até acreditámos nisso, como todos!]. A palavra "estado" implica também a expressão das actividades, mas implica as actividades como expressão de alguma coisa; é isso que indica a palavra estado. A gente é marcada pelo nosso estado de vida, não pelas nossas actividades», ou seja,

[161] Arquivo Histórico da Associação Eclesial Memores Domini (ASAEMD), *Documentação audiovisual*, Exercícios de Verão do Grupo Adulto, Le Pianazze (PC), 29 de Julho a 3 de Agosto de 1973, segunda lição de 2 de Agosto.

por aquilo que transparece, por aquilo que transborda, por aquela vitória do ser sobre o nada, que paira como tentação na nossa cultura. Este nada só é vencido por uma Presença que nos liga, que nos liga tão profundamente que não nos deixa afogar no nada: «O testemunho às pessoas é dado pelo nosso estado, quer dizer, pela nossa posição real e consciente diante de tudo. Por isso o vértice do testemunho é a virgindade em si mesma».[162]

Escutem o que escreve *don* Giussani em 1965, de San Antonio, no Texas, onde esteve sozinho: «Pondero os pensamentos e as acções, os estados de espírito e as reacções, os dias e as noites. Mas é uma Outra Presença a companhia profunda e a Testemunha completa. Esta é a longa viagem que temos de realizar juntos, esta é a aventura real: descobrir essa Presença nas nossas carnes e nos nossos ossos, mergulhar o nosso ser naquela Presença, – ou seja, a Santidade. Que é a verdadeira acção social também. Para isso […] é necessário seguir com coragem e fidelidade aqueles sintomas dados pelo conjunto de condições em que nos viemos a encontrar: não temos necessidade de mais». É um amor, um amor a esta Presença e uma gratidão porque existe.[163]

[162] ASAEMD, *Documentação audiovisual*, Exercícios de Verão do Grupo Adulto, Falcade (BL), 31 de Julho a 5 de Agosto de 1983, segunda lição de 4 de Agosto.
[163] A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 366-367.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Jer 11,18-20; Sal 7; Jo 7,40-53

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL PIETRO PAROLIN
SECRETÁRIO DE ESTADO DO VATICANO

Caros irmãos e irmãs,

Estou contente por celebrar junto de vós a Eucaristia durante os Exercícios Espirituais de 2014 da Fraternidade de Comunhão e Libertação. E saúdo-vos a todos com fraternal afecto e com aquela alegria que «enche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus».[164]

Faço votos de que estes dias sejam de intimidade com o Senhor – um estar, de modo mais intenso e prolongado, face a face com Jesus Cristo, que é o "essencial", um aprofundamento da relação de comunhão com Ele – e ocasião para pôr em ordem a nossa identidade cristã, hoje como nunca provada pela desgastante interacção com o insidioso espírito de mundaneidade, capaz de insinuar-se e contaminar todos os ambientes e realidades, sem poupar nada.

Peço para vós a abundância do Espírito Santo, que é o protagonista por excelência da experiência, assim como de toda a vida cristã. Confio-vos à intercessão de Maria, mãe de Deus e nossa mãe, e de todos os Santos.

E trago uma bênção especial do Santo Padre Francisco, que é para toda a Fraternidade, para que – como lhe escreveu o padre Julián Carrón, presidente da vossa Fraternidade, ao qual dirijo uma saudação muito especial – «o Espírito Santo nos disponha à mudança do coração e ao empenho de dar a nossa vida pela obra de Cristo em todos os ambientes e lugares onde vivemos».

«Correndo para O alcançar» é o título destes Exercícios. Imagino que esteja inspirado no versículo 12 do capítulo 3 da Carta de S. Paulo aos Filipenses: «Não que já o tenha alcançado ou já seja perfeito; mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus».

Mais uma vez nos deparamos aqui com a iniciativa divina. É como um jogo: Paulo fugia de Jesus e o perseguia, mas Jesus o alcançou, o tocou, o aferrou e agora é ele que corre atrás de Jesus para O alcançar. Deus precede-nos sempre. Criou-nos. Redimiu-nos. Fala-nos por meio de Seu Filho. Renova-nos com a Sua graça.

A oração inicial da liturgia de hoje diz o mesmo: «Senhor omnipotente e misericordioso, atrai os nossos corações a ti». «Atrai a ti os nossos co-

[164] Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 1.

rações – dissemos – porque sem ti não te podemos agradar, sumo bem». Nesta oração, nesta breve invocação, é descrita a dinâmica inconfundível da existência cristã.

No início da vida de fé não há uma intenção, um voluntarismo, um cálculo, um raciocínio correcto. A fé não é seguir verdades construídas ou alcançadas por nós, com as nossas forças. No início, há sempre um movimento de atracção, algo que atrai os nossos corações. "Atrai, Senhor, os nossos corações a ti".

E esta palavra descreve também a dinâmica própria da vida da Igreja. O Papa Emérito Bento XVI, disse isso de forma veemente: «A Igreja não faz proselitismo. Ela se desenvolve preferencialmente por "atracção": como Cristo, "atrai tudo a si"».[165] O actual sucessor de Pedro, o Papa Francisco, repete isto continuamente. Cito apenas algumas linhas da homilia de 1 de Outubro em Santa Marta, na qual, retomando exactamente a frase de seu antecessor que acabei de citar, o Papa dizia: «Quando as pessoas, os povos, vêem este testemunho de humildade, de benevolência, de mansidão, sentem a necessidade de que fala o profeta Zacarias: "Queremos ir convosco". As pessoas sentem essa necessidade diante do testemunho da caridade. É esta caridade pública sem prepotência, não arrogante, humilde, que adora e serve"»! «Esse testemunho» – prosseguia o Papa – «faz a Igreja crescer. Santa Teresa do Menino Jesus, que foi nomeada Padroeira das Missões, é testemunha disso, porque o seu exemplo faz com que as pessoas digam: queremos ir convosco!».

Para *don* Giussani, de quem vos considerais filhos na fé, se o Senhor pode atrair hoje os corações dos que são seus, isso quer dizer que Ele está vivo e actua agora. É este "o atractivo de Jesus",[166] de que ele vos deve ter falado muitas vezes, com as suas palavras tão sugestivas, quando narrava os episódios do Evangelho. Porque nós podemos estar unidos por nobres sentimentos de devoção às ideias justas ou mesmo às boas recordações das pessoas queridas que nos deixaram. No entanto, objectivamente, trata-se de um apego, não de uma atracção. Só é possível ser humanamente atraídos, só é possível viver a experiência da atracção por uma pessoa que esteja viva, que se mova, que respire. Não somos nós que O colocamos em primeiro lugar com nosso esforço, com nossa auto-sugestão. É Ele que opera!

Se o Senhor atrai a si os nossos corações, isso quer dizer que Ele está

---

[165] *Bento* XVI, *Homilia da Missa de Inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina em Aparecida*, 13 de Maio de 2007.

[166] L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, op. cit.

vivo. E se atrai os nossos corações, também quer dizer que nos ama. Quer oferecer-nos a salvação. Está tão vivo e ama-nos tanto que, com o tempo, à medida que vamos crescendo e nos tornamos adultos, e depois começamos a envelhecer, é possível dar-se conta, é possível reconhecer com simplicidade que a atractividade é, na realidade, um abraço. Um pegar em nós e levar-nos ao colo. À medida que vamos crescendo e envelhecendo, isto pode-se tornar evidente para nós, como se tornou evidente para os primeiros Apóstolos: o ponto é que não sou eu que corro para Jesus, mas Ele que corre ao meu encontro, que me olha, me toma, como o pai na parábola do filho pródigo. E quando alguém está para cair, é Ele que o pode segurar. E quando alguém caiu, só Ele o pode levantar. Assim, torna-se sempre mais existencialmente certo, para cada um de nós, o que dizia São Paulo: «Portanto, isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso».[167] Assim, o Senhor pode conceder-nos a graça de nos fazer voltar a ser crianças e alcançar o Paraíso, porque a única condição que Ele pôs para alcançarmos o Paraíso foi que voltássemos a ser crianças: «Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu».[168]

Há sinais que nos dizem que somos levados ao colo e estamos no caminho certo. Um desses sinais é a humildade. Quando o encontro é real, a grandeza do que a pessoa encontrou fá-la ser humilde. Não se ensoberbece. O sermos atraídos, sermos tomados pelo Senhor e levados ao colo, por natureza, nunca pode degenerar em uma pretensão de posse, de predomínio. Nunca somos donos da palavra, da promessa e da ternura de Deus. Antes nos tornamos humildes quando experimentamos a misericórdia pelos nossos pecados. Como dizia Giussani: «Cristo não veio para os justos, mas para aqueles que sofrem por estar destruídos e feridos».[169] É exactamente nesse momento que nos podemos tornar bons, com o coração em paz, cheio de gratidão. «Mansos», como diz a primeira leitura de hoje: com um coração manso, que pela graça pode permanecer sereno mesmo nas circunstâncias angustiantes ou na dor, porque se entregou inteiramente ao Senhor. Sou «como manso cordeiro conduzido ao matadouro», porque «a ti confio a minha causa».

Só pela misericórdia do Senhor, que abraça e esquece os nossos pecados, é que o caminho da vida cristã, começado talvez muito tempo atrás, pode ser pouco a pouco pontilhado de novos inícios, de novos recomeços.

---

[167] *Rm* 9,16.
[168] *Mt* 18,3.
[169] L. Giussani, «È sempre una grazia», Fevereiro de 1993, in *È, se opera*, op. cit., p. 56.

Como dizia sempre *don* Giussani, «a continuidade daquilo que aconteceu no início verifica-se apenas através da graça de um impacto sempre novo e maravilhado, como na primeira vez». Se assim não é, explicava Giussani, começa-se a «teorizar o acontecimento», «em vez desse maravilhamento, dominam os pensamentos que a própria evolução cultural nos torna capazes de organizar, as críticas formuladas pela própria sensibilidade àquilo que se viveu e que se vê viver, a alternativa que se pretenderia impor, etc.» Domina em última instância o pecado, o próprio erro, do qual o homem não sabe como perdoar-se. Ao contrário – explica ainda Giussani – o paradoxo supremo do anúncio cristão é que «*o pecado é perdoado* (...). É esta a surpresa, a experiência da misericórdia, que, na relação com Cristo, qualquer pessoa pode fazer».[170]

Assim, na misericórdia, Deus manifesta a sua omnipotência. O milagre da caridade, que a Igreja desde sempre reconhece e exalta nas obras de misericórdia espiritual e corporal, é o milagre que mais torna evidente a todos a glória de Deus: o milagre de vidas transviadas que são redimidas, de filhos e filhas que pareciam perdidos, condenados, e são curados pelo abraço do amor gratuito.

Se não existe isso, se os corações não são renovados e mitigados na experiência da misericórdia do Senhor, volta a acontecer que acontecia a muitos fariseus e que também é referido no Evangelho de hoje. Quando corre bem, tornamo-nos militantes, entristecidos ou um tanto rancorosos, de ideias correctas. Pessoas que pretendem estar em conformidade com as regras, com os papéis em ordem. Nos piores casos, por motivos de interesse e de poder, continua-se a interpretar um papel, a vestir uma determinada máscara, a máscara das nossas presumíveis seguranças. E tem-se a pretensão de ditar leis aos outros. Os fariseus rejeitam Cristo encarnado porque, segundo suas consciências, segundo o que eles depreendem, o Salvador não pode vir da Galileia. Eles já sabem, já sabem tudo com antecedência. Assim, escarnecem e maltratam o espanto dos outros. Se os pobres se comovem, se o povo de Deus exprime a sua gratidão diante do milagre da graça, que se comunica quando quer, como quer e a quem quer, eles enfurecem-se e dizem: acaso vos demos autorização para se entusiasmarem, se alegrarem, estar agradecidos? «Por acaso algum dos chefes ou dos fariseus acreditou nele? – perguntam no Evangelho que lemos –. Mas esta gente que não conhece a Lei é maldita!». E a Nicodemos, que dá testemunho do Senhor com a força da sua consciência individual, respondem com desprezo: «Também tu és galileu, porventura? Vai estudar e vê que da Galileia

[170] *Id.*, p. 45, 62, 64.

não surge profeta!». «Vai estudar»: para eles, tudo se resolve na aquisição de uma certa competência, de um conhecimento, de um método correcto, de uma terminologia. Assentam a sua pretensão de dominar os outros no dominar bem, sem erros, o "discurso" religioso. São aqueles que, como disse o Papa Francisco, se colocam à porta da Igreja e não deixam os outros entrar e, sobretudo, não deixam Jesus sair.[171]

Nos nossos dias, como nos dias narrados no Evangelho, diante da actuação de Jesus os corações revelam-se sempre. Pode acontecer estremecer de gratidão pelos milagres e sinais novos que o Senhor opera em sua Igreja. Ou pode-se continuar a cultivar as próprias presunções. São estes os dois caminhos que todos os dias se abrem diante de cada um de nós. O Senhor já nos disse no Evangelho: nas vicissitudes da Igreja no mundo, a Palavra de Deus permanece viva no coração dos simples e dos humildes. Na multidão simples que – como repetiu recentemente o Papa – «ia atrás de Jesus porque aquilo que Jesus dizia lhes fazia bem e lhes aquecia o coração».[172]

Peçamos a Maria e a seu Filho que atraiam nosso coração, que nos façam sentir que somos levados ao colo, mesmo nos ínfimos detalhes da nossa vida quotidiana. Como diz um dos hinos que vós também cantais, «une este coração a ti, Jesus».

Peçamos o dom de caminhar na alegria do Senhor, no meio de todo o povo de Deus espalhado pelo mundo.

Assim seja.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Obrigado, Eminência. Sei como está atento à vida do movimento, não apenas aqui em Itália, mas também na sua dimensão internacional. Os nossos amigos no mundo encontram-se com Vossa Eminência frequentemente. Sobretudo estamos reconhecidos pelo seu ministério, que o leva a servir tão de perto a pessoa do Papa Francisco, que nós desejamos seguir com todo o nosso ser, sempre atraídos e conquistados pela paixão com que vive a presença de Cristo na vida da Igreja e de cada homem, relançando-nos àquelas "periferias existenciais" nas quais o carisma concedido a *don* Giussani nos fez nascer.

Obrigado, Eminência.

---

[171] Cf. Francisco, *Meditação Matutina: «Discípulos de Cristo, não da ideologia»*, Santa Marta, 17 de Outubro de 2013.

[172] Francisco, *Meditação Matutina: «A palavra aprisionada»*, Santa Marta, 21 de Março de 2014.

Cardeal Parolin. Se ainda tiverem uma réstia de paciência, gostaria de acrescentar algumas coisas antes de dar a bênção final.

A primeira coisa é a minha surpresa de vos ver tão numerosos. É mesmo impressionante esta assembleia!

Carrón. Há outra sala como esta aqui ao lado!

Cardeal Parolin. Então a surpresa é dupla!

A segunda coisa é dizer-vos: «Obrigado», obrigado verdadeiramente por este convite. Tive alguma dificuldade em aceitá-lo porque preciso de limitar as saídas, mas não me arrependo de ter vindo.

A terceira coisa é dizer-vos que – já aludi a isso brevemente na homilia, agora citou-a também o padre Julián – o Papa me encarregou de vos trazer a sua saudação, a sua saudação afectuosa, o seu encorajamento, e de vos dizer que sabe que pode realmente contar convosco para essa conversão pastoral no sentido missionário, ao qual chama toda a Igreja na *Evangelii Gaudium*, o documento que foi definido como "programático" deste pontificado. Uma missionariedade que vai no sentido da atractividade. Parece-me que antes o senhor também, na última parte da sua relação – eu ouvi-a na salinha atrás do palco – dizia justamente isso: precisamos atrair a Cristo, como nós fomos atraídos a Ele pela Sua graça e pela Sua misericórdia.

E, enfim, gostaria de vos convidar a rezar. São Paulo diz: «Quantos mais somos, mais se eleva ao Senhor a nossa acção de graças, a nossa prece». Imaginai a força que pode ter a oração que se eleva desta sala esta noite! Peço-vos que rezeis por todas as intenções com que celebrámos esta Eucaristia, mas especialmente por duas intenções. Em primeiro lugar pela Venezuela. O senhor recordava a minha experiência como núncio na Venezuela. Conheci Comunhão e Libertação, trabalhámos juntos, fizemos algumas iniciativas juntos. Eu gostava, inclusive através dos meios de comunicação e da ligação em videoconferência, de mandar uma grande saudação aos nossos amigos venezuelanos e dizer que estamos com eles neste momento difícil para a sua pátria, para que prevaleça, realmente, o sentido do bem comum, para que prevaleça a paz e a reconciliação. E depois rezai também pelos dois sacerdotes da minha diocese que acabam de ser raptados, sequestrados nos Camarões, na fronteira entre os Camarões e a Nigéria. Esperemos que tudo se resolva bem, mas estamos muito preocupados. Falei esta tarde com o meu bispo, o bispo de Vicenza: dizia-me que há muita preocupação, muita ansiedade por este caso. Mas é belo porque um deles, há apenas alguns meses, quando sucedeu um caso análogo com o sacerdote francês Vandenbeusch, antes de ser raptado, face aos apelos à

prudência e até a mais do que a prudência, isto é, a deixar aquelas terras onde podia ir de encontro ao perigo, escreveu: «Mas se nós viemos para cá a fim de partilhar a vida destes irmãos e destas irmãs, poderemos deixá-los no momento do perigo?». Essa é a beleza da nossa fé, essa é a beleza de quem crê em Jesus, que está disposto a dar a sua vida sem arrependimento, com totalidade. Então, rezemos por eles, para que essa situação se possa verdadeiramente resolver da melhor maneira.

Por fim, rezai pelo Papa e, se tiverdes ainda algum tempo, rezai também por mim, pois preciso muito.

Carrón. Nós prometemos as nossas orações. Mas podemos confiar-lhe um pedido também nós? Que leve uma calorosa saudação ao Papa Francisco da parte de todos nós.

Cardeal Parolin. Vou fazê-lo com muito prazer. Bem, agora recolhamos tudo na bênção que agora recebemos em nome do Senhor. Se me permitis, terminamos a bênção cantando-a. Sabeis responder, não?

Domingo 6 de Abril, manhã

À entrada e à saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em dó menor, K 427
Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker
"Spirto Gentil" n. 24, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Conservamos diante dos nossos olhos o olhar entre Pedro e Cristo e as palavras do Papa Francisco que são reproduzidas no Cartaz de Páscoa: «"Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar". Ao designar-se como "primeiro" este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam. É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de tornar a ouvir. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano.»

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Prosperi. Como todos os anos, concluímos este gesto com uma assembleia. Devo dizer que pessoalmente noto, ano após ano, que este momento é realmente uma parte importante e fundamental do gesto, porque se compreende bem que o conteúdo da proposta que é feita e que chega a cada um de nós cresce e aumenta a sua possibilidade de incidência na nossa vida quanto mais nós participamos nela, quanto mais estamos presentes, quanto mais nos deixamos tocar, interrogar por aquilo que é dito, por aquilo que acontece, por este gesto. E as perguntas são justamente o reflexo, o espelho de como nós fomos tocados ou não fomos tocados, ou seja, daquilo que acontece em nós. Por isso, perguntar é um contributo que cada um de nós seguramente pode dar.

Das inúmeras perguntas que nos chegaram, e que lemos, seleccionámos algumas como é habitual. Antes, porém, permito-me um brevíssimo comentário introdutório. Sinteticamente percebe-se que fomos colocados perante uma proposta trabalhosa. E isso é um bem, porque nós estamos aqui para um caminho, não para ficar parados naquilo que já compreen-

demos. É justo que seja trabalhosa. E o dever mais útil para cada um de nós é identificarmo-nos com quem nos faz esta proposta agora, caso contrário não compreenderemos.

Em particular, nas perguntas ressalta claramente que fomos tocados pela releitura da nossa história, que de uma maneira geral ouvimos como um acto de amor à nossa vida, de paixão pelo nosso destino. Daqui surge uma primeira pergunta, que foi enunciada de muitas formas e que sintetizo assim: «Por que é que, precisamente agora, sentes a urgência deste passo de consciência?».

Julián Carrón. A urgência deste passo de consciência sinto que é, primeiro que tudo, minha: as perguntas diante das quais nos colocamos são as mesmas que eu tenho. Na situação em temos vindo a viver, como recordámos no ano passado, eu era o primeiro a estar impressionado pela posição de *don* Giussani, para quem o problema não é «quem tem razão», mas «como viver»: neste mundo onde somos chamados a viver a fé, a verdadeira urgência é «como viver», ou seja, como encarar os desafios da vida. Eu sou o primeiro a trazer esta pergunta em mim. A partir disto tinha nascido uma outra pergunta, perante a qual temos estado este ano: como estamos e o que é que estamos a fazer no mundo? Quer dizer, que tipo de presença é a presença cristã?

Eu – não sei vocês – estas perguntas ainda as mantenho em aberto e, quanto mais os desafios me pressionam, mais elas se fazem vivas e urgentes. Então, como eu tinha aquela pergunta («O que estamos a fazer no mundo?»), aconteceu que quem estava a trabalhar para a realização do novo livro das Equipes, impressionado pelo que estava a ler, mostrou-me aquele texto de 1993 que citei ontem, no qual Giussani aborda a questão, que por vezes também hoje colocam alguns entre nós: mas CL não era muito melhor antes? Agora está reduzido de forma pietista, fechado nas sacristias, sujeito à força do espiritualismo. Já diziam estas coisas em 1993! Não era nada comigo! Digo-vos isto para não perdermos tempo, porque estas afirmações eram feitas com *don* Giussani presente! Por isso, a verdadeira decisão que nós temos de tomar, amigos, é se queremos seguir *don* Giussani, se cada um de nós quer seguir.

O que é que me impressionou naquele texto? A maneira como ele, relendo a história, responde a esta pergunta. Vocês ouviram-no ontem. Todas as coisas que vos disse ontem são suas. Eu não tenho outra coisa que propor-vos senão aquilo que *don* Giussani propôs, não tenho nada de mais interessante a dizer-vos senão aquilo que a mim me serve para viver e para responder às perguntas que urgem no presente.

Diante daquela provocação, *don* Giussani interroga-se: o que estamos a fazer no mundo? E afirma: nós não estamos no mundo para responder às urgências dos homens, nós estamos no mundo para dizer… E começa a falar, como viram, de João e André.[173]

Eu fui o primeiro a ficar "desconcertado" com esta leitura e disse-vos a que ponto o fiquei. Por isso, disse para mim: tenho de comunicar isto a todos! Que outra forma tenho eu de responder às perguntas em aberto senão dizendo-vos tudo aquilo que eu próprio descubro em *don* Giussani, para nos ajudarmos a compreender por que motivo nos diz determinadas coisas? Este será o trabalho que teremos de fazer ao longo de todo o ano. Por que é que Giussani nos diz o que escutámos ontem? Espero que tenhamos começado a compreender alguma coisa já nestes dias.

O texto realçava, ainda, que quem vive o reconhecimento efectuado por João e André introduz no mundo uma presença que mostra como, seguindo Cristo, se vive melhor, se responde melhor à pressão do viver, testemunhando como se pode viver. Seguindo Cristo, levando a sério Cristo vive-se melhor, começa-se a experimentar o cêntuplo neste mundo.

Um segundo passo para mim decisivo, na preparação destes Exercícios, foi reler o texto *A longa marcha da maturidade*, de 1972, no qual *don* Giussani avalia o que sucedeu em '68. Desafio qualquer um a encontrar um juízo mais pertinente – e mais capaz de iluminar o presente – que o que então *don* Giussani deu. Não é para uma revisitação histórica que regressei a ele. É decisivo para nós, hoje, aquilo que naquele preciso momento ele nos disse sobre a razão por que se deu a desorientação de então, que é normal que suceda, porque a realidade nos provoca e muitas vezes nos encontra impreparados para os desafios. Não é que primeiro o Mistério nos prepare para a doença e depois a dê. Não, permite-a e a seguir dá todo o tempo necessário para a entender, para entender o seu sentido: Cristo deu-nos tudo, deu-nos a Sua presença, e com a Sua presença nos acompanhará a entender o sentido da doença ou o sentido de perder o emprego ou o sentido de uma derrota. Àquele desânimo, dizia *don* Giussani, nós procurámos responder com o nosso fazer, sem perceber o que estava em jogo. Então nós temos de perceber por que é que Giussani nos dizia o que disse, quando ao invés pensávamos que tudo o que fazíamos era propriamente expressão daquilo que tínhamos encontrado. Corrigia-nos radicalmente!

O ano de '76 é uma correcção de rumo clara. Por este motivo, quando em '93 alguns intelectuais defendem que era preciso fazer o movimento voltar ao que era antes de 1976, com a energia toda para tentar respon-

[173] V. aqui, p. 34-35.

der às urgências, Giussani, como vimos, replica recordando aquilo que se agitava no seu espírito em 1976: «CL não é isso, o cristianismo não é uma organização para suprir as necessidades dos homens, nós não estamos no mundo para isso». Em 1972 dissera que a tentativa de fazer frente à desorientação provocado desde '68 atirando-se «de cabeça, seguindo o mundo» era o sinal de uma resposta moralista, totalmente privada de uma cultura própria e sem nexo com a autoridade.[174] Por que é que tinha sucedido tudo isto? Porque não estávamos cientes de qual era a dimensão, a espessura histórica do facto cristão e, com a nossa habitual impaciência, queríamos chegar logo, com as nossas forças, a mudar as coisas (segundo a mentalidade típica de qualquer esforço revolucionário). Em vez disso, como diz *don* Giussani, o acontecimento cristão muda a vida, mas exige «toda a trajectória da história»[175] para que isto se desenvolva.

Então, se não percebermos que também agora a coisa mais decisiva para enfrentar os novos desafios é apreender a espessura do facto cristão, nós tornaremos a fazer coisas que no fundo não respondem − e isso é trágico, porque a história já demonstrou que não respondem, como também direi a seguir. Por isso é preciso regressar à origem, amigos! Cada um de nós tem, de facto, uma imagem própria do movimento. É inevitável. Todos vocês, ou pelo menos muitos, viveram muitos anos no movimento, muitos até mais do que eu. É inevitável que cada um tenha recordações e tenha formado uma imagem, e não por mal: simplesmente, cada um recorda a situação a partir de certos factos, de certos eventos. E não é que *don* Giussani, quando sucediam as coisas que recordámos, não estivesse a dizer nada, ou que quando participávamos em certos gestos não estivéssemos ali presentes com todo o desejo de perceber. Quantas vezes as pessoas me dizem: «Mas onde é que eu estava?!» Alguns dos mais velhos repetem: «Mas onde é que eu estava quando *don* Giussani dizia estas coisas? Não percebia mesmo nada!». E eu digo-lhes: não há que lamentar isso, porque nós conseguíamos perceber o que conseguíamos perceber; o problema não é que estivéssemos distraídos – até pode ser, mas não é essa a questão –; ainda que estivéssemos completamente atentos, propensos a perceber, teríamos percebido o que conseguíamos perceber, porque o ponto da nossa evolução pessoal, do nosso caminho pessoal, da nossa história, nos permitia perceber o que éramos capazes de perceber. Por isso é tão decisivo o livro de Savorana. Como *don* Giussani nos disse ontem – a minha era uma

[174] V. aqui, p. 30.
[175] V. aqui, p. 33.

citação − é necessário «uma grande purificação»,[176] para não reduzir *don* Giussani à nossa imagem, porque ele é muito mais que aquilo que cada um pensa dele. É preciso que estejamos dispostos à conversão, a «submeter a razão à experiência»,[177] porque há muitas coisas que não compreendemos ainda. Há quem tenha medo disto, porque o sente como um juízo meu sobre a nossa história, como se eu estivesse aqui a salientar os erros. Não, não, não. Eu não disse nada de meu. Eu quero aprender! Mas não tenho medo de reconhecer se houve alguma coisa que *don* Giussani nos convidou a corrigir, porque a minha consistência não está no fazer, nem no fazer da maneira certa: a minha consistência está num amor! E precisamente por isso não tenho problema nenhum em pedir desculpa até nos jornais se errámos em alguma coisa, assim como não tenho problema nenhum em vos pedir desculpa a vocês! Se nós não estamos dispostos a isso, o carisma já está morto e enterrado, porque significa que estamos parados, bloqueados, fechado cada um na sua ideia. A nossa tentativa é sempre uma tentativa irónica e portanto perfectível. Não devemos ter medo, em cada tentativa nossa, de estar sempre propensos a perceber melhor, a seguir melhor, a identificar melhor o caminho a fazer. Por isso, peço-vos que exijam isto para todo o movimento e para cada um de nós. Porque se nós não estamos dispostos à conversão, como concluíamos ontem à tarde, será impossível a missão. A missão está ligada exclusivamente à nossa conversão: «A condição da missão é a mudança da minha pessoa». Mas nós pensamos que dizer isto não é fazer uma proposta: no entanto, também esta é uma frase de Giussani. Eu não vos digo nada senão aquilo que descubro em *don* Giussani e me faz viver a mim em primeiro lugar.

Prosperi. «Perante os muitos desafios de que falaste, qual é a primeira coisa, o primeiro lance?».

Carrón. Antes de mais, vou dizer-vos algumas das perguntas que me são postas ou que as pessoas me escrevem nas cartas: como é possível não perder tudo aquilo que de bom acontece na vida? Como evitar a sensação de perder tudo? Como enfrentar a dor, quando todos me dizem que é melhor deixar andar? Como enfrentar um quotidiano que tolhe as pernas? Um de nós, indo visitar um amigo, ouve dizer: «Eu nunca vou trazer um filho ao mundo. Com que coragem condeno mais um desgraçado à infeli-

[176] V. aqui, p. 36.
[177] Cf. J. Guitton, *Arte nuova di pensare*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 1996, p. 71; v. aqui, p. 92.

cidade? Tenho medo da minha liberdade, no melhor dos casos não serve para nada e no pior dos casos posso causar sofrimento a alguém. O que eu espero da vida é procurar fazer o menos mal possível». Ou então, ontem citei a amiga que relatava a frase do seu colega: «Os recém-nascidos com deficiências graves, que vida é uma vida assim?!». Quantos medos, quantas incertezas!

Cada um de nós pode fingir que não é nada ou pode encarar estas perguntas. A questão é se encaramos verdadeiramente as perguntas que nos são postas. A primeira coisa a fazer é, de facto, compreender a natureza da provocação que elas comportam, julgando depois se a nossa tentativa de resposta é adequada ou não: os primeiros a serem desafiados, em suma, somos nós. Qual é a natureza última da provocação contida nestas perguntas? O que é que está subjacente a tantas questões? O nihilismo, amigos, ou seja, o medo de que, no fundo, no fundo, por detrás da aparência não haja nada. É este o traço mais distintivo, mais característico da nossa cultura, que por vezes aqueles que apresentam a biografia de *don* Giussani captam melhor do que nós. Atenção, se não compreendemos a natureza da provocação, não é que não nos mexamos: mexemos e de que maneira, mas fazemo-lo de forma inadequada; respondemos, mas de uma forma que não está à altura do problema. Tratamos um tumor com Aspirinas. Agitamo-nos e basta. Se isto vos consola, porque ao menos assim teremos feito alguma coisa...!

Portanto, a primeira questão é o juízo, o juízo sobre o que se está a passar, sobre o desafio verdadeiro. Muitas vezes nem sequer nos damos conta da natureza do desafio, também nós participamos da redução de todos, estamos mergulhados nela até ao pescoço. E não temos somente a tentação de pensar que por trás da aparência não haja nada, mas também a de pensar que, no fundo, também Cristo seja igualmente nada. A tentação mais subtil de todas é pensar que Cristo seja abstracto: nem Cristo se salva do alastrar do nihilismo em nós e é reduzido a abstracção.

Então a questão crucial, agudizada pelos desafios actuais, é ajuizar se Cristo é verdade ou não, se é real ou não. Porque se Cristo, que é o rosto do Ser que nos fascinou, é abstracto, aquilo que vence é o nada, e tornamo-nos uma "mina à deriva". Por isso, quando *don* Giussani diz que o problema da vida é um amor, ele não está fora do mundo. Ao contrário, reconhece que só existindo alguma coisa com o teor suficiente de realidade, com o atractivo suficiente, com o poder suficiente para nos ligar, é que nós podemos ter esperança de não ser arrastados pelo nada, como todos.

O que está em jogo neste amor é a fé, é o reconhecimento de uma Presença que nos faz ser diferentes; diferentes não porque melhores, mas por-

que ligados, eleitos, agarrados àquela Presença que nos impede de sucumbir no nada. E que efeito tem esta Presença sobre nós? Em que é que sei que Cristo está realmente presente? No facto de que me desperta, que salva todas as dimensões do humano. Dado que me desperta, me livra de toda a redução, então eu posso entender a provocação que a realidade contém.

Por que é que *don* Giussani não era arrastado como nós pelas reduções? Por alguma estranha genialidade ou justamente pela sua ligação com Cristo, a sua paixão por Cristo? Mesmo quando todos nós nos desviávamos para outro lado, ele não se desviava de Cristo, que lhe dava uma inteligência das coisas, uma capacidade de juízo, uma capacidade de intervenção sobre a realidade, que nós nem sonhamos. Ou o movimento é capaz de gerar pessoas como ele ou nós passamos a ser parte do problema, não da solução, como digo sempre.

Por isso, amigos, a questão é se nós estamos dispostos a fazer aquele percurso que verdadeiramente nos pode despertar, para poder encarar o real com uma inteligência nova e com uma capacidade de resposta adequada à provocação das coisas. Caso contrário, o nosso contributo será equivalente a zero.

Prosperi. «"A sensação de *impotência* acompanha qualquer séria experiência de humanidade. É essa sensação de impotência que origina a *solidão*" (*don* Giussani). A sensação de impotência que caracteriza qualquer séria experiência humana gera solidão. Tu falas como sendo uma coisa positiva, que abre. A mim, porém, provoca raiva, cinismo ou distracção da realidade».

Carrón. A primeira coisa a observar com simplicidade e com realismo, amigos, é a nossa experiência humana. O primeiro efeito em nós – vimos ontem – da mentalidade de todos é uma estranheza de nós mesmos, um separar-nos de nós. Não nos compreendemos até ao fundo, porque a nossa relação com nós mesmos é abstracta. Agora, diz Giussani, o compromisso sério com a vida, o compromisso não com um aspecto do viver, com uma "ideia fixa" que se torna uma histeria, não, o compromisso com a totalidade do viver faz nascer em nós a consciência da nossa impotência. O primeiro sinal do compromisso com a nossa humanidade é a consciência do que eu sou verdadeiramente, é a sensação de impotência. Quanto mais a pessoa se compromete com a sua humanidade, mais percebe a sensação de impotência, vê a desproporção estrutural entre o que faz e o que deseja. Nós temos muita dificuldade em dar-nos conta disto. Por onde se vê que nos custa perceber, que isso não é familiar em nós? Pelo facto de que ten-

tamos resolver a impotência com a nossa tentativa, com o nosso esforço, com o fazer ainda mais. Mas se é precisamente esse o problema, se é precisamente esta impotência que aflora quanto mais te empenhas, como podes pensar em responder com o empenho, aumentando o fazer? Não farás mais do que ampliá-la. Por isso, eu entendo, muitas vezes esta situação – que quanto mais nos empenhamos mais impotentes nos sentimos, quanto mais no lançamos no fazer mais sentimos a impotência – provoca raiva, cinismo ou distracção (não querendo fazer face à impotência, voltamo-nos para outro lado).

A pergunta diz que eu, em vez disso, falo da impotência como uma coisa positiva. O que é que precisa de acontecer para encararmos esta impotência de maneira diferente, não com cinismo, não com raiva, sem nos procurarmos distrair? É preciso uma presença, como aquela que a criança necessita no parque de diversões; é preciso uma presença que nos possa fazer abraçá-la, porque esta impotência só é salva por uma presença. Sem uma presença que me faça capaz de olhar para a realidade tendo em conta para que é que o Mistério a fez, eu não estou a encarar bem esta impotência. Ora, o Mistério não nos fez com esta impotência por distracção, ou por diversão, ou para mortificar o humano. Não, Deus fez-nos com esta impotência e com esta desproporção estrutural porque nos amou de tal forma que pôs nos nossos ossos, em cada fibra do nosso ser, uma desproporção tão ilimitada, um abertura tão grande, infinita, que só pode ser preenchida pela Sua presença, de modo que pudéssemos gozar a vida como nunca poderíamos sonhar. Se falta o olhar desta Presença, nós irritamo-nos com a impotência; não percebemos que ela, pelo contrário, nos é dada para O podermos reconhecer: este vazio, esta tristeza, esta desproporção, esta falta são a urgência e a nostalgia d'Ele, da Sua presença, à qual Ele quer responder. Só quando encontramos a resposta é que tudo passa a ser um recurso para o caminho. E então fica-se agradecido pela nostalgia, fica-se agradecido por ter necessidade d'Ele, fica-se agradecido por poder voltar a Ele: «Estou agradecido por sentir toda a minha impotência, porque assim me dou conta de quanta caridade tens para comigo, ó Senhor. E estou contente porque Tu vives, ó Cristo».

Estas coisas não as podemos dizer com todo o nosso ser, com toda a nossa consciência, se não sentirmos as urgências humanas. As experiências humanas mais significativas são obstruídas se estas urgências não forem sentidas. Admira-me tantas vezes termos dificuldade mesmo a este nível, depois de termos encontrado *don* Giussani. Porque se há alguém que tenha levado a sério todo o seu humano, toda a sua vibração humana, que nos tornou conscientes do drama humano, é ele precisamente.

Que gratidão poder recomeçar cada manhã tendo necessidade de Cristo e sentindo saudades da Sua presença! Imaginem o que seria se alguém dissesse a Maria Madalena que a sua sensação de solidão era inútil! Como se pode dizer a uma mulher, que passou a noite inteira acordada «procurando aquele que o seu coração ama», que a saudade do amado é um obstáculo para o caminho! A duas pessoas que se amam a sério nós nunca diríamos que a sensação de falta e de saudade que uma sente pela outra, e vice-versa, é um obstáculo para o caminho, é fonte de irritação. A saudade e a necessidade que sentimos são o maior sinal daquilo que encontrámos: «ainda bem que existes, ó Cristo!» Mas não poderemos dizer «Cristo», deixando vibrar todo o nosso ser, se censuramos esta nossa natureza. Claro que uma pessoa se pode porventura distrair, por amor de Deus!

Prosperi. Portanto, Julián, esta solidão é o desejo desta Presença totalizante que abraça o nosso nada?

Carrón. A tristeza, diz *don* Giussani citando São Tomás, é «o desejo de um bem ausente».[178] Esta é a estrutura com que o Mistério nos fez. O desígnio de Deus é tornar o homem participante da Sua felicidade. Por isso, o primeiro pensamento de Deus é Cristo encarnado, para fazer uma humanidade participar de toda a riqueza que vivia no mistério da Trindade. O início não é uma falta. O início é o desejo de Deus de partilhar connosco, que não existíamos, toda a plenitude de riqueza que Ele vivia. Deus podia ter criado outras estrelas ou outros pássaros ou outros peixes, mas assim não teria podido partilhar tudo quanto partilha connosco, tornando-nos participantes de uma experiência e de uma intensidade de vida nunca antes imaginadas. Mas, como diz um princípio da teologia, o primeiro na intenção é o último na realização: quando temos de construir uma casa, a primeira coisa que nos ocorre é a intenção – a casa –, mas a casa é a última coisa que se constrói; para chegar à casa é preciso arranjar um terreno, chamar um arquitecto, fazer o projecto e só no fim se constrói. Com o desígnio de Deus passa-se o mesmo: a intenção é a vontade de Deus de partilhar a Sua felicidade. Mas para realizar esse desejo precisava de criar o mundo, dentro deste mundo criar um ser com um desejo sem fim, que fosse enfim capaz de O reconhecer quando Ele decidisse vir, encarnando. Quando Cristo chegou tudo se esclareceu. Cristo é a chave para compreender o desígnio. Se olharmos para a impotência sem este "lugar", sem

[178] Cf. S. Tomás de Aquino, *In Dionysii de divinis nominibus*, 4, 9; *Summa Theologiae*, I, q. 20, art. l.

esta Presença, que a torna inteligível, compreensível, se olharmos para ela sozinhos, então pensamos nela com irritação, porque não sabemos quem lhe poderá responder. Ao passo que, quando uma pessoa se apaixona, diz: «Ah, finalmente! Agora sei por que valia a pena nascer: para te encontrar!». Mas primeiro, durante a adolescência, não percebia por que tinha desejos tão enormes. A um dado momento desvenda-se. Ou nos damos conta de que o Mistério responde à nossa expectativa, ao desejo infinito que existe em nós, e que a vida é resolvida por este amor, por este encontro com Cristo que enche a existência com a Sua Presença, ou continuaremos a irritar-nos com o desejo, que é feito exactamente para O podermos reconhecer, para podermos ser satisfeitos por Ele.

Prosperi. «A experiência daqueles olhos e daquele olhar sobre a minha vida, como nestes dias, fazem entrar o céu nos meus olhos. O que é que torna estável o caminho do olhar que permite chegar a uma verdadeira convicção?»

Carrón. O que torna estável o caminho do olhar é seguir, amigos. É por isso que continuo a repropô-lo, porque está ao alcance de qualquer um. Eu não sou a resposta, nem nenhum outro entre nós é a resposta. A resposta à solidão e à impotência de que falámos é embater numa Presença. Se eu aceito deixar entrar estes olhos novos, começo a pressentir em mim toda a sua novidade. Como é que isto cresce? Como se torna estável? Pondo-o constantemente em jogo no real. Se diante de qualquer desafio, provocação, dor, imprevisto, desorientação, eu não parto daquilo que me sucedeu, da Presença em que embati, não poderei verificar se é suficientemente consistente para responder a tudo, e portanto nunca se via tornar estável em mim aquele olhar. Como sucedeu com os discípulos. Tinham visto milagres estrondosos, mas ao desafio seguinte estavam como no princípio, como tantas vezes também sucede connosco. Uma pessoa podia perguntar-nos «Então não viste o que aconteceu?» e nós podíamos responder que sim. Mas isso não quer dizer que se tenha tornado definitivamente nosso e que, para enfrentar os novos desafios, nós partamos daí, daquilo que já nos constitui até ao tutano. Todo o esforço de *don* Giussani tem na mira que aquilo que nos constitui, que aquilo que nos aconteceu, que aquilo que é nosso e a que nós pertencemos pelo Baptismo, que aquilo que é já a nossa nova natureza de uma vez para sempre, se torne verdadeiramente nosso enquanto consciência e experiência. Porque, senão, há o Baptismo só que, diante dos desafios da vida, não conta nada; assim como há a Escola de Comunidade, mas diante do desafio das circunstâncias não conta nada.

Então a vera verdadeira questão é a personalização da fé. Digam-me se há alguma coisa mais crucial que esta: que o reconhecimento da Sua presença se torne estável em mim, que me constitua, que gere em mim uma autoconsciência que me permita enfrentar todos os novos desafios, fazendo crescer o meu eu. Se realmente Cristo não determina o meu eu, se não é possível a nova criatura, se a inteligência da fé não se torna cada vez mais uma maior inteligência do real, uma capacidade de aderir mais intensa, Cristo é igual a zero. Mas isso é o protestantismo: nós ficamos tal e qual. Mas não! Se uma pessoa segue, se decide participar na vida cristã, segundo um desígnio e um tempo que não sabemos, que não decidimos nós, mas que implica todo o nosso empenho, toda a nossa liberdade e toda a nossa inteligência (porque não somos um mecanismo), o olhar de Cristo torna-se sempre mais estável na sua autoconsciência, a tal ponto que se admira: «Mas como?!», dizia-me um noviço dos *Memores Domini*, «descubro em mim dinamismos que não são meus, quer dizer, descubro maneiras de reagir que antes não tinha».

Também a carta que ontem citei diz o mesmo. É uma descrição do percurso que estamos todos convidados a realizar. Diante do colega que a desafiava dizendo: «É justa a eutanásia para os recém-nascidos com deficiências graves», ela, que até àquele momento só tinha dito coisas banais, sem se implicar num juízo verdadeiro, intervém na discussão e conta que tem uma filha deficiente, que se encontra nas condições por ele descritas, e é feliz. Depois, como agora já sabem, uma semana depois o colega torna a procurá-la, porque já não lhe sai da cabeça o que ouviu dela. Mas agora interessa-me a conclusão da carta: «Todas as outras vezes que me vi em discussões semelhantes ia sempre embora irritada, sem ter coragem para dizer nada ou apenas pensando com raiva como era possível que certas pessoas pensassem daquela maneira». As alternativas parecem ser: ou me calo ou me irrito, como se não existisse outra via. É a isto que tantas vezes se reduz a alternativa: ou me irrito ou calo. No entanto, «para mim desta vez foi possível encarar a circunstância com toda a minha autenticidade por causa do caminho que tenho feito seguindo-te, através do trabalho da Escola de Comunidade». É o sujeito novo que a certo ponto emerge, e ela foi a primeira a ficar surpreendida por descobrir esta sua nova modalidade de responder. Então, o caminho do olhar torna-se estável assim: seguindo. A um dado momento, a pessoa dá por si reagindo às circunstâncias de uma forma totalmente nova, não reactiva, num sentido ou noutro, mas original.

Prosperi. «Apesar de estar nesta história há tempo e tendo feito o encontro, eu noto que no impacto das circunstâncias Cristo não é o essencial.

O que é que me ajuda a reconhecer que Cristo é o essencial? Em que sentido é que o seguimento favorece esse reconhecimento?».

Outra pergunta é esta: «Ajuizar significa reconhecer Cristo?».

Carrón. «Eu noto que no impacto das circunstâncias Cristo não é o essencial». Mas gostavas que fosse o essencial? Porque a questão está toda aqui: quanto é que nós desejamos que Cristo seja o essencial. É um problema de desejo. Porque se uma pessoa começa a entrever a promessa que existe no facto de Cristo ser o essencial, a coisa mais querida, então tudo o resto deixa de ser objecção, e a pessoa deita mãos à obra. Começa a estar atenta a todas as indicações que nos damos, a todas as sugestões que são oferecidas, porque é impossível estar aqui e não receber *inputs* de todos os lados. Basta que se viva com o desejo de que Cristo seja a coisa mais querida. E isso não pode ser imposto por ninguém, não há regra que possa despertar isto. Simplesmente, quando a pessoa vê o que acontece a outro, quando vê que outro vive assim, não consegue deixar de sentir uma vontade louca de ser como ele: «Eu também quero viver assim! Eu também desejo viver assim!». O seguimento nasce deste desejo de viver como vemos viver outra pessoa. Então é fácil reconhecer quando Cristo é o essencial: quando Cristo se torna o centro da minha afeição. Sim, o centro da minha afeição, porque, como temos dito desde o início, o critério foi dado pelo Evangelho: «Onde estiver o teu tesouro, aí está o teu coração. Onde estiver o teu coração, aí está o teu tesouro». O que é que prevalece em nós como afeição? O que é que temos de mais querido? O que é que nos surpreendemos a desejar de mais? É fácil reconhecer onde está o coração. Então, como dizia, a questão é até que ponto desejamos que Cristo seja o essencial: basta desejá-lo!

Vamos à outra pergunta. Ajuizar quer dizer estabelecer uma comparação entre tudo aquilo que acontece na vida e aquelas exigências e evidências elementares a que chamamos «coração». Mas quando é que este juízo, esta comparação, atesta uma correspondência que nos leva a reconhecer que aquilo que nos aconteceu é exactamente aquilo que procuramos? Quando se encontra Cristo, porque nenhum outro corresponde ao nosso coração como Ele. E sei que encontrei Cristo, sei que Cristo domina em mim, porque sou livre, estou contente; não porque eu não volto a tropeçar, não volto a errar, mas porque a sua Presença domina a minha vida, e portanto posso encarar até os meus erros sem ser definido por estes, nenhum destes, porque a minha consistência está em Outro, está numa relação: a minha consistência é um amor.

Prosperi. Outras duas perguntas interligadas.

«Disseste: ou a nossa companhia se torna experiência ou se torna perigosa. O que é que isso significa e porquê?»

«Como é que a vida nos nossos grupos de Fraternidade pode ajudar a vencer a trivialidade e a imaturidade?»

Carrón. O que *don* Giussani diz ao contar o episódio de quando era um jovem padre e confessava ilustra bem aquilo que considerava importante desde o início, quando ainda não tinha começado o movimento, aos vinte e três anos. Em vez de procurar alguém que tivesse muito mais "experiência" porque já tinha visto de tudo, as pessoas iam ter com ele que era um jovem padre. E qual era a diferença? Que ele fazia um juízo. Por isso desde o início *don* Giussani nos procurou oferecer um método para julgar, porque sem juízo não há experiência, como dizíamos ontem. Mas a nós custa-nos muito compreender isto. É precisamente por isso que ele dizia que ou a nossa companhia se torna experiência, um lugar onde somos constantemente convidados a fazer experiência, ou seja, a ajuizar, ou então é «realmente perigosa». E até dá a razão para isso: «Porque quem está, está como carneiro».[179] Se nós andamos aqui sem julgar, andamos aqui como carneiros. E isso é perigoso porque hoje um sopra daqui, amanhã outro sopra dali, e nós somos uma mina à deriva! Quem quer que sopre, seja eu, seja o último a chegar, nós perdemos a nossa dignidade se não tivermos capacidade de juízo, se não assumirmos a responsabilidade de julgar. Giussani não entrou no ensino para que os jovens considerassem *a priori* verdadeiro aquilo que ele dizia, mas para lhes oferecer um método com o qual pudessem julgar tudo quanto ele dizia. Por isso é que se uma companhia como a nossa, não nos oferece um método com o qual julgar, não estimula a nossa capacidade de juízo, é perigosa; se não educa nisto, perdemos pelo caminho aquilo que é mais decisivo do carisma. Quem sopra hoje ou quem sopra amanhã não importa, de qualquer maneira seremos uns alienados. A companhia passa a ser um perigo e torna-se inútil. O verdadeiro desafio que o movimento tem diante de si (e que cada um de nós tem no grupo de Fraternidade, na Escola de Comunidade, na vida juntos) é se está apto a gerar pessoas capazes de julgar. Caso contrário, estaremos sempre à mercê do último comentário, da última piada, da reacção deste ou daquele: pensem em quantos somos! No entanto, o juízo é o início da libertação, o primeiro capítulo de *O sentido religioso* o diz. Se queremos ser livres entre nós e no mundo, nas circunstâncias em que estamos, temos

[179] V. aqui, p. 64.

de julgar, ou estaremos sempre à mercê do último guru, seja ele quem for. Pensem o que quiserem, mas eu não quero seguir um guru, nenhum guru! Eu quero seguir aquilo que emerge constantemente na experiência, porque é graças a isso – se eu for leal, se eu estiver disposto a «submeter a razão à experiência», como dizia sempre *don* Giussani citando Guitton – que não posso errar nunca. Por isso, o grande desafio educativo para vocês, para mim, para os vossos filhos, é se o movimento se torna um lugar onde se aprende a julgar, senão tudo o que fazemos é inútil.

Prosperi. Concluímos com uma série de perguntas que nos permitem voltar à questão que ontem colocavas acerca da nossa iniciativa na realidade.

«Quando conheci o movimento nos anos Setenta, participei em manifestações e aderi quando a minha fé se tornou pública. Agora, perante as provocações dos novos direitos e trabalhando numa escola, para mim é urgente tomar uma posição. Eu tento uma resposta minha: será esta uma presença reactiva? Como se percebe que uma presença é original?»

Outra: «Sempre considerámos o fazer como uma verificação do nosso ser. Tu dizes que a gente é atingida pelo nosso estado de vida, não pelas nossas actividades. Então o que são as nossas actividades? Que sentido têm, se o único critério de juízo do que somos é o nosso estado de vida? Tu insististe no fazer, que na minha vida ocupa uma grande parte: trabalho, obras, CdO… O encontro com Cristo põe dentro de ti um fogo pelo qual não podes não agir. O facto de Cristo te leva a agir. Em certos aspectos o fazer coincide com a missão, com as obras. De resto, é fazendo que entendes o facto que te aconteceu. O eu compreende-se em acção, precisamente, fazendo. Porquê, então, esta acepção do fazer que parece negativa?»

Por fim: «Eu não vejo um risco de activismo no movimento hoje, quanto muito o oposto».

Carrón. Aqui todos «fazemos», assim como no Evangelho todos fazem: os fariseus fazem, os discípulos fazem, Jesus faz, todos fazem. Mas Jesus diz: «Se a vossa justiça não superar a dos doutores da Lei e dos fariseus [se a vossa actuação não for diferente da deles], não entrareis no Reino do Céu.»[180] Quer dizer, o problema aqui não é contrapor o fazer ao não fazer, porque é impossível não fazer. O problema é compreender qual é o fazer adequado às provocações, qual é o fazer que responde adequadamente à urgência do real.

[180] *Mt* 5,20.

O Evangelho – para termos exemplos na nossa frente – é o "festival" da contraposição entre o fazer dos discípulos e o fazer de Jesus. Porventura Jesus não queria que fizessem? Diante da provocação no Jardim das Oliveiras, Pedro tem logo vontade de fazer: tira a espada e começa a cortar uma orelha! É um fazer. Mas Jesus diz-lhe: «Estás maluco?! Não te dás conta das milícias de anjos que o meu Pai tem?».[181] Jesus é contra o fazer? Ou haverá na reacção de Jesus um modo de fazer que nasce de uma percepção do desígnio de Deus que aos discípulos escapava completamente?

Numa outra ocasião Jesus manda em missão os discípulos, e eles voltam todos "inchados" pelo seu fazer: «Vimos como o reino de Satanás desabava aos nossos olhos». Mas Jesus diz-lhes: «É isso que vos alegra? Alegrai-vos, não por aquilo que fizestes, mas antes porque os vossos nomes estão escritos no céu».[182]

E, ainda, a tentação que Jesus sofre no deserto é uma tentativa do diabo de que Ele «faça» qualquer coisa. Por que recusa? «Faz que estas pedras se transformem em pão!»[183] Podia ter feito uma enormíssima ONG, resolvia o problema da fome no mundo. Já não haveria necessidade do Banco Alimentar. E não é que Jesus não faça, pensem em quando multiplica os pães. Jesus é contra o fazer? Talvez tenhamos de dar um «passinho» para perceber qual é o fazer que nasce da consciência de Jesus e qual é o fazer que nasce de uma consciência diferente da de Jesus.

Vamos parar de dizer que "na minha opinião" era preciso contrapor o fazer ao não fazer: «Carrón diz que não é necessário fazer». Deus é um grande trabalhador. E o fazer faz parte do ADN do homem. O problema é se o nosso fazer procede da novidade cristã ou procede de outra coisa. Eu nunca pensei – as passagens da nossa história que recordei ontem é que mo fizeram entender bem – que, como disse Giussani, o «frenesim de fazer» daqueles anos nascesse de uma insegurança existencial, de um medo, que nos levava a lançar-nos no fazer, como tantas vezes nós também dizemos agora: «Alguma coisa teremos de fazer», porque senão o medo toma conta de nós todos.

Então é preciso não fazer? Não. O problema é que, se estou certo de que a minha segurança está noutro lugar, posso fazer de forma diferente. Por exemplo, que é necessário fazer diante dos desafios dos novos direitos? Uma pessoa pode mover-se reactivamente, ou tentar compreender qual é a provocação última que está contida neles, porque também as pessoas que procuram estas coisas as procuram por um desejo de realização, como os

[181] Cf. *Mt* 26,52-53; *Jo* 18,10.
[182] Cf. *Lc* 10,17-20.
[183] Cf. *Mt* 4,3.

do ’68 procuravam uma libertação. Se nós não apreendemos isto e não percebemos que a realização que eles buscam não a podem atingir através da imagem reduzida que formam dos seus desejos-direitos, é inútil qualquer discussão. Será uma contraposição que não demoverá ninguém, nem um bocadinho. O que é que os poderá libertar? O que é que fez e faz Jesus? Desperta o homem na sua consciência original, de modo a colocá-lo em condições de reconhecer que determinadas imagens dos direitos são absolutamente insuficientes, precisamente pela natureza do eu, pela natureza infinita do eu; e só nesse momento aqueles que reivindicam certos direitos deixarão de sentir a urgência de os ver reconhecidos por lei, porque se aperceberão de que, mesmo conseguindo obtê-los, são inúteis para responder a toda a dramaticidade do seu eu.

O que fazer perante estas situações? A Rose, quando viu que as pessoas de quem tratava haviam perdido a razão de viver, compreendeu que a única coisa interessante a fazer para aquelas mulheres era o que nos disse *don* Giussani nestes dias: testemunhar que a vida não é um fazer, mas é um amor, é um ser amados, que a consistência do eu está em ser amado. O que haverá de mais interessante para fazer que comunicar o cristianismo não reduzido a espiritualismo, não reduzido na sua espessura histórica? O que é que foi mais influente para aquelas mulheres? O que provocou mais aquele homem que não entendia por que é que se pode ter um filho deficiente, senão um testemunho? O testemunho é um fazer que toma tudo; qual recolher à caserna no inverno! Mas para fazer como a Rose ou para fazer como a nossa amiga é preciso viver de outra coisa. Isto é público ou está fechado numa gaveta? É diante de todos, em qualquer fórum. Todas as nossas iniciativas ou são expressão disto ou não servem como resposta às provocações.

Concluo dizendo que a coisa mais importante a fazer, a razão por que existe a Fraternidade, é o movimento. Esta é «a obra», mais que qualquer outra obra. Porque a coisa mais decisiva para aquelas mulheres é que exista o movimento no Uganda, que as pessoas possam tocar o manto de Cristo mediante alguma das nossas presenças. Então a questão é gerar a comunidade cristã segundo todas as dimensões que ontem recordava: cultura, caridade e missão, com uma modalidade nova, com uma inteligência nova do real, com uma inteligência da fé que se torna inteligência da realidade, com gestos de caridade, como nos dissemos na Jornada de Início de Ano, vivendo gestos de humanidade nova no presente, em todo e qualquer ambiente onde estejamos, com o desejo de partilhar em todas as «periferias» aquilo que nos foi dado – como nos anima a fazer o Papa Francisco –, saindo do nosso cubículo.

Teremos alguma coisa mais interessante que fazer para responder aos desafios com que nos defrontamos?

Avisos

Fundo comum

Recordo quanto disse em Novembro de 2012: «O movimento viveu desde o início exclusivamente graças aos sacrifícios económicos das pessoas que a ele aderem. Quem pertence ao movimento compromete-se a entregar mensalmente uma quota em dinheiro livremente estabelecida, o chamado "fundo comum", que *don* Giussani sempre apontou como gesto educativo para uma concepção comunional do que se possui, para a consciência da pobreza como virtude evangélica e como gesto de gratidão por aquilo que se vive no movimento. Precisamente pela razão educativa referida, não é relevante o valor da quota que cada um paga, mas a seriedade com que se permanece fielmente no compromisso assumido. Para sustentar a vida das nossas comunidades em Itália e no mundo e as iniciativas caritativas, missionárias e culturais, o movimento de Comunhão e Libertação não precisa de mais [todos têm de saber que nós não precisamos de mais!]; e por isso somos livres em relação a tudo e a todos para desenvolver o nosso dever como movimento».[184]

Além disso, noutra ocasião tive a oportunidade de dizer que nós «obedecemos à modalidade com que o Mistério nos dá os recursos. Se temos bastante para fazer cinco, […] não façamos quatro e meio, façamos cinco. Mas se apenas podemos fazer três, façamos três», porque a nossa consistência não é aquilo que fazemos. Cada tentativa nossa é um exemplo. «Jesus não curou os doentes todos do seu tempo»[185] e nós não podemos responder a todas as necessidades. A nossa certeza não está em tudo quanto conseguimos a fazer, mas numa presença que se manifesta através de um exemplo, não na nossa capacidade de vanglória em tudo o que fazemos.

O compromisso de sustentar o fundo comum da Fraternidade vem antes de qualquer outra actividade particular ou iniciativa − precisamente pela razão que se disse, que a construção do movimento e da Fraternidade é a coisa mais decisiva que podemos introduzir no real – em favor da própria comunidade, seja esta de tipo caritativa, missionária ou outro. O fundo comum da Fraternidade é para a construção da obra comum que é o movimento. E isto, foi-nos ensinado, é muito mais para a glória de Deus

[184] J. Carrón, «Com a audácia do realismo. Apontamentos do diálogo naAssembleia Geral da CdO, Milão, 25 de Novembro de 2012», *Passos-Litterae communionis*, Dezembro de 2012, p. VI.

[185] J. Carrón, «A diversidade de uma obra. Apontamentos daAssembleia da "Escola de Obras" para os associados da CdO Obras Sociais, 13 de Junho de 2012», *Passos-Litterae communionis*, Julho/Agosto de 2012, p. XII.

que o apoio a qualquer outra iniciativa. Nenhuma obra nascida de pessoas do movimento é comparável à obra que é o movimento. A confusão acerca do fundo comum é consequência directa da falta de clareza sobre este ponto: que a primeira coisa "a fazer" é a comunidade cristã. Nenhuma outra obra é comparável a esta: a comunidade cristã em si. Nenhuma obra responde à necessidade do homem como a comunidade cristã. Esquecer isto deixa-nos ficar sem critério, à mercê do sentimentalismo. Cada um escolha.

Algumas cartas recebidas dão testemunho de como o compromisso pessoal com o fundo comum é de ajuda para o próprio caminho. «Ontem comecei a receber o subsídio de desemprego. Tinha de pagar o fundo comum. Estava com seis meses de atraso. Quis pagar». Porquê? Qual é a razão? «O apoio da minha família e da comunidade é extraordinário». A razão é a gratidão à história comum.

Outra jovem amiga escreve: «Queria comunicar-vos que comecei a trabalhar em Agosto e estou, desde Outubro, a receber um ordenado. Por isso, é com alegria que aumento a quota do fundo comum. Estou agradecida por poder, com este pequeno gesto, reafirmar que pertenço a esta companhia na qual está o Tu que me restitui continuamente a mim mesma». De novo, a razão é unicamente a gratidão àquele Tu que me restitui a mim mesmo. Por isso, não há coisa mais importante que possamos fazer do que construir a comunidade cristã. O fundo comum serve exclusivamente para construir esta comunidade.

Uma outra pessoa diz que paga o fundo comum «pela gratidão por quanto recebo pela pertença ao movimento». E mais outra: «Como o compromisso com a história do movimento é para a minha vida uma questão importante e fundamental, cuido de mantê-lo [o fundo comum] dentro das minhas possibilidades». A questão do fundo comum é «uma coisa que vinha imediatamente antes de qualquer outra coisa».

Há quem tenha disposto um depósito extraordinário do décimo terceiro mês e quem decide pagar o fundo comum «grato pela superabundância de graça que a pertença ao movimento produz e pelo qual a nossa vida é cada dia mais "perturbada" pela novidade extraordinária da Sua presença». Dois esposos escrevem-nos: «Com infinito reconhecimento pelo caminho destes anos e pela companhia fiel à nossa vida»; e um outro fala de um «agradecimento a Cristo e à companhia que nos sustentou».

São expressões das razões últimas que levam as pessoas a pagar o fundo comum. Como vêem, a questão não é de tipo económico, mas mais uma vez o que é para nós o essencial, reconhecido na origem da atitude pessoal.

Vou comunicar-vos agora os critérios com que utilizámos o fundo comum.

O critério fundamental que nos norteia é que "a obra" da Fraternidade é o movimento como possibilidade de «testemunho e transmissão» a todos da positividade e da utilidade da fé para a vida. Nós não somos uma ONG dedicada a recolher fundos para distribuir.

Desde o princípio da nossa história o fundo comum tem sido empregue segundo estes critérios:

> para assegurar o funcionamento dos instrumentos necessários à vida da Fraternidade (que hoje tem mais de 60.000 inscritos) e do movimento (o pessoal da sede, os utilizadores, as viagens), cuidando porém de manter uma certa essencialidade;

> para sustentar as realidades que exprimem as dimensões do movimento (cultura, caridade, missão) com uma atenção ao que Deus faz acontecer diante dos nossos olhos;

> para sustentar a presença das comunidades do movimento no estrangeiro, em cerca de noventa países, num diálogo permanente com eles para que, no tempo, possam fazer face às suas necessidades directamente.

> Uma preocupação a que sempre se prestou muita atenção é a de ajudar pessoas ou famílias necessitadas do movimento, em Itália e no mundo, que se confrontam com situações de necessidade imprevistas (a morte de um cônjuge ou a perda temporária do emprego), cuidando que, se a necessidade se prolonga no tempo, se crie em torno delas uma rede de amizade que as ajude, em primeiro lugar, a avaliar a nova situação que se criou, e que depois as acompanhe eventualmente na reformulação das necessidades da própria família. Algumas vezes ficou patente que a verdadeira necessidade era propriamente esta companhia, mais do que a necessidade económica a que a Fraternidade podia responder. Nós tomamos sempre em consideração todos os pedidos que nos chegam, examinando-os com muito realismo porque damos valor a isso, a usar bem os fundos recolhidos, que são fruto do sacrifício de cada um; nem todos os desejos ou necessidades, como bem podem compreender, podem ser só por si acolhidos.

> Há ainda o apoio a obras (caritativas ou culturais) consideradas significativas para o testemunho da riqueza do carisma, que num determinado momento histórico precisaram de ajuda.

Faço agora dois esclarecimentos:

> o primeiro: a ajuda que a Fraternidade pode dar nunca é por tempo indeterminado. Os critérios que desde sempre se usaram – todos aprendidos da modalidade com que *don* Giussani nos ensinou a todos a considerar o uso do dinheiro – foi promover a responsabilidade de quem é ajudado.

A nossa ajuda nunca pretende ser um assistencialismo, porque em cada opção há sempre, acima de tudo, uma preocupação educativa: fazer surgir o sujeito;

> a segunda: a Fraternidade não é um banco! Por isso, não pode nem quer conceder empréstimos ou cobrir buracos de empresas ou de obras em dificuldade. Não podemos intervir nas empresas em perda, mas se este facto determina alguma necessidade económica das famílias, podemos ajudar temporariamente as famílias.

Outras ajudas são dadas para o sustento dos sacerdotes comprometidos na vida do movimento; para as necessidades da Igreja (óbolo ao Papa, ofertas a instituições religiosas, etc.); para fazer frente a situações de emergência (por exemplo um terramoto).

Arquivo

Preservar a memória do que Deus faz acontecer entre nós parece-nos um dever fundamental. Pensem que isso permitiu, antes de mais, recuperar muitos textos de *don* Giussani (hoje colocados à disposição também no site *scritti.luigigiussani.org*), os três volumes de D. Massimo Camisasca sobre a história do Movimento e agora o livro de Alberto Savorana sobre a vida de *don* Giussani.

Além disso, com o pedido de abertura da causa de beatificação, aumentou a necessidade de recolher todo o material inédito que se possa encontrar, da sua correcta conservação e da sua rigorosa catalogação.

Peço que reflictam bem, sobretudo às pessoas que têm uma certa idade e história no Movimento: pensem nos vossos relacionamentos com *don* Giussani, em eventuais cartas ou bilhetes que receberam dele, em textos ou gravações que guardam no sótão, esquecidos. Garanto que ainda há muito material por aí. Poder receber o original de cartas, bilhetes, etc., é muito importante para nós, por muitas razões, uma das quais é a sua conservação. Em todo caso, é suficiente fazer chegar ao arquivo uma cópia bem feita.

***

Termino lendo o telegrama enviado ao Papa Francisco:

«Santidade, a Vossa saudação e a Vossa bênção, que o cardeal Parolin nos trouxe durante a celebração eucarística, encheram de alegria e de gratidão os corações dos 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e

Libertação, reunidos em Rimini para os Exercícios Espirituais anuais e de milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações.

Estes dias foram marcados pela Vossa chamada àquilo que é "essencial, ou seja, Jesus Cristo", que nos indica constantemente o método: "Convencidos, em virtude da própria experiência, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-lo, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar às apalpadelas".

A história de *don* Giussani chama-nos ao facto de que a fé é reconhecer uma Presença pertinente às exigências da vida: crescer na familiaridade com Cristo permite-nos viver hoje em todas as periferias da existência. João e André, Pedro, Zaqueu e a Samaritana, mostram-nos a estrada para a maturidade: "Seguir Jesus faz-nos conhecer Jesus" e faz-nos ultrapassar aquela insegurança existencial que nos faz pôr a esperança no nosso fazer.

Perante o desafio das circunstâncias quotidianas, aprofundámos a consciência de que, para conhecer verdadeiramente Cristo, como Vossa Santidade disse, "não é suficiente aquilo que estudámos no catecismo", mas "é necessário fazer o caminho que Pedro fez", determinados na corrida para O alcançar.

Mais conscientes de que o movimento caminha exclusivamente em virtude da afeição a Cristo e que "a pessoa se descobre a si mesma num encontro vivo", entregamos nas Vossas mãos, Santo Padre, todas as nossas pessoas e comunidades, com uma súplica que é "mendicância, certa da misericordiosa resposta" (*don* Giussani).

Nestes dias de Exercícios redescobrimos que "dar a razão da fé significa descrever sempre mais, sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja na sua autenticidade, aquela cuja 'sentinela' é o Papa de Roma" (*don* Giussani). Por isso, pedimos a Nossa Senhora que renove em Vós, ao surgir cada dia, a experiência daquela filiação do Padre que se torna geradora de vida nova na letícia, como vemos acontecer em cada gesto e palavra Vossos».

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Ez 37,12-14; Sal 129 (130); Rm 8,8-11; Jo 11,1-45

HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI

Escutámos no início dos Exercícios estas palavras: Cristo surpreende-nos sempre com uma presença toda original: mostra a Sua divindade expandindo a nossa razão de forma desconcertante.[186]

É a experiência que estamos a viver nestes Exercícios, que estamos a aprender a reconhecer na nossa vida e na vida do movimento. E, ao reconhecermos esta graça, somos chamados a considerar suas condições e circunstâncias, não excluindo da nossa parte um trabalho em que não faltam fadigas e interrogações.

Mas não estamos sós. Também aqui experimentamos a graça do Senhor na companhia de duas discípulas de Cristo: Marta e Maria, as irmãs de Lázaro. O Evangelho de hoje mostra-nos que esta possibilidade de redução da fé está presente também em pessoas sinceramente apegadas a Cristo, aliás, pessoas que faziam parte do círculo de Seus amigos mais íntimos. Uma redução que pode até ser pura reactividade – «Senhor, o teu amigo está doente: vem depressa!»; que pode resumir-se na decepção resultante do facto que Cristo não parece ceder à nossa vontade, àquilo que nós já decidimos – porque mesmo a cura de uma doença, mesmo a própria ressurreição de um morto há quatro dias não é *a* resposta: com efeito, Lázaro, depois, teve de morrer outra vez...

A reacção concorde de Marta e de Maria – «Senhor, se tivesses estado aqui…» – é uma reacção de queixa e decepção. Fica apenas um último ponto de fé, muito semelhante às palavras daquele pai que disse a Jesus: «Eu creio, mas ajuda-me na minha falta de fé» (*Mc* 9,24), quando Marta diz: «Mas mesmo assim, eu sei que o que pedires a Deus…» Que significa esta afirmação? Marta ainda não acredita que Jesus possa ressuscitar o irmão, porque logo em seguida diz: «Eu sei que há-de ressuscitar, sim, mas no último dia». E ainda, já junto do túmulo, porá uma objecção: «Mas, Senhor, está morto há quatro dias!» Mais, Marta está convencida de que Jesus pode ainda, quiçá, encontrar um modo de consolá-la, uma espécie de "plano B", um expediente, que atenue – mas sem a tirar totalmente – uma possibilidade de queixa e de reivindicação.

Nós também a conhecemos bem esta atitude: é um modo de viver a relação com Cristo em que fica sempre alguma coisa que não se entregou

[186] V. Introdução, p. 10.

a Ele. Tal atitude não afecta acima de tudo a esfera moral, mas vai atingir a própria natureza do juízo e da experiência de fé que fazemos, já que – diante das decepções e das agruras da vida – nos conduz inclusivamente a construir e a imaginar soluções improvisadas, com as quais nós próprios pretenderíamos oferecer a Jesus uma "saída honrosa" da desilusão que Ele mesmo nos causou.

Eis aqui descrita, nesta atitude, a redução mais tremenda da fé: aquela que mais uma vez subordina tudo ao nosso juízo ainda enfermo, que parte de uma redução do desejo produzida em nós não só pelo poder, mas que nós próprios favorecemos, mostrando-nos prontíssimos a contentar-nos com receber de Cristo apenas um "prémio de consolação", cujo máximo proveito – e isto é absolutamente dramático, se e quando nos damos conta – consiste no *facto* de continuarmos teimosamente a considerar-nos, de facto, "credores" de Cristo, por tudo aquilo que Ele não pode ou não quer dar-nos.

Mas Cristo não tolera, não aceita esta redução. Percebemos isso pelo modo como insiste com Marta: «Teu irmão ressuscitará», isto é: não reduzas o teu desejo, não percas o conteúdo da promessa da qual brota a fé. Fica sabendo que a vida do teu irmão tem bem mais importância para Deus do que para ti: tu não tens o exclusivo do amor por ele!

O amor de Deus não admite ser reduzido a uma promessa longínqua no tempo, tão remota que conviva pacificamente com a redução da fé a uma "vaga consolação", para alimentar depois o cinismo e o queixume.

O amor de Deus, o que doa a vida e a conserva, não é um conceito, mas uma Presença. E Jesus diz: «*Eu* sou a ressurreição *e* a vida»; isto é: a ti, Marta, digo com esta afirmação que a minha presença não afecta só a ressurreição, e portanto o teu irmão morto, mas afecta a vida, portanto também te afecta a ti, que precisas tanto de Mim para viver quanto o teu irmão para ressuscitar.

A redução da fé a um discurso ou a uma vaga consolação, de facto, anda a par da impossibilidade de conhecer realmente o que é a vida, porque traz consigo a redução da vida àquilo que nós conseguimos imaginar, àquilo que podemos concluir apressadamente, sem um verdadeiro juízo, acerca da nossa existência. Ao passo que a vida verdadeira é – simples e irredutivelmente – a de Cristo: uma vida na qual o homem é unido e como que compenetrado com o Divino, e portanto alcança a sua plena estatura graças à Presença d'Ele (cf. *Ef* 3,17-19).

«Aquele que vive e acredita em Mim, não morrerá jamais», diz Jesus a Marta. «Acreditas nisto?» Cristo faz cintilar nos olhos de Marta bem mais que a consolação pela morte do irmão. O que lhe dá a experimentar

é o pleno cumprimento do seu desejo de infinito. Mas isto está necessariamente ligado à fé: fé, não numa verdade abstracta, não numa doutrina impessoal, mas numa pessoa, o próprio Cristo, que está diante dela.

A resposta de Marta é semelhante à que deu Pedro à tripla pergunta «Simão, filho de João, tu amas-me?» (cf. *Jo* 21,15-17), porque também Marta não responde directamente à pergunta de Cristo, mas confessa honestamente tudo quanto pode dizer d'Ele: «Sim, Senhor, eu creio firmemente que Tu és o Cristo, o Filho de Deus, que devia vir ao mundo».

Então, como podemos afirmar – digo isto para nós – como podemos afirmar e aferrar Cristo? Como podemos fazer uma experiência real da verdade, daquela verdade de que Cristo fala ao afirmar: «Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em Mim, não morrerá jamais»? Porque somente esta é a afirmação plenamente pertinente à nossa vida, na medida em que é a afirmação da Sua presença objectiva na realidade.

Eu começo a fazer experiência desta presença objectiva por meio de um juízo novo, o mesmo é dizer quando reconheço esta objectividade da Sua presença como *mais verdadeira* até que o meu pensamento e o meu juízo. Reconheço-a e desejo ser sempre mais fascinado e atraído por ela, fazendo dela a razão mesma de viver.

E esta objectividade da presença de Cristo, que para Marta estava ali na frente, a nós é dada na presença de um Sacrifício, o de Cristo na Eucaristia. E a nossa única resposta possível a este Sacrifício é aquilo a que S. Carlos Borromeu chamava «o sacrifício da vontade».[187] Só este sacrifício de nossa vontade nos coloca na posição mais correcta para reconhecer de verdade a nossa história, para nos fundar sempre mais sobre a iniciativa de um Outro. Mas a palavra sacrifício tem um significado que tradicionalmente é explicado como *sacrum facĕre*, «tornar sagrado» algo. Então, sacrifício não é antes de tudo uma perda, mas tornar algo plenamente conforme ao

[187] Cf. Carlos Borromeu, *Preghiere*, Milão, Edizioni O.R., 1984, p. 20-21: «Arrependidos, Senhor, do nosso modo de proceder, queremos repará-lo. Pedimos perdão a todos aqueles que ofendemos e nos prostramos a seus pés para o alcançar: e se alguém injustamente se irou contra nós provocando o nosso desdém por palavras e por actos, por Vosso amor nós, Senhor, agora o perdoamos sinceramente. Assim reconciliados, voltamos ao Vosso altar para Vos apresentar a nossa oferenda, *para Vos imolar a nossa vontade, aquilo que nos é mais caro, para Vos sacrificar o nosso coração, aquilo que é mais agradável a Vós*. No Vosso trono santo dignai-vos, Senhor, aceitar a nossa oblação e considerai com benevolência e misericórdia os nossos dons que, tal como são, para sempre devem ser coisas Vossas. Queremos de novo entregar-Vos todo o nosso ser, nós que somos obra das Vossas mãos, e que em nenhum outro lugar, a não ser nas Vossas mãos, possamos encontrar maior segurança».

que Deus quer. O sacrifício de nossa vontade não é pois, anular a nossa vontade, mas torná-la assim como Deus a pensou. Não é uma perda, mas um ganho, aliás: é a condição necessária para reaver nós mesmos. Não é um caso que este sacrifício da vontade seja renovado toda vez que estamos diante da Eucaristia, porque essa é a estabilidade de Cristo, esse é o seu ser Rocha para nós.

E a única atitude adequada em nós, que corresponde a isto – uma vez após a outra, circunstância após circunstância – é a entrega a Ele, a esta Sua presença objectiva e real, da nossa liberdade, sempre necessitada de ser não apenas curada, mas alimentada e fortalecida para crescer e amadurecer até à estatura do homem perfeito, do homem em Cristo.

Corramos, pois, para alcançar Cristo: não como uma presença evanescente, mas como fundamento do nosso existir. Corramos decididos a alcançá-Lo com todo o nosso ser, desejando que o amadurecimento da fé nos mostre cada vez mais como é necessário para a nossa existência depositar a nossa total confiança na Sua presença, no Seu juízo, no Seu acontecer na realidade, mais do que nas nossas ilusórias representações.

Só assim teremos uma vida para testemunhar, por tê-la experimentado nós mesmos.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

«*Correndo para O alcançar*» (*Fil* 3,12) exprime inteiramente o dinamismo da vida cristã.

A imagem diz do amor por Cristo, capaz de orientar com decisão o nosso desejo. Contrariamente à mentalidade dominante que separa o amor do desejo e os opõe um ao outro numa exclusão recíproca, Jesus, o Eterno que entrou no tempo, compõe estes dois factores. Isso suscita no cristão a capacidade do "para sempre" que não teme o sacrifício, que não opõe o desejo ao dever. Pelo contrário, a corrida identifica aquela capacidade de desprendimento que torna possível alcançar no quotidiano Jesus, o Amado.

«Posse no desprendimento», ensinou o Servo de Deus Mons. Luigi Giussani para nos falar da virgindade e da indissolubilidade do matrimónio, a fim de que o Reino de Deus se manifeste como inicial mas real experiência na nossa vida e na vida da Igreja.

Pedindo a todos uma oração, asseguro a minha oração pessoal por estes Exercícios e vos abençoo de coração.

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo padre Julián,

Não podendo participar nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, uno-me a todos vós neste momento de graça em que o Senhor nos precede para que possamos escutar a voz do Espírito e assimilar o carisma de *don* Giussani para contagiar com a «alegria do Evangelho» os que nos estão próximos ou distantes.

Neste tempo de graça, marcado pelo pontificado do Papa Francisco e pela canonização de dois Sumos Pontífices que sacudiram a vida da Igreja e nela promoveram uma profunda renovação, os Exercícios são a ocasião para retomar sempre de novo a centralidade da pessoa salvada por Cristo e sustentada pela comunhão da Igreja para a libertação do mundo.

«Corro para O alcançar»: é o movimento do eu, conquistado por Cristo e ansiando proclamar o seu nome com o testemunho da missão nas nossas periferias. Vejo quanto isto é urgente na minha diocese de Taranto onde muitos esperam da Igreja uma luz e uma esperança verdadeiras na dura realidade marcada por vários conflitos. A experiência do movimento

vem dando-me o coração para estar perto das pessoas como *don* Giussani estava perto de nós com a afeição e com o juízo e como tu nos apontas na condução do movimento.

Padre Julián, aproveito a ocasião para te dar os parabéns pela reeleição como responsável da Fraternidade de Comunhão e Libertação e assegurar a minha oração por ti e por todo o movimento. Nos meus 27 anos de missão no Brasil e na América Latina, e nestes anos de serviço à Igreja em Itália, verifiquei a grande graça que é o carisma para o mundo no serviço à Igreja e especificamente ao Santo Padre.

A todos o meu abraço cordial e a bênção do Senhor.

S.E.R. Mons. Filippo Santoro
Arcebispo Metropolita de Taranto

Caríssimo padre Julián,

Com esta minha, participo tanto quanto posso no grande evento dos Exercícios Espirituais, para os quais faço votos do maior sucesso para a verdade da vida de fé dos milhares de pessoas que neles participam.

Há já muitos anos, quando li a *don* Giussani um excerto de um grande discurso de João Paulo II, de 1980, que dizia: «…há um autêntico desafio que a Igreja tem de enfrentar, e uma tarefa gigantesca que deve realizar, e para a qual ela precisa da colaboração de todos os seus filhos: transformar de novo a fé em cultura nos diversos espaços culturais do nosso tempo, reincarnar os valores do humanismo cristão».

Don Giussani disse-me: ajudemos este grande homem, ponhamos todas as nossas energias, inteligência, coração, afeição para que este Seu projecto se possa realizar.

Hoje como então a verdade da nossa experiência de fé, o calor da nossa caridade, e o ímpeto da nossa missão são chamados a dar um contributo significativo à Igreja, que vive hoje um momento trágico e ao mesmo tempo exaltante.

Tenho no meu coração, como há mais de 50 anos, cada um de vós.

A todos abençoo de coração.

S.E.R. Mons. Luigi Negri
Arcebispo de Ferrara-Comacchio

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Francisco

Santidade, a Vossa saudação e a Vossa bênção, que o cardeal Parolin nos trouxe durante a celebração eucarística, encheram de alegria e de gratidão os corações dos 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais e de milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações.

Estes dias foram marcados pela Vossa chamada àquilo que é "essencial, ou seja, Jesus Cristo", que nos indica constantemente o método: "Convencidos, em virtude da própria experiência, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-lo, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar às apalpadelas".

A história de *don* Giussani é uma chamada de atenção para o facto de que a fé é reconhecer uma Presença pertinente às exigências da vida: crescer na familiaridade com Cristo permite-nos viver hoje em todas as periferias da existência. João e André, Pedro, Zaqueu e a Samaritana, mostram-nos a estrada para a maturidade: "Seguir Jesus faz-nos conhecer Jesus" e faz-nos ultrapassar aquela insegurança existencial que nos faz depositar esperança no nosso fazer.

Perante o desafio das circunstâncias quotidianas, aprofundámos a consciência de que, para conhecer verdadeiramente Cristo, como Vossa Santidade disse, "não é suficiente aquilo que estudámos no catecismo", mas "é necessário fazer o caminho que Pedro fez", determinados/firmes na corrida para O alcançar.

Mais conscientes de que o movimento caminha exclusivamente em virtude da afeição a Cristo e que "a pessoa se descobre a si mesma num encontro vivo", entregamos nas Vossas mãos, Santo Padre, todas as nossas pessoas e comunidades, com uma oração que é "mendicância, certa da misericordiosa resposta" (*don* Giussani).

Nestes dias de Exercícios redescobrimos que "dar a razão da fé significa descrever sempre mais, sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja na sua autenticidade, aquela cuja 'sentinela' é o Papa de Roma" (*don* Giussani). Por isso, pedimos a Nossa Senhora que renove em Vós, ao surgir cada dia, a experiência daquela filiação do Padre que se torna geradora de vida nova na letícia, como vemos acontecer em cada gesto e palavra Vossos».

Padre Julián Carrón

Sua Santidade o Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

De Rimini, onde celebrámos os Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, queremos dizer-Lhe que rezámos pela Vossa pessoa, agradecidos a Deus porque Vos sentimos como testemunha fiel da frase de São Paulo que dá o título ao nosso encontro: «Correndo para O alcançar».

Nossa Senhora torne cada dia mais feliz o Vosso caminho de homem conquistado por Cristo. Recorde-nos na Vossa oração, pedindo a santidade para cada um de nós na fidelidade ao carisma de *don* Giussani e seguindo o Papa Francisco no caminho para o Destino.

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini e milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações com a vontade de seguir o Papa Francisco que nos conduz a conhecer Jesus, regressamos a nossas casas com o desejo de tornar visível o essencial, que é Jesus Cristo, o único que «responde ao anseio de infinito que há em cada coração humano» (*Evangelii Gaudium*).

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanisław Ryłko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima,

24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini e milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações conformam o compromisso de seguir Cristo vivendo «a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a Sua amizade e a Sua mensagem» (*Evangelii Gaudium*). A fidelidade ao carisma de *don* Giussani e ao Papa Francisco nos sustentam na tentativa de tornar visível o essencial, que é Cristo, que sustenta o esforço quotidiano do viver.

Padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo,
Obrigado pela tua mensagem. Nestes dias de Exercícios Espirituais fizemos de novo a experiência de que «não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-lo» (*Evangelii Gaudium*). Embora na fragilidade, estamos determinados na corrida para O alcançar. Roga a Nossa Senhora de Caravaggio que mantenha cada um de nós na fidelidade ao carisma de *don* Giussani no seguimento do Papa Francisco, a fim de que a nossa existência seja sempre mais «testemunho e transmissão» a todos daquilo que é essencial, que é Cristo, vida da nossa vida.
Padre Julián Carrón

S.E.R. Mons. Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

Caríssimo Filippo,
Agradecemos-te por tudo quanto nos escreveste. No decurso dos Exercícios Espirituais fizemos memória do carisma na nossa vida, na fidelidade do qual procuramos aquela personalização da fé a que nos convida o Papa Francisco, para sermos como ele determinados na corrida para O alcançar e assim nos tornarmos companheiros na estrada rumo ao destino pelos nossos irmãos homens.
Padre Julián Carrón

S.E.R. Mons. Luigi Negri
Arcebispo de Ferrara-Comacchio

Caríssimo Luigi,
Estamos muito agradecidos pela tua mensagem, que teve acolhimento nestes Exercícios no desejo de fazer nosso o convite de *don* Giussani a personalizar a fé até ao nível em que se torna juízo sistemático e crítico sobre a realidade, para responder ao apelo missionário do Papa Francisco testemunhando «o essencial», que é Jesus Cristo.
Padre Julián Carrón

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(Guia de leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica à entrada e à saída)

As imagens pertencem ao conjunto de frescos realizados por Giotto entre 1303 e 1305 na Capela dos Scrovegni (Santa Maria da Caridade) em Pádua. Através da constante atenção aos olhares das personagens, fio condutor de toda a sua narrativa pictórica, Giotto convida cada um de nós a cruzar o próprio olhar com o de Cristo para aprender a olhar para a realidade como Ele olha para nós.

1 A abóbada, pormenor das estrelas
2 Conjunto da abóbada com os medalhões com Cristo (sol), Maria (lua) e oito profetas (planetas)
3 Medalhão com Cristo dando a bênção
4 Medalhão com Maria e o Menino
5 Arco sobre o altar: anjo anunciador
6 Arco sobre o altar: Maria recebe o anúncio
7-8 A visitação, conjunto e pormenor
9-10 A natividade, conjunto e pormenor
11-12 A adoração dos Magos, conjunto e pormenor
13-14 A apresentação no templo, conjunto e pormenor
15-16 A fuga para o Egipto, conjunto e pormenor
17-19 O massacre dos inocentes, conjunto e pormenor
20 Jesus entre os Doutores do Templo
21-22 O baptismo de Jesus no Jordão, conjunto e pormenor
23-24 As bodas de Caná, conjunto e pormenor
25-27 A ressurreição de Lázaro, conjunto e pormenor
28-29 A entrada em Jerusalém, conjunto e pormenor
30 A expulsão dos vendilhões do Templo
31 A traição de Judas
32-33 A última Ceia, conjunto e pormenor
34-36 O lava-pés, conjunto e pormenor
37-38 O beijo de Judas, conjunto e pormenor
39 Jesus perante Caifás
40 Cristo escarnecido
41 A subida ao Calvário
42 A crucificação

43-44 Lamentação sobre Cristo morto, conjunto e pormenor
45-46 *Noli me tangere*, conjunto e pormenor
47-48 A Ascensão, conjunto e pormenor
49-50 O Pentecostes, conjunto e pormenor
51 O Juízo Universal, conjunto
52 O Juízo Universal, pormenor: Cristo juíz
53 O Juízo Universal, pormenor: apóstolos nos seus tronos
54-55 O Juízo Universal, pormenor: anjos
56 O Juízo Universal, pormenor: anjo enrolando o céu
57 O Juízo Universal, pormenor: o inferno
58-59 O Juízo Universal, pormenor: os eleitos
60 Enrico Scrovegni dedica a Capela a Maria
61 Oração pelo florescimento das varas, pormenor
62 Arco triunfal sobre a ábside: Cristo no trono ladeado de anjos
63 Arco triunfal sobre a ábside, pormenor: Cristo no trono

Índice

Sexta-feira 4 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4
SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 14

Sábado 5 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – ***O essencial para viver*** 15

Sábado 5 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – ***A estrada da maturidade*** 45

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. O CARDEAL PIETRO PAROLIN SECRETÁRIO DE ESTADO DO VATICANO*

Domingo 6 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 80

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI* 101

MENSAGENS RECEBIDAS 105

TELEGRAMAS ENVIADOS 107

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA 110

Edição não destinada a venda no circuito comercial
Taprobana – Associação Cultural
R. Mouzinho da Silveira, 27-7ºB, 1250-166 Lisboa
Tel. (+351)213590584 – cl@taprobana.pt
Paginação: Ultreya, Milão
Impressão: Lithoformas, SA
Acabou de se imprimir em Junho de 2014